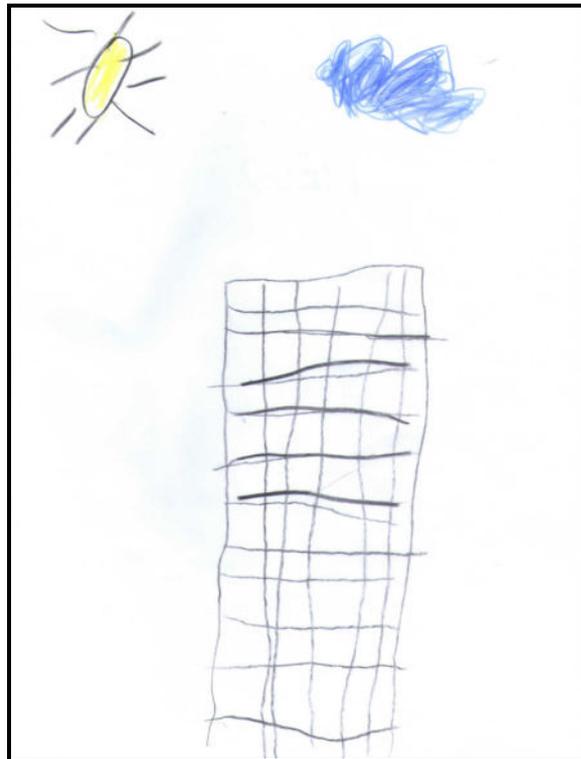


UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FEUSP

CAROLINA ABRÃO GONÇALVES

Ser criança imigrante boliviana na Ocupação Prestes Maia:

O cotidiano e os sonhos da infância



Fonte: Desenho feito por Luiz, 2017

São Paulo

2018

CAROLINA ABRÃO GONÇALVES

Ser criança imigrante boliviana na Ocupação Prestes Maia:

O cotidiano e os sonhos da infância

(Versão Corrigida)

Dissertação apresentada à Faculdade de
Educação da Universidade de São Paulo
(FEUSP)

Área de Concentração: Sociologia da
Educação

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marcia Aparecida
Gobbi

São Paulo

2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

371.974 Gonçalves, Carolina Abrão

G635s Ser criança imigrante boliviana na Ocupação Prestes Maia: o cotidiano e os sonhos da infância / Carolina Abrão Gonçalves; orientação Marcia Aparecida Gobbi. São Paulo: s.n., 2018.

194 p. ils.; graf.; tabs.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Sociologia da Educação) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Crianças (Bolívia) 2. Imigração 3. Ocupação Prestes Maia 4. Infância I. Gobbi, Marcia Aparecida, orient.

Elaborado por Nicolly Leite – CRB-8/8204

Nome: GONÇALVES, Carolina Abrão

Título: Ser criança imigrante boliviana na Ocupação Prestes Maia: O cotidiano e os sonhos da infância

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Educação, da Faculdade de Educação – FE, da Universidade de São Paulo – USP, para obtenção do título Mestre em Sociologia da Educação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.:

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.:

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.:

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

São Paulo, ____ de Março de 2018.

Dedicatória

Ao sentimento de esperança ainda existente nas pessoas que lutam por rupturas criativas e transformadoras. Que assim como a flor do altiplano, kantuta, a esperança possa alimentar esta luta. Às famílias, às crianças, à chegada da pequena Rosa e aos sonhos!

Agradecimentos

À todas as crianças que conheci e conheço ao longo da vida e à contribuição que cada uma delas teve na construção do meu olhar acerca da valorização das suas cem e tantas outras linguagens. Aos meninos e meninas bolivianas que encontrei durante carreira docente e alimentaram à vontade de pesquisar. Em especial a todas as crianças bolivianas e brasileiras da Ocupação Prestes Maia que tive o prazer de conhecer e trocar ricas experiências.

Às lideranças das Ocupações Mauá e Prestes Maia que são grandes exemplos de engajamento na luta pelo direito à moradia e à dignidade humana. Especialmente à Neti, Silmara, Juliana e Diovana. Aos irmãos Guilherme Herrera e Emanuelle Herrera que incentivaram à pesquisa na Ocupação e foram de grande contribuição. Às famílias bolivianas sempre acolhedoras e corajosas em expor suas trajetórias de vida à uma estranha. Às demais famílias de paraguaios, colombianos e brasileiros que também estão engajados na luta pela habitação coletiva em São Paulo.

À querida Márcia Gobbi, orientadora e amiga de viagens, passeios, uber, restaurantes e tantas outras aventuras que tivemos. À sua coragem em acreditar nas pesquisas que abordam temáticas pouco valorizadas pela academia. Por me apresentar os movimentos sociais, desde os Sem Terrinhas até as crianças sem-teto. Obrigada pela parceria e que esta continue...

À Prof^a. Carolina Catini e ao Prof^o. Caio Boucinhas pelo aceite em participar da banca examinadora da dissertação, sendo um grande orgulho tê-los presente com os admiráveis trabalhos desenvolvidos.

À Professora Dr^a Maria Letícia Nascimento e ao Prof^o. Dr. Renato Seixas pelo apoio e indicações ao longo dos estudos e na banca examinadora de qualificação.

À minha primeira orientadora Daniela Finco que ainda na Universidade Federal de São Paulo acreditou em mim, alimentando o sentimento de esperança e empoderamento feminino.

As queridas amigas que também partilharam das minhas angústias, em especial as parceiras de USP do grupo de estudos Sociologia da Imagem e Infância: Maria, Ana Carolina, Lilith, Margarida, Djenane, Julia, Priscila, Ana Julia e Sidiane. E as parceiras do grupo de estudos da Prefeitura: Rosa, Anita, Rosangela, Natasha e Indira. Além das minhas irmãszinhas de desabafo Jemima e Eunice Yara. Também agradeço às aulas de yoga que me ajudaram e a mestra Tati. Namastê!

Aos familiares que compreenderam as ausências nos períodos de escrita, com exceção do pequeno Augusto, que reclamou bastante, mas que em troca doou todo o seu carinho à madrinha. Em especial aos meus pais e irmão que sempre estiveram dando apoio nas horas necessárias e ao querido companheiro de vida Alessandro que com seu jeito paciente me incentivou a prosseguir e não desistir dos estudos.

À minha grande surpresa, que veio junto ao momento de finalização do texto, Rosa!

Gratidão à todxs!

GONÇALVES, C. A. **As crianças imigrantes bolivianas na Ocupação Prestes Maia: O cotidiano e os sonhos da infância.** 2018. Dissertação de Mestrado em Educação – FE – USP – Sob orientação da Professora Doutora Márcia Aparecida Gobbi. São Paulo, 2018.

RESUMO

Este trabalho analisa o cotidiano e os sonhos das crianças imigrantes bolivianas de 2ª geração moradoras da ocupação vertical Prestes Maia, com o intuito de constatar como estes meninos e meninas vivenciam a infância cujas experiências transitam entre Brasil e Bolívia, em ser sem-teto, frequentar a escola pública e principalmente em expressar as suas brincadeiras e maneiras de habitar a cidade e a moradia ocupada. O objetivo desta pesquisa se amplia ao trazer as narrativas dos familiares das crianças que expõe suas trajetórias como imigrantes, principalmente as dificuldades encontradas na cidade em relação ao trabalho e habitação, levando-os a participar da Frente de Luta por Moradia (FLM). A observação participante e entrevistas semiestruturadas (realizadas com familiares das crianças e uma das coordenadoras da Ocupação Prestes Maia) ocorreram ao longo do ano de 2016. As oficinas que inicialmente começaram na brinquedoteca da Ocupação se expandiram para outros espaços, como escadas, lajes e pátios, consistindo em práticas que envolveram rodas de conversa, brincadeiras, desenhos, fotografias e dobraduras. Os dados coletados e compostos com as crianças foram fundamentais na compreensão desta nova geração de imigrantes que se forma em um cotidiano permeado por dificuldades e sonhos de uma vida melhor, como a aquisição da casa própria. Confirma-se a hipótese de uma infância que em seu cotidiano revela experiências que apontam para a composição de identidades híbridas, transitando entre Brasil e Bolívia e em busca dos seus direitos de crianças, como o brincar e habitar a moradia ocupada.

Palavras-chave: Crianças bolivianas. FLM. Imigração. Luta por Moradia. Ocupação Prestes Maia. Sem-teto.

ABSTRACT

This work analyzes the daily life and dreams of the bolivian immigrant childrens of second generation living in the vertical occupation Prestes Maia, with the purpose of verifying how these boys and girls live infancy whose experiences transiting between Brazil and Bolivia, in being homeless, attending public school and especially in expressing their joking and ways of inhabiting the city and the occupied dwelling. The objective of this research is extended by bringing the narratives of the families of the children that exposes their trajectories as immigrants, especially the difficulties encountered in the city in relation to work and housing, leading them to participate in the Front for Struggle for Housing (FLM). The participant observation and semi-structured interviews (conducted with family members of the children and one of the coordinators of the Prestes Maia Occupation) occurred throughout 2016. The workshops that initially started in the Ocupação toyroom expanded into other spaces, such as stairs, slabs and patios, consisting of practices involving talk wheels, plays, drawings, photographs and fold of paper. The collected data were fundamental in the understanding of this new generation of immigrants that forms in a daily life permeated by difficulties and dreams of a better life, like the acquisition of the house. We confirm the hypothesis of a childhood that in its daily life reveals experiences that point to the composition of hybrid identities, transiting between Brazil and Bolivia and in search of their rights of children, such as playing and inhabiting the occupied dwelling.

Keywords: Bolivian children. Immigration. Occupation Prestes Maia

Sumário

Introdução:

1. O caso da tartaruga _____ 15
2. Seguindo pistas _____ 23

Capítulo 1 – Sobre Morar em São Paulo: As Famílias Imigrantes da Bolívia na Ocupação Prestes Maia

- 1.1. Entre duas gerações de imigrantes bolivianos _____ 42
 - 1.1.1. Infância imigrante na Cidade de São Paulo _____ 43
 - 1.1.2. Trajetórias da imigração boliviana até a terra paulista _____ 46
- 1.2. Desafios enfrentados por imigrantes bolivianos no Brasil _____ 54
 - 1.2.1. A inserção no trabalho precarizado _____ 54
 - 1.2.2. A questão da moradia e chegada das famílias bolivianas na Ocupação Prestes Maia _____ 64
- 1.3. Prestes Maia: histórias do Edifício _____ 71

Capítulo 2 - “Onde estão as crianças?”: Seguindo Pistas do Cotidiano da Infância Imigrante na Prestes Maia

- 2.1. Bolivianas (os) e/ou Brasileiras (os): Conhecendo as crianças imigrantes bolivianas de 2ª geração _____ 84
- 2.2. “Onde estão as crianças?”
 - 2.2.1. “Meu lugar preferido é aqui!”: Início das oficinas e o encantamento com a brinquedoteca _____ 96
 - 2.2.2. . “Não deixo brincar muito no corredor. Brincam mais dentro de casa”: As presenças e ausências das crianças bolivianas nos corredores _____ 119

2.2.3. “É proibido jogar bola e andar de bicicleta no andar!”: Regras, negociações e transgressões entre o direito de brincar e os conflitos com os adultos _____	125
2.2.4. “Você é adulta...então podemos brincar na laje?” _____	128
2.2.5. “Já é hora de subir!”: caminhos e recados entre brincadeiras nas escadas _____	132

Capítulo 3 – Os sonhos no cotidiano da luta por habitar

3.1. “Tal pai, tal filho”: o sonho da casa _____	148
3.2. Conversando sobre sonhos _____	161
3.3. “A Bolívia é aqui?”: a busca por habitar na cidade de São Paulo _____	170

4. Considerações Finais: Transgressões e rupturas do cotidiano, pois afinal, sonhar é possível? _____	179
--	-----

5. Referências Bibliográficas _____	184
--	-----

Anexos _____	193
---------------------	-----

Lista de Abreviaturas e Siglas

CAMI Centro de Apoio e Pastoral do Migrante

CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano

CDM - A Casa do Migrante

CPTM – Companhia Paulista de Trens Metropolitanos

CRAI - Centro de Referência e Acolhida ao Imigrante

EMEF- Escola Municipal de Ensino Fundamental

EMEI- Escola Municipal de Educação Infantil

FE-USP- Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

FLM- Frente de Luta por Moradia

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MNR - *Movimiento Nacionalista Revolucionário*

MMLJ- Movimento de Moradia e Luta por Justiça

MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MSTC – Movimento Sem-Teto do Centro

MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto

OBMigra- Observatório das Migrações Internacionais

ONG- Organização Não-Governamental

SPM- Serviço Pastoral dos Migrantes

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

USP- Universidade de São Paulo

Lista de Figuras

Figura 1 – Fotografia vista da Avenida Prestes Maia, da janela da brinquedoteca da Ocupação

Figura 2 – Indícios da presença das crianças nas escadas

Figura 3 – Criança brincando com buraco na parede no trajeto para laje

Figura 4 – Criança diante do gato e restos de tecido no trajeto para laje

Figuras 5- Presença das mães na brinquedoteca

Figura 6 – Mãe brincando com crianças e miniaturas de Alasitas

Figura 7 – Crianças brincando e mães organizando a brinquedoteca

Figura 8 – Pai e filho na moradia

Figura 9 – Jardim

Figura 10 – Sequência de flores

Figura 11- Vaso com flores

Figura 12 - Ocupação Prestes Maia, vista da Rua. Brigadeiro Tobias

Figura 13 – Bandeira do Brasil na laje bloco A

Figura 14- Laje bloco A

Figura 15 – Sacolas de roupas no trajeto para laje

Figura 16 – Madeirites cobrindo buracos no trajeto para laje

Figura 17 – Localização da Ocupação Prestes Maia

Figura 18 – Desenho na parede da moradia

Figura 19 – Estante de livros na brinquedoteca

Figura 20 – Vista da janela da brinquedoteca

Figura 21 – Objetos no chão da brinquedoteca

Figura 22 – Livros da pesquisadora no chão da brinquedoteca

Figura 23 – Pátio em frente à brinquedoteca

Figura 24 – Brinquedos na brinquedoteca

Figura 25 – Vista janela da brinquedoteca 2

Figura 26 – Brinquedo na brinquedoteca 2

Figura 27 – Prateleira com brinquedos

Figura 28 – Brincando de casinha

Figura 29 – Arrumação da prateleira

Figura 30 – Brincando na brinquedoteca

Figura 31 – Miniaturas de Alasitas

Figura 32 – Brincando com miniaturas de Alasitas

Figura 33 - Brincando com miniaturas de Alasitas 2

Figura 34 - Brincando com miniaturas de Alasitas 3

Figura 35 – Crianças familiares no espaço da brinquedoteca

Figura 36 – Mãe interagindo com as crianças na brinquedoteca

Figura 37 – Pátio da brinquedoteca sem crianças brincando

Figura 38 – Corredor 9º andar Bloco A

Figura 39 – Laje 10º andar Bloco A

Figura 40 – Bicicleta no trajeto à laje

Figura 41 – Mural recados (sic) “É proibido joga bola e andar de bicicleta”

Figura 42 – Construção do origami tsuru

Figura 43 – Desenho do sonho de ganhar na Telesena

Figura 44 – Brincando com diversos materiais no pátio

Figura 45 – Escudo com antena de TV

Figura 46 – Brincando com diversos materiais no pátio 2

Figura 47 – Desenho Minecraft

Figura 48 – Desenho Minecraft 2

Figura 49 – Desenho amigas (Nuria e Camila)

Figura 50 – Desenho Lucas

Figura 51 – Escada entrada da Ocupação

Figura 52 – Vista do alto da escada bloco B

Figura 53 – Anúncio cigarro

Figura 54 – Mural de recados

Figura 55 – Pixo “sonhos” no prédio da Prestes Maia

Figura 56 – Casa

Figura 57 – Castelo

Figura 58 – Casa 3

Figura 59 – Castelo 2

Figura 60 – Dobradura da Casa

Figura 61- Sonho de ser policial ou bombeiro

Figura 62 – Sonho da piscina na Ocupação

Figura 63 – Dinheiro de *Alasitas*

Figura 64 – Desenho do Carnaval

Figura 65 – Desenho da Praça Kantuta

Figura 66 – Flor Kantuta

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Estrutura Etária da população boliviana na cidade de São Paulo. Primeira e Segunda Geração (2000)

Tabela 2 – Saldos migratórios e taxas líquidas de migração dos naturais da Bolívia, Brasil e estados selecionados - 1980-2000

Tabela 3 – Número de Imigrantes no Brasil em milhares de pessoas

Tabela 4 - concentração de imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo em 2010

Tabela 5 – Moradia estrangeiros 2014- 2015

1. O caso da tartaruga

Figura 1



Fonte: Fotografia tirada pela criança Pedro - Vista da Avenida Prestes Maia, da janela da brinquedoteca da Ocupação.

Era uma vez uma tartaruga que morava no alto de um prédio. Era animal de estimação de uma família, composta por mãe e filho. Um belo dia, enquanto a mãe pendurava as roupas que acabara de lavar, o filho brincava com o animalzinho até que... “Cracc!”. A tartaruginha caiu do alto do prédio em uma movimentada avenida. Mãe e filho ficaram muito tristes com o acontecido e mais triste ainda porque a polícia muito autoritária ameaçava entrar no prédio. Os policiais queriam saber o porquê de estarem maltratando animais, não entendendo que tudo não passara de um acidente. Neste momento a família que era pequenininha, CRESCERU e descobriu que era parte de uma família bem maior, que não parava de crescer. Explicaram aos policiais: Aqui não maltratamos animais, não! Aqui acolhemos pessoas sem lar. Podem ir embora que na Ocupação a violência não tem lugar. E a polícia se dispersou.

Através desta pequena história, escrita a partir dos relatos presentes no meu caderno de campo é que convido os leitores e leitoras a apreciar este estudo que teve por objetivo conhecer o cotidiano das crianças imigrantes bolivianas e moradoras da Ocupação Prestes Maia, localizada no centro de São Paulo e fruto da luta urbana por moradia. A ênfase no cotidiano das crianças pressupõe, a priori, o olhar para suas atividades rotineiras. A rotina implica de imediato pensar que todos os dias são iguaizinhos, será? Percebemos desde a entrada que não há um caminho retilíneo, mas carregado por rupturas e transgressões de indivíduos que estão em busca do conhecer e do (re)criar o seu redor, ressignificando o habitar a moradia.

As crianças imigrantes estão em contato com as experiências ora dos costumes bolivianos, ora dos costumes brasileiros, tecendo saberes com seus: avós, avôs, mães, pais, irmãs, irmãos, primos, primas, tios, tias e com os conterrâneos que estabelecem vizinhança. Estão conhecendo “pedaços” da Bolívia na cidade, como aquele que aponta para um terceiro domínio, intermediário entre a rua e a casa: enquanto esta última é o lugar da família, à qual têm acesso os parentes, a rua é dos estranhos, onde em momentos de tensão e ambiguidade, recorre-se à fórmula "você sabe com quem está falando?" para delimitar posições e marcar direitos. O pedaço se constitui como o terceiro domínio, pois é o lugar dos colegas, dos chegados, é o espaço da sociabilidade. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer (MAGNANI, 2002, p.22). Neste sentido, os bolivianos estão ocupando seus pedaços na cidade e na Ocupação de moradia, estabelecendo vínculos de vizinhança com seus conterrâneos na Prestes Maia, frequentando festas tradicionais bolivianas e também as brasileiras, como o carnaval¹.

Algumas crianças transitam entre os idiomas português e espanhol, inclusive auxiliando os adultos que possuem mais dificuldade com a língua portuguesa, enquanto outras conhecem bem pouco do espanhol, apropriando-se do português. Vivem entre o prazer de comer feijão e não comer, já que o alimento, ainda caro para os bolsos de boa parte da população brasileira e ainda é estranho ao paladar de alguns bolivianos, principalmente dos adultos. Também gostam de comer as comidas típicas bolivianas. Elas estão matriculadas nas escolas da rede municipal e estadual, fazendo elogios, reclamações e/ou desabafos. Convivem com o preconceito, principalmente com os apelidos. Têm entre suas preferências brinquedos bolivianos e brasileiros. Brincam mais em casa do que nos corredores e pátios, mas, já informo que não é o

¹ Além de relatos e desenhos das crianças que enfatizaram a participação em blocos de carnaval na cidade de São Paulo, coletados durante a pesquisa em 2017, no ano de 2018 o MMLJ (Movimento de Moradia e Luta por Justiça) organizou o Bloco dos Sem-Teto com misto de comemorações carnavalescas e protesto por moradias.

que gostariam, possuindo sonhos e desejos de transformações, tal como fora observado e apreendido ao longo da pesquisa. Enfim, estes são alguns pequenos retratos deste cotidiano que expressam um modo de viver a infância cuja identidade transita por diferentes experiências.

Deste modo, a ênfase deste trabalho é o olhar para as crianças imigrantes bolivianas, mas sem esquecer o contexto social do qual fazem parte enquanto sem-teto e imigrantes. Para atingir os objetivos gerais da pesquisa, os quais serão melhor apresentados a seguir, também foram lançados olhares para os familiares das crianças. Conhecer suas histórias e trajetórias foi fundamental na composição da identidade da infância imigrante, assim como também se fez necessário compreender o movimento social ao qual pertencem. Isso compoem parte da metodologia empregada na pesquisa, segundo a qual, a compreensão do cotidiano das crianças bolivianas implica olhar para o entorno familiar e social em que estão vivendo e, como agentes, construindo e contribuindo de modo concomitante para a constituição da infância imigrante e sem-teto.

Para conhecer este cotidiano, precisamos nos apropriar do dia-a-dia de onde vivem e dos fatos que rompem com suas dinâmicas retilíneas, como nos fora apresentado pela “aparente” simples queda de uma tartaruga, que não ocorreu no edifício de luxo no Morumbi, mas na Ocupação. Por isso, a escolha deste episódio no início deste trabalho, carregado de significados que podemos refletir, como: o brincar em um prédio cuja estrutura é precária, com janelas quebradas e improvisadas com tábuas de madeiras, além de áreas sem proteção²; ser mãe solteira e lhe dar com os afazeres domésticos e cuidados com um filho; conviver com o medo da polícia que ameaça invadir o local a todo o momento pelo simples fato de serem sem-teto; e por fim, saber que ser morador de uma Ocupação pertencente à luta urbana é pertencer a um coletivo no qual todos se defendem enquanto movimento social.

² No documentário “Torre de David”, produzido pelo canal GloboNews nos é relatado um acidente ocorrido na Ocupação Torre de David na Venezuela, no qual uma criança morre ao cair do prédio que não possui proteção. As dificuldades encontradas pelos novos ocupantes do prédio são bastante semelhantes as precárias condições que encontram nos edifícios abandonados no Brasil, em que para habitar necessitam executar uma pesada limpeza, incluindo a retirada de muito entulho, além de instalações elétricas precárias, paredes e janelas quebradas, correndo o risco de acidentes, principalmente com crianças. Documentário Disponível no link: <https://youtu.be/K57g5we97ng>. Acesso em: 08/08/2017.

“Tudo vira caso de polícia” e pretextos para entrarem e vigiarem a ocupação, era o comentário e o sentimento geral dos moradores, presente na indignação da coordenadora Juliana³, no dia 17/01/2018:

"É assim mesmo Carol. Tudo aqui vira caso de polícia! Não temos paz! Por causa de uma tartaruga querem entrar aqui achando que estamos maltratando animais? Por causa disso não vão entrar! Acidentes acontecem!"

Não se falava em outro assunto no meu primeiro dia de encontro com as crianças imigrantes na Ocupação Prestes Maia⁴: a tartaruga que caiu do prédio. Um acontecimento aparentemente simples, mas que se constitui parte das experiências que marcam a infância na Ocupação, que não se resume somente as agruras contidas na moradia precária, isso se mistura à capacidade imaginativa, às invenções e criações como veremos ao longo da pesquisa. Esta rica vivência foi escolhida para dar início a este trabalho por suscitar importantes reflexões do que é ser morador de uma ocupação para moradia em uma cidade como São Paulo e a busca por habitar em meio às lutas cotidianas, como as travadas com a polícia, representante do Estado. Neste sentido, entramos na Ocupação Prestes Maia com o intuito de trazer as percepções, sentimentos e sonhos dos imigrantes bolivianos e de seus filhos que estão vivenciando este cotidiano de lutas em um contexto de espoliação urbana (KOWARICK, 2009) na terra paulista.

A Ocupação Prestes Maia recebe imigrantes de vários países sul-americanos e outros. Entre eles principalmente bolivianos que enfrentam desafios que envolvem a questão da habitação precária na cidade de São Paulo. O alto custo das moradias, a falta de vagas em centros públicos de acolhida (municipais e estaduais) e a burocratização para aquisição e aluguel de imóveis, principalmente quando se encontram em situação irregular no país, são alguns dos impeditivos que fazem com que procurem as ocupações como forma de moradia. Outros fatores que também contribuem para tais dificuldades, são as situações de desemprego ou o emprego informal, que impossibilitam as famílias de obterem remuneração suficiente e estável para arcar com os altos custos de morar em São Paulo. Trata-se do ideário neoliberal

³³ Todas as coordenadoras da Prestes Maia, aceitaram em revelar seus nomes para uso da pesquisa.

⁴ Fizemos a opção em empregar a palavra Ocupação com a inicial maiúscula, ao tratar-se da Ocupação Prestes Maia. A utilização da mesma com inicial minúscula fará referência ao verbo ocupar, ou ao se referir as demais ocupações de moradia presentes na cidade de São Paulo.

presente nas políticas habitacionais na cidade e que tem por objetivo cada vez mais expulsar a população mais pobre dos centros da capital (MARICATO, 2015, p. 57).

Ter um lugar para estabelecer um pequeno negócio ou residência fixa, sendo casa própria ou aluguel, se constitui um sonho para as famílias bolivianas que vivem na ocupação, fala recorrente em todas as entrevistas com adultos, jovens e nos diálogos com as crianças. As diferentes gerações de bolivianos moradores da ocupação relatam ao longo de suas trajetórias até chegar à São Paulo que os percalços da moradia sempre estiveram presentes, pois muitos dos recém-chegados no país moraram nos locais de trabalho, em condições precárias de subsistência ou em cortiços, casas de conhecidos, de aluguel e nas ruas.

Nas conversas com os familiares das crianças estabelecemos diálogos sobre as trajetórias de vida até a chegada ao Brasil, quais os percursos no país de destino e quais são os seus sonhos na perspectiva de futuro e esperança (BLOCH, 2005). Já as crianças bolivianas nos apresentam, por meio de conversas, fotografias, desenhos e brincadeiras, as suas impressões acerca do amplo universo que vivenciam e assim como seus familiares nos contam quais são os seus sonhos. Em cada resposta, encontramos elementos para compreender aspectos culturais e identitários que transitam entre Bolívia e Brasil, compondo o que iremos chamar de identidades híbridas: termo utilizado por Néstor García Canclini (2015) “entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.” (p. XIX).

Podemos sugerir, a partir de dados coletados, que ao longo desta pesquisa os sonhos na perspectiva de transformação, realização e concretude estão na vida das famílias bolivianas desde antes da tomada de decisão para a mudança de país. Eles possibilitaram o rompimento de fronteiras físicas e identitárias, foram motivadores para a vinda ao Brasil e em alguns casos para a saída da exploração do trabalho em terra estrangeira, como no caso de alguns familiares entrevistados, que conseguiram realizar cursos e a conquista do emprego com registro em carteira. O que se denominou entre os entrevistados como “busca por uma vida melhor” motivou as famílias a migrarem para a Ocupação vertical, movimentando lutas coletivas e individuais, de quem não tem mais nada ou pouco a perder e muito a conquistar. Ao mesmo tempo, alguns sonhos estão sendo escondidos e deixados de lado. Os sonhos também estão sendo tomados pelo medo e pela resignação, assim como nos aponta (BLOCH, 2005). Compreender as trajetórias da migração de seus familiares e também ouvir quais são os seus

sonhos, foi fundamental para contextualização de dados e aspectos que compõem a vida cotidiana das crianças.

Entre brincadeiras, desenhos, fotografias e tartarugas, que embora não sendo ninjas, tal como desenho animado infantil, voaram do andar alto de um edifício antes sem função social e ocupado por moradores, essa pesquisa foi se tecendo buscando conhecer sonhos mobilizadores da infância e suas famílias. Urdidura firme sobre as quais a trama foi sendo elaborada, fio a fio, dia a dia com as crianças.

Os caminhos percorridos ao longo da pesquisa resultaram em uma escrita à várias mãos: lideranças que abriram as portas para entrada na ocupação, confiando na pesquisadora que, embora ainda iniciante, estava e está certa da urgência em se tratar de temas ainda tão pouco estudados, sobretudo quando buscamos compreender as crianças em luta diária por moradia e imigrantes; as famílias, cujas vozes encontram-se caladas, seja pelo desafio da língua, seja pelo estranhamento de viver em uma cidade tão desigual e segregadora; e por último, mas o fundamento da investigação, as crianças, cujas falas, observações, desenhos, fotografias constituem o cerne da pesquisa, sua pulsação e motivo para continuar. Assim, o texto encontra-se numa divisão em três capítulos e considerações finais, assim apresentados:

1. “Sobre Morar em São Paulo: As Famílias Imigrantes da Bolívia na Ocupação Prestes Maia” traz importantes aspectos em relação às duas gerações de imigrantes no Brasil, compostas pelos adultos (1ª geração) e crianças (2ª geração). Deste modo, se fez importante contextualizar as duas gerações e seus percursos pela cidade. Os motivos que impulsionaram a vinda de bolivianos à São Paulo, passando por viagens clandestinas e a relação do trabalho, exploração, situação de irregularidade no país, que permite que homens, mulheres e crianças vivam em situações de trabalho análogas a escravidão, morando em ambientes insalubres e correndo riscos de vida (SAKAMOTO, 2014a).

A problemática da habitação enfrentada pelos imigrantes será abordada no item seguinte, já que grande motivador para o ingresso no Movimento Social⁵. Apesar de não nos aprofundarmos sobre o conceito de movimento social, concordamos com Maria da Glória Gohn (2001) que as inúmeras situações de desrespeito causadas pelo desenvolvimento explorador e espoliativo do capitalismo fazem emergir este novo ator histórico, enquanto agente de

⁵ Utilizaremos o termo Movimento Social com letra maiúscula ao se referir aos moradores da Ocupação Prestes Maia, que fazem parte do Movimento de Moradia e Luta por Justiça (MMLJ), pertencente à Frente de Luta por Moradia (FLM). Para se referir os movimentos sociais em geral, optaremos pela grafia em letra minúscula.

mobilização e pressão por mudanças sociais. A partir do momento em que os bolivianos integram a Ocupação, passam a defender os interesses da coletividade e participar da dimensão de luta do Movimento Social, em busca do direito à moradia.

2. “Onde estão as crianças?: Seguindo Pistas do Cotidiano da Infância Imigrante na Ocupação Prestes Maia”, iremos nos aproximar do cotidiano das crianças bolivianas e moradoras da Prestes Maia, por meio de oficinas de fotografias, desenhos, dobraduras e rodas de conversa que nos aproximaram do universo da infância. Inicialmente as oficinas se organizaram no espaço da brinquedoteca e aos poucos foram seguindo as pistas das crianças a procura dos espaços e cantinhos que de fato utilizam para suas brincadeiras cotidianas.

Da brinquedoteca aos pátios, corredores, laje e escadas, a pesquisa seguiu os percursos das crianças, assim como de seus familiares que se mostraram desejosos em relatar experiências, contribuindo com falas e diálogos importantes. Essa participação espontânea dos familiares que se iniciou no espaço da brinquedoteca, resultou em entrevistas semi-estruturadas que são apresentadas desde o primeiro capítulo, e, são enriquecedoras ao trazerem experiências que auxiliam na compreensão de suas trajetórias com as crianças.

Deste modo, neste capítulo apresentamos falas e diálogos das duas gerações que se apresentaram e nos deram indícios que apontaram para a construção da identidade de meninos e meninas sendo composta não somente no limiar entre o Brasil e a Bolívia, mas evidenciando os questionamentos das crianças em relação ao espaço habitado e a regras impostas pelos adultos, principalmente em relação ao brincar.

3. “Os sonhos no cotidiano da luta por habitar” traremos os sonhos das crianças e seus parentes, coletados ao longo das falas em rodas de conversa e entrevistas, assim como também fora expresso por meio de desenhos. Os sonhos abordados com crianças e adultos não foram o sonho dormindo, mas o sonho acordado, que resgata a esperança de uma vida melhor, como conceituou Ernest Bloch (2005).

A tessitura entre cotidiano e sonhos, aponta-nos uma repetição que é o combustível para o ingresso no Movimento Social de lutas urbanas, o sonho da casa. A casa pode ter dois andares, quintal, jardim, ser alugada ou própria, mas é recorrente nas falas das famílias que buscam um espaço idealizado e de proteção das dificuldades da vida nas ruas. Assim como os familiares, notamos que as crianças também estão sonhando acordadas com a casa, reproduzindo este desejo em suas falas e seus desenhos.

Os sonhos da infância não estão limitados somente à conquista da casa, mas trazem uma infinidade de possibilidades como o ganhar na Telesena, ser policial, jogador de futebol, merendeira ou a conquista de um espaço deles, como expressos pelo desejo de ter um parque e uma piscina no pátio da Ocupação, demonstrando que estão brincando, imaginando e criando novos espaços. Muitos destes sonhos, foram revelados ao longo de diálogos e desenhos, reforçando a metodologia que valoriza a pesquisa feita em parceria com as crianças e não apenas se pautando na análise do adulto sobre o desenho.

Finalizamos este capítulo trazendo alguns sonhos dos familiares das crianças que para além da casa se mostraram desejosos de verem os filhos concluírem os estudos e terem a possibilidade de uma vida diferente, conquistando postos de trabalho tidos como “mais qualificados”, como o desejo da filha ser médica. Os familiares também nos apontaram ter sonhos pessoais, como arrumar os dentes perdidos por violência de um pai e irmão agressivos e o desejo de se tornar escritora.

4. “Considerações Finais: Transgressões e rupturas do cotidiano, pois afinal, sonhar é possível?” A partir do questionamento retomamos os principais pontos da pesquisa, procurando no cotidiano vivido pelas crianças e familiares traços que nos apontem para o tempo de ser criança de meninos e meninas imigrantes e moradoras da Ocupação Prestes Maia. Assim como se compõe a infância e suas identidades em contato com as culturas do Brasil, Bolívia e com condição de ser sem-teto.

Os sonhos trazidos pelas crianças evidenciam reflexos do cotidiano vivido, mostrando uma infância reprodutora do mundo adulto, mas que concomitantemente questiona regras deste mundo, fazendo propostas transgressoras e que apontam rupturas com o cotidiano. Elas estão expressando seus desejos, imaginação e criações, buscando ressignificar o local habitado, mas sem encontrarem espaços coletivos para exporem suas ideias. Carecem de locais destinados a escuta e debate com as coordenações e lideranças locais.

Apontamos também alguns limites da pesquisa, como as dificuldades em fazer pesquisa com adultos e crianças, pois por mais que haja o esforço em olhar somente para a infância, esta não pode ser compreendida sem sua contextualização histórica e social complementada pelo mundo adulto. Deste modo, a pesquisa não é puramente uma análise da infância, mas traz uma confluência de dados que buscam enriquecer as análises suscitadas.

Finalizamos trazendo novos questionamentos para pesquisas futuras, pois será que podemos identificar uma proposta pedagógica no Movimento Social? Em que medida a

Ocupação Prestes Maia e as demais ocupações da luta urbana se preocupam com a formação das gerações futuras para as lutas coletivas?

2. Seguindo Pistas

Figura 2



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Indícios da presença das crianças nas escadas.

A investigação sobre ser criança imigrante boliviana e moradora de ocupações verticais na cidade de São Paulo é a questão inicial deste estudo. A partir desta informação, que apontava para uma grande presença de famílias de imigrantes bolivianos nos movimentos de moradia⁶,

⁶ Atualmente a presença de imigrantes no Brasil não se restringe somente ao grupo de Bolivianos, mas também é composta por paraguaios, venezuelanos, colombianos e refugiados por motivos humanitários, como os haitianos,

buscamos compreender como vivenciam a infância os meninos e meninas que acompanham seus pais e familiares nestas travessias, não somente de um país a outro, mas em localidades, que envolvem diferentes cidades, bairros, empregos e moradias. E como as crianças se relacionavam com as questões do cotidiano em um espaço não escolar.

Do ponto de vista metodológico optou-se por ir à campo. A estada com as crianças em seu cotidiano se apresentou como uma importante ferramenta na pesquisa compondo-se como método para compreensão acerca de seus universos. A estrangeira era a própria pesquisadora: estranha em meio à comunidade boliviana que compõem a Ocupação Prestes Maia, paulistana e atualmente moradora de uma cidade da grande São Paulo. Encarando os percursos e percalços, a trilha da pesquisa contou com a aceitação das famílias e das crianças, portas abertas, tomava de empréstimo a definição de Agnes Heller (2011):

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade e personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias (p.31).

De portas abertas as próprias crianças nos convidaram a conhecer seu cotidiano, logo, elas por inteiro com sentimentos e ideias refletidas em suas ações. Captar tais aspectos que compõem a heterogeneidade da vida cotidiana é fundamental, pois nos indica que:

(...) o **quotidiano** é um lugar privilegiado de análise sociológica na medida em que é revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação da sociedade e dos conflitos que atravessa. (PAIS, 2003, p. 72).

Para ampliação e desenvolvimento de tais dados, escolhemos uma metodologia em consonância com parâmetros que respeitem os direitos das crianças reconhecidos na legislação brasileira através da Constituição Federal de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁷. Também nos baseamos em pesquisas que refletem o respeito, a ética e a participação

sírios, entre outros. No filme “Era o Hotel Cambridge” (2016), a diretora Eliane Caffé mistura ficção e realidade ao retratar convivência de refugiados com brasileiros na Ocupação Hotel Cambridge. Nos detivemos, neste estudo, em aprofundar os olhares para a comunidade boliviana na Ocupação Prestes Maia, em específico para a infância imigrante boliviana, mas sem desconsiderar a notável e crescente presença de estrangeiros que enfrentam problemas de moradia, habitando as ocupações de moradia espalhadas pela cidade de São Paulo.

⁷ O direito das crianças à educação também é um direito garantido na legislação brasileira, podemos citar: Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96, Plano Nacional de Educação (PNE) para o decênio de 2011-2020, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e o Parecer CNE 022/98.

dos sujeitos, como nas abordagens dos estudiosos da área da sociologia⁸ e sociologia da infância⁹. O método de recolha de dados que nos guiou neste processo foi à abordagem qualitativa da etnografia: observação participante. Nesta abordagem o adulto pesquisador não é somente aquele que toma nota das ações e falas das crianças, mas o que observa, participa, interage, propõem e constrói diálogos com elas:

Considerar as crianças como atores ou parceiros de investigação, e a infância como objecto de investigação por seu próprio direito, encarar e respeitar as crianças como pessoas e abandonar as concepções conservadoras e ancestrais de exercício do poder e tutela do adulto sobre a criança, para que lhe seja restituída a voz e a visibilidade enquanto actores sociais, são atitudes essenciais na construção de uma ética de investigação com crianças, que é afinal mais um processo de construção de cidadania da infância. (SOARES, 2006, p. 32)

Ao propor a investigação participativa buscamos metodologias que incluam as falas das crianças considerando-as como importantes interlocutores ao longo do processo investigativo e agentes no mesmo, já que parte dos caminhos foram não apenas trilhados com elas, mas alterados a partir de suas contribuições e sugestões, como veremos adiante. Se afastando de metodologias que considerem as crianças sob o ponto de vista da falta e da incapacidade, com o intuito de superar as falas adultocêntricas, que enfatizam apenas o olhar dos adultos sobre as crianças (ROSEMBERG, 1976). Nosso intuito foi a ênfase no processo de construção da pesquisa com as crianças como parceiras e (re)produtoras interpretativas de saberes e culturas (CORSARO, 2011). Neste sentido, garantimos espaços de escuta às crianças bolivianas na Prestes Maia, para que pudessem expressar as suas diferentes linguagens e expressões:

Se a criança é portadora de teoria, interpretações, perguntas, e é co-protagonista do processo de construção do conhecimento, o verbo mais importante que guia a ação educativa não é mais falar, explicar, transmitir, mas escutar. A escuta é disponibilidade ao outro e a tudo quanto ele tem a dizer: é escuta das cem e mais linguagens, com todos os sentidos. É um verbo ativo, pois, como sabemos, não é só registro, mas interpretação de mensagem: a mensagem ganha sentido e significado no momento em que aquele que a escuta lhe dá acolhida e valorização. É ainda um verbo recíproco: legitima o outro porque a comunicação é um dos modos fundamentais de dar forma ao pensamento, e o ato comunicativo que se realiza através da escuta produz

⁸ No Brasil os estudiosos da área da sociologia que lançaram suas lentes à infância, foram principalmente Florestan Fernandes, que em 1944 escreveu a pesquisa “As ‘trocinhas’ do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis”; e José de Souza Martins (2009), que na obra “Fronteira: A degradação do Outro nos confins do humano” notou a importância do testemunho das crianças para seu estudo sociológico, considerando suas falas.

⁹ A sociologia da infância trouxe importantes contribuições com os estudos de: QVORTRUP (2014, 2007), CORSARO (2011, 2005), SARMENTO E PINTO (1997), SOARES (2006, 2002).

significativas e recíprocas mudanças, seguramente enriquecedoras, para o participante desta forma de troca. (RINALDI, 1995, p. 122, apud, OSTETTO, 2000, p. 194).

Garantir espaços de escuta, como nos foi sugerido por Rinaldi, procurando ouvir o que as crianças têm a nos dizer, o que nem sempre se dá com palavras, mas com desenhos, fotografias, gestos, brincadeiras e a partir destes artefatos refletir o que podemos aprender com os seus saberes, foi um princípio fundamental no sentido de fazer parte deste movimento da sociologia que garante a presença das crianças como protagonistas da pesquisa, sem medo da suposta incapacidade atrapalhar não apenas a continuidade da investigação como a própria compreensão do objeto pesquisado. Procurando superar o que Carvalho e Nunes (2007) apontam como a dupla ‘marginalidade’, que envolve as crianças e os estudos que incidem sobre elas. Trouxemos as crianças imigrantes bolivianas como testemunhas de seus cotidianos e as escutamos, o que se consolidou como importante movimento, pois trabalhamos em um campo de estudos em que a bibliografia que trata das temáticas sobre imigração boliviana e infância ainda é escassa, tendo como principais referências Giovanna Modé Magalhães (2010) e Ana Paula Silva (2014). Estar em campo possibilita ao adulto pesquisador um exercício de sensibilização a cada momento em que se colocamos em contato com os sujeitos da pesquisa, através de suas falas, gestos e artefatos deixados para trás, eles nos apontam *pistas* a serem seguidas, demonstrando mais acerca do cotidiano que vivenciam. Deste modo, este percurso não foi retilíneo, no sentido de seguir previamente o esboço inicial da pesquisa, mas no meio desta caminhada ele encontrou curvas e possibilidades a serem perseguidas, se aproximando do que nos sugere MARTINS (2013) comparando a pesquisa a um artesanato intelectual:

O artesanato intelectual é mais do que a mera técnica de obtenção de dados. É uma troca. Não há como utilizar o artesanato sem dar algo em troca do que se recebe. No artesanato, o observador é observado, o decifrador é decifrado. Sem o que não há interação. Sem interação não há como situar-se e compreender-se no outro. (p. 1).

Buscando a interação com os sujeitos da pesquisa e o desejo de conversar com as crianças bolivianas da Prestes Maia é que nos baseamos em três importantes eixos trazidos por Soares (2006, p. 35) para a realização da observação participante: a *mobilização*, *parceria* e *protagonismo*, nos aproximando de diferentes universos simbólicos presentes no cotidiano, ofertando a construção de espaços de cidadania na infância, que concebem as crianças como “actores e co-construtores de conhecimento acerca dos seus mundos sociais e culturais, que se poderá começar a esbater a exclusão social da infância” (Idem, p. 38).

Como mencionado, foi fundamental *mobilizar* os sujeitos da pesquisa, que envolviam não somente as crianças, mas as lideranças da Ocupação e responsáveis por elas, tal como estabelecer uma relação de *parceria* e confiança com todos os envolvidos, principalmente na implicação da criança na investigação e o *protagonismo* que foram os momentos em que as crianças tiveram a liberdade de ação.

Embora tenha afirmado no início que as portas foram abertas à pesquisa, bem sabemos que não se trata de algo tão simples. O conhecimento da existência dessas ocupações em que encontramos forte presença de imigrantes ocorreu-me ao longo de uma disciplina frequentada na pós-graduação da Faculdade de Educação da USP (Transmissão Intergeracional, Educação e Trabalho, ministrada pela docente Prof^aDr^a Kimi Tomizaki). As crianças bolivianas já constavam de projeto inicialmente apresentado, porém, o local ainda era uma “quase” incógnita. Sabendo de uma ocupação que abrigasse tantas crianças bolivianas, o que era no princípio um desejo a ser melhor delineado, ganhou contornos mais nítidos. O caminho percorrido até a escolha do local da pesquisa envolveu algumas tentativas de contato com lideranças de movimentos sociais relacionados à luta urbana e que acolhiam imigrantes, principalmente pelo contato via site das organizações e e-mails. Sem obtenção de resposta dos e-mails foi feito contato com uma militante da Frente de Luta por Moradia (FLM) que orientou a ir até a Ocupação Mauá e procurar a liderança local, explicando quais eram os objetivos da pesquisa para verificar se esta era autorizada. O prédio possuía a fachada vermelho e branco, bandeira da FLM¹⁰ e um enorme portão de ferro, cuja abertura era controlada por moradores que compunham a portaria, auxiliando na passagem das pessoas. Como num condomínio, havia certo rigor na portaria com aquela estranha, que gostaria de conversar com a liderança, mas sequer tinha um horário marcado. Por sorte, informaram que após o término de uma reunião seria atendida, enquanto aguardava do lado de dentro da Ocupação, próxima ao portão de controle de acesso verificando que o rigor não era apenas comigo, havia um grande número de pessoas que procuravam o prédio com intuito de saber como faziam para conseguir moradia. Também observava as crianças que tentavam sair sozinhas, principalmente para brincar com alguns cachorros que estavam no portão, mas eram impedidas pelo grupo de trabalhadores que cuidavam da portaria e falavam “*Só podem sair com um adulto*”. Fala esta que denota o cuidado com as crianças e sua dependência do adulto responsável e principalmente, a ausência de um espaço público que compreenda a infância como usuária por direito das ruas, praças e demais

¹⁰ Optamos em usar a abreviação FLM ao longo do texto ao tratar da Frente de Luta por Moradia.

bens públicos que poderiam ser ofertados. Sem sucesso, as crianças corriam no corredor, levando uma bronca ou outra dos demais adultos que queriam passar. Após alguns minutos de espera, o diálogo foi feito com uma das principais lideranças, conhecida como Neti¹¹, que acolheu muito bem a pesquisa e se mostrou bastante solícita. Devido ao tema imigração, Neti aconselhou a desenvolver a pesquisa na vizinha Ocupação Prestes Maia, também pertencente à FLM - que engloba o Movimento de Moradia e Luta por Justiça (MMLJ) - e com maior número de imigrantes oriundos da Bolívia¹². Assim, a moradia é aglutinadora de nacionais e não nacionais que independente de suas origens, tornam-se sujeitos coletivos na busca de objetivos comuns que compõe o Movimento Social:

A luta da FLM é por uma reforma urbana em que os pobres também morem na região central, que ocupem os espaços já consolidados da cidade, no sentido de diminuir os impactos ambientais com a expansão horizontal da cidade. Luta para que os imóveis de devedores da União, do Estado e do Município sejam espaços para construir moradia popular. Luta por participação popular e por mutirões auto-gestionados. (FLM)¹³

As curvas da pesquisa nos levaram ao prédio onde fica localizada a Ocupação Prestes Maia, conhecida como maior edifício ocupado brasileiro e maior da América Latina, já que a Torre de David em Caracas na Venezuela que detinha o primeiro lugar foi desocupado no ano de 2014 (FOLHA DE SÃO PAULO, 2014). A fachada do número 911 da Avenida Prestes Maia é bastante parecida com a da vizinha Ocupação Mauá, nas cores branca e vermelha, bandeira da FLM nas janelas e um característico portão de ferro com sistema de segurança, composto por câmeras e por moradores que auxiliavam no controle de acesso. Desta vez, foi mais fácil o ingresso no edifício, pois já era aguardada. As duas coordenadoras, cujas funções eram organizar o cotidiano dos moradores - cuidar de cartas e correspondências, receber novos moradores, mediar conflitos, organizar e participar de atos e reuniões, entre outras tantas tarefas que compunham o cotidiano das trabalhadoras - eram remuneradas e revezavam com outros coordenadores a função. Elas apresentaram o andar onde estava a sala da coordenação, na qual atuavam e era de fácil acesso para os demais moradores, pois obrigatoriamente todos passavam por ali, para chegarem aos andares das moradias. À frente da sala da coordenação estava uma parede de madeirite pintado de branco e com várias mãozinhas coloridas, local chamado de

¹¹ A liderança e demais coordenadoras autorizaram o uso do nome real na pesquisa.

¹² O modelo do termo de autorização para a pesquisa na Ocupação Prestes Maia consta no Anexo 1 deste trabalho.

¹³ FLM. Disponível no site: <http://www.portalfilm.com.br/luta-historico/>. Acesso em 18/06/2016.

brinquedoteca e destinado ao uso de crianças e adultos, pois os brinquedos dividiam o espaço com um pequeno acervo de livros e cadeiras, que ali estavam e eram utilizadas em algumas reuniões da Ocupação. Ao lado da brinquedoteca compunha o cenário um pequeno mercado, com alimentos e itens de limpeza/higiene e durante as visitas, pude constatar a grande presença de crianças, que procuravam principalmente balas e guloseimas. O local também era cercado por portas, destinadas à moradia de idosos e deficientes físicos, já que apenas um lance de escadas separava-os da entrada principal, além de possuir 1 banheiro de uso coletivo. Ao centro, um extenso pátio fazia a ligação entre os dois blocos, designados por A e B.

A Ocupação Prestes Maia possui um total de 478 famílias, número que pode ser considerado elevado e implica a presença de centenas de crianças em diferentes idades, tanto brasileiras, quanto estrangeiras. Não é necessário informar que a maioria queriam descer e brincar, afinal, esse espaço embora destinado às crianças, raramente era ocupado por elas, permanecendo vazio boa parte do tempo¹⁴. Assim, gentilmente nos concederam o espaço da brinquedoteca como local para a pesquisa com as crianças, o que foi avaliado inicialmente como ideal e ao longo do tempo nem tanto, como será melhor exposto no decorrer desse trabalho. Uma das questões era: como iríamos receber a todos e todas na brinquedoteca, um espaço relativamente pequeno para abrigar tantas meninas e meninos? Essa primeira questão já foi se impondo à metodologia inicialmente pensada, afinal, se acreditamos numa investigação que atribui protagonismo às crianças, há que ouvi-las e percebê-las em suas dinâmicas dentro e fora dos espaços vividos e planejados para elas e por elas. Contudo, acatando as sugestões das coordenadoras, optamos por convidar somente as crianças imigrantes, ou as filhas de imigrantes, que apesar de constituírem um grupo bastante numeroso, seria mais viável suas presenças na brinquedoteca, tal como em outros espaços, já que essas eram o foco da pesquisa, e procurando encontrar outros contextos em que todas ficassem juntas, pelo simples direito de estarem juntas e brincar num espaço, como já mencionado, pouco ocupado por elas. Caso alguma criança não participante da pesquisa desejasse acompanhar as vivências não restringiríamos a sua presença, convidando-as a entrar, e sem utilizar suas imagens e dados já que não teriam autorização de uso dos responsáveis. As crianças se constituem como agentes nas relações estabelecidas com outras crianças e em diferentes espaços, desse modo, a presença

¹⁴ Retomaremos a discussão acerca da ausência das crianças na brinquedoteca no capítulo 2, no qual desenvolveremos a questão.

das crianças brasileiras com as imigrantes bolivianas seria também uma importante contribuição à análise das relações com seus pares.

Com auxílio das coordenadoras da Ocupação fizemos um levantamento do número de crianças nascidas na Bolívia e daquelas filhas de pais e mães bolivianos e tivemos um primeiro questionamento: podemos considerar as crianças filhas de bolivianos, mas nascidas no Brasil como imigrantes? A partir deste impasse, chegamos a uma dúvida semelhante a encontrada pela pesquisadora Ana Paula Silva (2014)¹⁵, ao ter como referência os estudos de Oliveira (2012, apud, SILVA, 2014) sobre a segunda geração de latino-americanos na região metropolitana de São Paulo, chegou ao importante apontamento do qual também nos apropriamos:

(...) para se referir às crianças nascidas na Bolívia, mas que vieram ainda pequenas para o Brasil e, às brasileiras, filhas de pai e/ou mãe bolivianos, adotou-se a nomenclatura **segunda geração de crianças imigrantes bolivianas** ou **crianças imigrantes bolivianas de segunda geração**. (SILVA, 2014, p. 21, *grifos da autora*)

Logo, não fizemos distinção se as crianças participantes eram filhas de bolivianos nascidas no Brasil, ou se eram de nacionalidade boliviana, pois consideramos que ambas partilham de aspectos sociais e culturais referentes à comunidade boliviana, sendo pertencentes a segunda geração. Deste modo, após o convite/conversa feito às famílias de imigrantes bolivianos, intermediado pelas coordenadoras da Ocupação Prestes Maia, 14 crianças entregaram os termos de livre consentimento¹⁶ para participarem da pesquisa, que teve início no mês de janeiro/2017 e término em julho/2017. As visitas se intensificaram principalmente ao longo dos meses de janeiro e julho por serem meses em que as crianças estavam em férias escolares, obtendo a maior presença/frequência. Nos meses intermediários, de fevereiro a junho também frequentei à Ocupação, porém por conciliar a pesquisa com o trabalho de educadora na Prefeitura de São Paulo, tive que dar preferência a observação participante no período da tarde, comprometendo o trabalho com as crianças que só estavam no período da manhã, sendo retomado em alguns feriados ou apenas no mês de julho.

Como forma de propiciar um ambiente em que privilegiasse a escuta, construção de diálogos com as crianças e respeito é que utilizamos o espaço da brinquedoteca, elegido pelas

¹⁵ Em sua pesquisa de mestrado sobre as crianças bolivianas nas escolas municipais de educação infantil em São Paulo, a autora questionou: “as crianças filhas de pais estrangeiros, nascidas no Brasil, poderiam ser consideradas imigrantes?” (p. 20).

¹⁶ O modelo do termo de livre consentimento para os responsáveis das crianças consta no Anexo 2 deste trabalho.

adultas coordenadoras da Ocupação e com o aval da pesquisadora. Encontramos na brinquedoteca um grande potencial de exploração e obtenção de dados, tivemos momentos de interação com o grupo de crianças da Prestes Maia, ao realizarmos oficinas o que inicialmente se apresentou como método mais prático para entendimento de todos os participantes. Estas oficinas foram momentos que partiram do diálogo entre pesquisadoras¹⁷ e crianças, em rodas de conversa, ou nos diferentes momentos de encontros. Podemos considerar que as oficinas não foram previamente elaboradas, como uma sequência didática proposta em uma escola, com início, desenvolvimento e finalização. Apesar da dificuldade da pesquisadora, que também é professora e possui dentro de suas atribuições a realização de tais sequências, optou-se em fazer um exercício de apenas estar junto das crianças, conhecendo-as em suas vivências no cotidiano e procurando seguir um roteiro construído em diálogo com elas em rodas de conversa. Vivenciando experiências que se distanciassem de um ambiente escolarizado e no qual a presença de uma adulta deveria guiar os passos das crianças, mas ao contrário, um ambiente que possibilitasse o sentir-se de fato em casa e à vontade. Sugerindo o que Maria do Rosário Carvalho e Ângela Nunes nos apresentam sobre o fazer pesquisa com crianças:

(...) a chave crucial neste processo está na qualidade da relação estabelecida com as crianças, como o que fazemos ao estar com elas, ou a coragem de não fazer nada e permitir, quer seja como professores, educadores, pesquisadores, amigos ou parentes, que a criança se manifeste como lhe aprouver. (2007, p. 7)

Nas primeiras oficinas, estabelecemos a roda como estratégia para conversar e contar sobre as propostas da pesquisa e a presença em campo, explicamos às crianças o papel da pesquisadora e seus objetivos. O termo de consentimento entregue aos responsáveis, já tinha sido devolvido, porém, não contavam com a autorização das crianças, avaliou-se como importante criar uma forma de contar com sua participação e seu consentimento, ainda que não numa autorização formalmente “assinada”, já que eles e elas ainda não assinam ou não possuem responsabilidade legal por si mesmos. Desse modo, procurou-se criar mecanismos diversos, e entre eles a conversa em grupo com todos os que estavam disponíveis a participar, deixando claro que tinham liberdade de desistir no momento que quisessem.

Nestas oficinas, pudemos experimentar momentos de conversas, de tirar fotografias, fazer desenhos e dobraduras, além de brincar, desse modo vagarosamente atingimos um dos

¹⁷ Em alguns momentos utilizo o termo pesquisadoras no plural, por ter a visita e companhia de minha orientadora Prof^a. Dr^a. Márcia Gobbi, durante as oficinas na brinquedoteca, tal como em reuniões de orientação, fundamentais para a construção da pesquisa.

objetivos e sem o qual a investigação não teria continuidade: o estabelecimento de vínculo entre pesquisadora e crianças:

Investigação das crianças para além de sua condição de alunos ou de seres em desenvolvimento, ou, até mesmo, a partir dessa condição, com o objetivo de conhecê-las nas múltiplas relações que estabelecem nas experiências cotidianas, de onde retiram os conteúdos presentes em brincadeiras e interações. (NASCIMENTO, 2011, p. 51)

Parte das histórias e modos de vida das crianças foram conhecidos pelos artefatos criados pelas meninas e pelos meninos moradores da ocupação. Eles se apresentaram como ricos materiais que serviram para conhecermos um pouco mais de suas histórias, de seus modos de vida no interior da Ocupação, revelando cenas que expressam a infância das crianças imigrantes, ou filhas de imigrantes e ao mesmo tempo se configurando como importante oportunidade para início e manutenção de diálogos entre todos, sobretudo durante o processo de elaboração dos mesmos, em especial dos desenhos que foram compreendidos, não somente como fonte para as pesquisas dos adultos com adultos, mas, destes com as crianças e a partir delas (GOBBI, 2011). As fotografias e os desenhos foram usados como recursos metodológicos e serão exibidos ao longo do estudo.

Embora não consideremos as fotografias como documentos que revelem uma única realidade, o ato de fotografar praticado pelas crianças ao longo das oficinas propostas teve por objetivo a captação de imagens, que revelam marcas, gostos, gestos do cotidiano e criações, assim como procura estabelecer diálogos sobre as cenas fotografadas. A imagem clicada torna-se extensão dos corpos das crianças, que materializa o objeto fotografado, nos oferecendo indícios para pensar sobre a infância com as próprias crianças.

As fotografias não serão consideradas como meras ilustradoras de textos acadêmicos, mas como artefatos que permitem a produção de conhecimento e como um método de pesquisa que nos permite dialogar com as crianças:

(...) trata-se de documento insubstituível da cena passada, cujo valor para a pesquisa e descoberta é reconhecido pelas ciências humanas e sociais. Seu grande desafio, entretanto, continua: compreender em profundidade sua natureza e essência, seu alcance e limites, os códigos formais e culturais que a caracterizam, os significados que escondem sob sua face exterior e que não raro nos confundem, enfim, suas múltiplas realidades. (KOSSOY, 2010, p. 183)

O que nos permite considerar a fotografia como um documento de pesquisa possível de interpretação e que apresenta diversas realidades, porém para uma significativa interpretação

da fotografia faz se necessário um prévio conhecimento da realidade representada. Como destaca Moreira Leite (1998):

Um conhecimento preexistente da realidade representada na imagem mostrou-se indispensável para o re-conhecimento do conteúdo da fotografia. Essa apreensão requer, além de aguçados mecanismos de percepção visual, condições culturais adequadas, imaginação, dedução e comparação dessa com outras imagens para que o intérprete possa se constituir num receptor competente. É que, entre a imagem e a realidade que representa, existe uma série de mediações que fazem com que, ao contrário do que se pensa habitualmente, a imagem não seja restituição, mas reconstrução – sempre uma alteração voluntária ou involuntária da realidade, que é preciso aprender a sentir e ver ou, nas palavras de Goethe: “Olhar apenas para uma coisa não nos diz nada. Cada olhar leva a uma inspeção, cada inspeção a uma reflexão, cada reflexão a uma síntese, e então podemos dizer que, com cada olhar atento, estamos teorizando.” Ver, portanto, é comparar o que se espera da mensagem com aquela que nosso aparelho visual recebe. (p. 40)

Deste modo, a fotografia em câmera digital e celular se constituiu como um importante recurso que nos permitiu conhecer um pouco do cotidiano vivido das crianças, se consolidando como um importante artefato cultural e documento histórico:

Fotografias apresentam o cenário no qual as atividades diárias, os atores sociais e o contexto sociocultural são articulados e vividos. Existem estudos sobre os detalhes tangíveis representados em fotografias que permitem a elucidação de comunicações não verbais (...). Imagens fotográficas retratam a história visual de uma sociedade, documentam situações, estilos de vida, gestos, atores sociais e rituais, e aprofundam a compreensão da cultura material, sua iconografia e suas transformações ao longo do tempo. (BITTENCOURT, 1998, p. 199 -200)

O recurso fotográfico como metodologia de pesquisa já fora objeto de estudos ao longo do trabalho de conclusão de curso (TCC)¹⁸ “Ser Criança no MST: Fotografias Da Infância Do Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra”, no qual as imagens captadas pelas crianças sem-terrinhas do Assentamento Dom Tomás Balduino na Grande São Paulo são apresentadas e a partir delas passamos a refletir sobre a infância. A pesquisa com fotografias no MST foi aprofundada pelo grupo de pesquisas “Sociologia da Imagem, Artes e Infância”¹⁹, gerando importantes artigos, como “Meninas e meninos nas Cirandas Infantis: alteridade e diferença em jogos de fotografar” (GOBBI, 2012). Experiências que trazem a fotografia como metodologia

¹⁸ Trabalho sob orientação da Prof^a Dr^a. Daniela Finco, apresentado na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) no ano de 2013.

¹⁹ Coordenado pela Prof^a Dr^a Márcia Gobbi (FE-USP) e cujos membros são compostos por Professores da Rede Municipal de São Paulo e estudiosos de diversas áreas do conhecimento.

de pesquisa com crianças, também podem ser vistas em algumas pesquisas, como na de Fernanda Muller (2007) cuja busca foi retratar a infância pelas próprias crianças, na cidade de Porto Alegre e a de Renata Sieiro (2001) que utilizou o recurso em análise do Projeto Sol (cidade de Paulínia).

De portas abertas, ao longo das oficinas na brinquedoteca as crianças tiveram a possibilidade de sair com a máquina fotográfica e fazerem clicks dos locais preferidos. Sendo este, um importante recurso metodológico que deu apontamentos em relação ao (des)conhecimento do espaço habitado.

Outro importante recurso empregado ao longo das oficinas com as crianças na brinquedoteca e em outros espaços escolhidos por elas foi o desenho. Com lápis colorido, giz de cera, canetinhas, folha de papel sulfite tamanho A4 e papéis coloridos, as crianças puderam desenhar, expressando seus traços no exercício do desenho livre, que em muitos casos se transformou em dobraduras e recortes com destinos que nem sempre eram para a pesquisadora, mas presentes aos familiares e amigos.

O uso dos desenhos como instrumento metodológico é por nós concebido como importante fonte documental, como expresso por Márcia Gobbi (2009; 2004;1997), que em seus estudos busca o olhar para os desenhos das crianças de um ponto de vista histórico e sociológico. A autora nos aponta dois importantes caminhos que contribuíram para a construção da pesquisa, como a importância dos desenhos infantis conjugados com a oralidade e a produção de desenhos livres como forma de respeitar o exercício de criação das crianças.

Ao conjugar os desenhos das crianças à oralidade, a preocupação transcende a análise do desenho apenas do ponto de vista do adulto, mas descentraliza esta condição que passa a estabelecer diálogos e parcerias com as verdadeiras protagonistas. Sobre os métodos de pesquisa com crianças pequenas, a autora defende ser os “(...) desenhos um instrumento importante que, ao ser conjugado à oralidade, veicule informações sobre como esses meninos e meninas estão concebendo o contexto histórico e social no qual estão inseridos.” (GOBBI, 2009, p. 80).

Expressar-se por meio de desenhos livres foi à metodologia adotada neste trabalho, inspirada por Gobbi (1997). Procuramos nos afastar de metodologias de pesquisa que se aproximam de modelos escolarizados, que engessam as produções infantis a temáticas pré-existentes. Temas, como os sonhos e cotidiano foram previamente discutidos em roda de conversa com as crianças, que não possuíam a obrigação de desenhá-los, ficando livres para

escolher o que realmente desejassem eleger no seu traçado. Porém, ao longo deste trabalho optamos em trazer apenas os desenhos que dialogam com as temáticas desenvolvidas, como sonhos e cotidiano.

Como veremos adiante, inicialmente a brinquedoteca se mostrou um espaço interessante à realização das oficinas propostas, mas no dia-a-dia, não se constituía como local elegido para as suas brincadeiras, e outra questão surgiu: Como adentrar o cotidiano dos meninos e meninas bolivianas, permanecendo com a observação participante apenas em um ambiente, que não fazia parte do dia-a-dia das crianças? Então, mais uma curva foi feita, de modo que saímos do confortável percurso inicial, previamente construído por adultos e desconstruído pelas próprias crianças, co-construtoras ao longo deste processo. A sensibilização em encontrá-las, ou não no ambiente previamente selecionado era necessária para descobrir os territórios apropriados por elas. Deveríamos nos atentar a seguir as pistas, que envolviam seus brinquedos esquecidos, dobraduras, cantorias, gritarias e conversas. Pistas estas que nos fizeram mudar trajetórias e nos levavam a seus locais preferidos, que não envolviam somente a brinquedoteca, mas espaços, como: escadas, corredores, pátios, moradias, lajes e cantinhos. Como demonstrado nas fotografias que aparecem em seguida. Imagens que se transformam na maneira como as próprias crianças apresentam a Ocupação, transcendendo a observação formal da pesquisadora:

Figura 3



Fonte: Fotografia tirada por Marcia Aparecida Gobbi²⁰. Criança brincando com buraco na parede no trajeto para laje

²⁰ Em algumas oficinas contei com a presença e companhia da também pesquisadora e orientadora Márcia Aparecida Gobbi.

Figura 4



Fonte: Marcia Aparecida Gobbi. Criança diante do gato e restos de tecido no trajeto para laje

Sair do caminho retilíneo da pesquisa, nos levou a perceber as presenças nas oficinas de mães, avós e pais bolivianos e até mesmo de uma mãe paraguaia. Inicialmente considerava que somente iriam deixar seus filhos e netos, e posteriormente sairiam da brinquedoteca, porém alguns imigrantes permaneceram por todo o período, deixando-me outra dúvida: era desconfiança ou procuravam algo a mais com a pesquisa? No primeiro dia considerei que gostariam de conhecer a pesquisadora para estabelecerem um laço de confiança ao deixarem suas crianças com esta ‘desconhecida’, afinal, entre todos os estrangeiros, como já mencionado, certamente a pesquisadora era a mais estrangeira entre eles e elas. Refletia sobre como devia ser para eles o surgimento de uma moça a afirmar interesse em conhecer aspectos de suas vidas de imigrantes ou estabelecidos no Brasil e, mais especificamente, em São Paulo; uma reflexão recorrente me levava a colocar-me no lugar desses homens e mulheres cujas vidas, muitas delas, foram colocadas num limbo de tempo em que parece pouco ou nada oferecer de importante para a sociedade, ou mesmo para os familiares, como exposto em algumas conversas. Num segundo momento notei que me procuravam para relatar experiências vividas no Brasil e na Bolívia, o que suscitou a percepção de que alguns vínculos estavam estabelecidos ou já manifestos na tessitura da pesquisa. Estas manifestações dos familiares das crianças, como que tivessem encontrado um espaço de fala, abriram novas possibilidades de pesquisa, em que passamos a privilegiar a escuta não somente das crianças bolivianas, mas de seus parentes. A

composição de tais diálogos em rodas de conversa com as duas ou até três gerações, se constituiu não somente numa rica troca de experiências proporcionadas pelos sujeitos da pesquisa, como também mais uma mudança no percurso inicialmente traçado de forma tão linear, agora os familiares compunham vozes junto às crianças e contribuía com a composição das tramas relativas à investigação proposta. Presenças de adultos, demonstradas pelas fotografias a seguir, ora tirada pelas próprias crianças enquanto brincavam de “ser pesquisador”, reproduzindo o que a pesquisadora fazia (fingiam que anotavam no caderno, entrevistavam amigos, andavam com a minha mochila e tiravam fotografias), ou simplesmente exploravam o ambiente. Ora fotografias tiradas pela própria pesquisadora, como no caso da Figura 6, momento importante que demonstra a brincadeira entre adulta e crianças, interagindo com brinquedos bolivianos, miniaturas de *Alasitas*, cuidadosamente guardadas pela adulta e transmitidos aos pequenos:

Figuras 5



Fonte: Fotografia tirada na brinquedoteca, pela criança Pedro. Demonstra a presença das mães na brinquedoteca

Figura 6



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Mostrando a mãe brincando com crianças e miniaturas de *Alasitas*

Figura 7



Fonte: Fotografia tirada pela criança Nuria²¹, mostrando as crianças brincando e mães (na lateral esquerda e ao fundo) organizando a brinquedoteca

O pai Jonas e o filho Marcos, foram os primeiros a chegarem na brinquedoteca no primeiro dia de oficina. Na época o pai estava desempregado, fazia questão de acompanhar o filho no espaço. Depois de alguns meses, em visita a algumas moradias reencontrei Jonas, já trabalhando com a tão sonhada carteira assinada em uma loja de roupas (no dia em que o encontrei, ele estava em casa por ter ido em uma consulta médica). Este dia, foi registrado na figura 8, em que Jonas observa o filho Marcos desenhando o seu sonho de ser policial, em cima

²¹ As fotografias possuem autorização dos responsáveis para serem reproduzidas.

de uma toalha da bandeira do Brasil e ao fundo, as máquinas de costura nos revelam o sonho do pai de ter uma moradia e abrir a sua própria oficina de costura, como ele mesmo confidenciou em entrevista:

Figura 8



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves - Pai e filho na moradia.

Tal interação foi fundamental por agregar, ampliar e enriquecer dados à pesquisa, de modo a promover uma contextualização social, histórica, cultural e nos auxiliar no desenvolvimento de dados que envolvem a imigração de bolivianos à São Paulo e a relação dos imigrantes com a luta por moradia. A participação dos adultos e adultas, familiares das crianças, se constituiu como um importante espaço de escuta, para narrarem suas histórias, sentimentos e transmitirem aspectos culturais por meio de suas experiências vividas na Bolívia e Brasil.

As entrevistas semiestruturadas com os adultos foram instrumentos de recolha de dados que nos possibilitou a sistematização e atualização de informações importantes a respeito da caracterização e história do local da pesquisa e principalmente buscou ouvir relatos orais e captar gestos, suspiros e sensações que dificilmente seriam expressos por meio de questionários estruturados, lembrando que:

O entrevistador precisa estar atento não apenas (e não rigidamente, sobretudo) ao roteiro preestabelecido e às respostas verbais que vai obtendo ao longo da interação. Há toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não-verbais, hesitações, alterações de ritmo, enfim, toda uma comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito. (LÜDKE E ANDRÉ, 2003, p. 36).

A entrevista semiestruturada e dialogada permitiu adaptações necessárias para o seu desenvolvimento, como sugerido: “a entrevista semi-estruturada, que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.” (IDEM, p. 34).

A pesquisa ficou disposta no seguinte modo: 1) observação do grupo de crianças bolivianas de 2ª geração, principalmente nos espaços da brinquedoteca e alguns espaços escolhidos por eles e elas, como nos pátios, corredores, escadas e laje; e 2) entrevistas semiestruturadas com seus familiares, adultos imigrantes²², e com a coordenadora da Prestes Maia²³. A partir do relato espontâneo de tais experiências, necessitávamos sistematizá-los e pedir autorização para os familiares das crianças envolvidas na pesquisa, se estes eram desejosos de que suas falas fossem utilizadas no estudo. Obtivemos alguns aceites, com 10 entrevistas de familiares e 1 entrevista com uma das coordenadoras da Ocupação Prestes Maia. Deste modo, a observação participante foi composta por diferentes etapas com objetivo de que todas se complementassem e pudessem enriquecer os dados encontrados na pesquisa, configurando não apenas uma “coleta de dados”, mas uma construção coletiva da pesquisa.

Baseada na Resolução N° 4871, de 22 de Outubro de 2001 que estabelece o código de ética da Universidade de São Paulo e de acordo com o documento “Padrões Éticos na Pesquisa em Educação: Primeiro Documento”, elaborado pela comissão de ética da pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo²⁴, se fez necessário esclarecer e informar a todos entrevistados de que o uso das informações obtidas é exclusivo para fins da pesquisa, sendo os nomes dos adultos e crianças mantidos em sigilo e trocados. Esta foi uma forma encontrada de terem maior liberdade no momento de revelarem informações, sem receio de comprometer-se. Somente a liderança e coordenadoras da Ocupação optaram por revelarem os seus nomes.

Como as crianças possuem autorização do uso de suas imagens, não utilizamos “rostos borrados”, que foram amplamente empregados em pesquisas com crianças por um longo período. Os borrões na face ocultam não somente rostos, mas as infâncias, já que são

²² O modelo do roteiro de entrevistas semiestruturadas consta no anexo 4 deste trabalho.

²³ O modelo do roteiro de entrevistas semiestruturadas consta no anexo 3 deste trabalho.

²⁴ Documento na íntegra disponível em: www3.fe.usp.br>pgrad>PDF_SWF. Acesso em 10/12/2016.

representadas por gestos e expressões de rostos e corpos como ressaltou Maria Carmem Silveira Barbosa²⁵.

As idades das crianças envolvidas na pesquisa variam de 0 a 12 anos e optamos em não trazer tal informação acompanhada das fotografias e desenhos de suas autorias. A escolha de tal procedimento se justifica como forma de não dar margem a estudos maturacionistas, balizados na psicologia do desenvolvimento, que classifica as crianças de acordo com suas idades e capacidades. O intuito é o de revelar o cotidiano das infâncias imigrantes na Prestes Maia, enfatizando como vivenciam esse período da vida sem classificá-las por idade, ou como “mais desenvolvidas” ou “menos desenvolvidas”.

Deste modo, a metodologia de pesquisa foi se compondo e se mostrou rica, promovendo a sensibilidade do olhar da pesquisadora às crianças, procurando as pistas que estas nos sugeriram ao longo de todo o processo. As pistas também nos foram apresentadas pela presença de adultas e adultos que não somente assistiam às oficinas, mas participavam desde a contribuição com falas até na organização do espaço. Estar atenta à estas pistas contribuiu com o processo de construção e reconstrução constantes do estudo que será apresentado na páginas seguintes.

²⁵ Fala proferida na Conferência de Abertura do III Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias, no qual participei. Realizado em Aracajú (Universidade Federal de Sergipe) - 22/08/2012.

Capítulo 1 – Sobre Morar em São Paulo: As Famílias Imigrantes da Bolívia na Ocupação Prestes Maia

1.1. Entre duas gerações de imigrantes

Os recentes fluxos migratórios de estrangeiros vindos ao Brasil apontam uma intensificação na chegada de bolivianos e bolivianas a partir dos anos 1980. A chegada destes novos personagens, cujo principal destino é a cidade de São Paulo, em alguns casos não é uma trajetória solitária, mas uma trajetória em família.

Ao trazer as famílias imigrantes de bolivianos abrindo este capítulo temos como pressuposto o conceito de geração, como aquele que se refere às experiências em comum partilhadas por este grupo de estrangeiros, caracterizando a existência de uma primeira geração, composta pelos adultos e adultas imigrantes bolivianas. Identifica-se uma segunda geração, que fazem parte crianças vindas da Bolívia com seus familiares ou já nascidas no Brasil.

Segundo Mannheim (1993) para compreender a formação de uma geração é necessário ir além do entendimento apenas de um ou outro aspecto, mas possuir uma visão ampla, levando em consideração conceitos como: idade, situação de classe e experiência comum,

Las unidades generacionales específicas pueden nacer, entonces, dentro de esa comunidad de destino. Estas unidades generacionales se caracterizan no sólo por significar diversas conexiones de la contecer vinculadas entre sí en el seno de una débil participación en común vivenciada por distintos individuos, sino también porque significan un modo de reaccionar unitario —un «agitarse juntos» y un modo de configurar que están conformados por un sentido semejante— de los individuos que están (en la medida en que lo están) directamente vinculados a una determinada conexión generacional. (Idem, p. 225)

Os estudos indicam a existência de duas gerações de imigrantes bolivianos, sendo uma composta por adultos imigrantes e a outra por seus filhos. Inicialmente trataremos as protagonistas desta pesquisa: as crianças bolivianas de 2ª geração. Dando continuidade aos desafios que compõem as experiências comuns de seus familiares, já que entendemos que os saberes devem ser tecidos em sua totalidade, sendo fundamental a contextualização dos aspectos sociais e culturais da primeira geração de imigrantes para que possamos agregar aos estudos relacionados à infância que passa a compor a segunda geração.

1.1.1. Infância imigrante na Cidade de São Paulo

É fato que as crianças imigrantes de origem boliviana²⁶ estão na cidade de São Paulo, transitando com seus familiares e pares, tal como desenhando seus caminhos e trajetórias. Muitas estão matriculadas nas escolas municipais e estaduais, da São Paulo e Grande São Paulo, ou presentes em festas culturais de territórios frequentados por seus parentes. Outras compartilham experiências pertencentes ao morar, convivendo desde cedo com o trabalho precarizado dos familiares que é executado no mesmo local de residência, vivendo nas ruas, cortiços ou ocupações de moradia, fruto da luta urbana, como a Prestes Maia. As múltiplas experiências vividas no cotidiano das crianças se tornam marcas e representações que nos contam mais acerca de seus modos de viver a infância e que compõem suas identidades. Para isso, iniciamos este capítulo delineando quem são as crianças imigrantes bolivianas de 2ª geração.

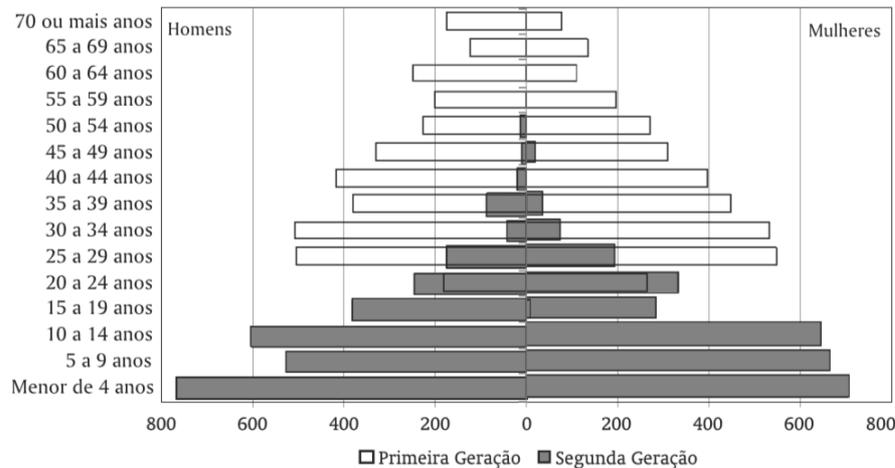
Segundo Gabriela Camargo de Oliveira e Rosana Baeninger (2012)²⁷ a 1ª geração de bolivianos é formada por imigrantes que chegaram ainda adultos ao Brasil desde a década de 1960²⁸ e a 2ª geração é formada pelos filhos destes imigrantes, que vieram ainda crianças ou nasceram no Brasil. O gráfico abaixo ilustra a população de adultos bolivianos (1ª geração) e crianças bolivianas, nascidas ou não no Brasil (2ª geração):

²⁶ Lembrando que a chegada de imigrantes ao Brasil não se restringe apenas ao grupo de bolivianos, mas ao fluxo de haitianos, paraguaios, sírios, entre outros. Neste trabalho enfatizaremos especificamente o grupo de imigrantes bolivianos.

²⁷ Ao longo da pesquisa, inicialmente opto por usar o nome completo do autor e posteriormente a abreviação do mesmo.

²⁸ Alguns autores, como Silva (2011) afirmam que as imigrações de bolivianos para o Brasil já ocorrem desde a década de 1950, sendo intensificada no final da década de 1980 (p. 79).

Tabela 1 – Estrutura Etária da população boliviana na cidade de São Paulo. Primeira e Segunda Geração (2000)



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais, apud, OLIVEIRA e BAENINGER, 2012, p. 190.

Através da amostra do IBGE (ano 2000) podemos notar que há um número expressivo de bolivianos em idade entre 0 a 14 anos, porém levando em consideração que muitos dados acerca da população boliviana não são precisos devido a situação documental e ao aumento do fluxo migratório apontado pelo último Censo de 2010 podemos considerar que certamente a população de crianças imigrantes aumentou.

Para compreender melhor a população de crianças imigrantes, é que Baeninger e Oliveira (2012) apontam a existência de 3 categorias para descrever a segunda geração, baseadas nos estudos de Portes sobre as segundas gerações de imigrantes latino-americanos nos Estados Unidos:

(...) três categorias distintas: crianças imigrantes, crianças de imigrantes e crianças nativas de pais nativos. A primeira categoria inclui jovens que nasceram no exterior e vieram para os Estados Unidos após a infância para serem criados aqui. A segunda inclui as crianças nascidas nos Estados Unidos de pais imigrantes e as crianças nascidas no exterior, mas que vieram ainda muito novos (algumas vezes chamados de geração 1.5). A terceira categoria, crianças nativas de pais nativos, representam a vasta maioria de ambos os total e da população adolescente. (PORTES, 1996, p.ix, apud, OLIVEIRA e BAENINGER, 2012, p. 181)

Deste modo, podemos levar em consideração, atualmente, as duas primeiras categorias, como realidade aparente. No entanto, a terceira categoria, que abrange pais e filhos nativos, ainda não se faz presente com frequência no Brasil, e por este motivo não a abordaremos. Mas, ressaltamos que está sendo construída e futuramente poderá constituir-se como realidade brasileira, já que alguns bolivianos pretendem permanecer no país:

Para os recém-chegados, o projeto do retorno é algo que se coloca de forma mais objetiva, pois a razão de sua emigração é a conquista de recursos, para, no retorno, realizar o seu sonho de independência econômica. Entretanto, dada a falta de oportunidades e das exíguas chances de mobilidade social no país de origem, os imigrantes que trabalham no ramo da costura passam a apostar tudo na conquista de sua própria oficina de costura, cujo processo de produção se dá mediante a conjugação do trabalho familiar e da contratação de compatriotas. (SILVA, 2006, p. 165).

Assim, ao longo das entrevistas semiestruturadas realizadas com os familiares das crianças, ouvimos o relato de Jonas em que aparece como uma de suas vontades montar uma oficina de costura com algumas máquinas que acumula na moradia²⁹, conquistadas através da negociação de salários atrasados com um antigo empregador coreano. Enquanto fazia a entrevista com o pai, o filho Marcos alternava assistir desenhos que passavam na TV Cultura e brincar em jogos no computador, objeto que o pai ostentava orgulhoso, pois também viera com as máquinas de costura no pagamento recebido.

Marcos, filho de Jonas, assim como as 13 crianças que participaram desta pesquisa, totalizando 14, representam a 2ª geração de imigrantes bolivianos anunciados por Baeninger e Oliveira (2012) e Ana Paula Silva (2015). A geração que se caracteriza por crianças nascidas na Bolívia e migraram com seus familiares ou aquelas que nasceram no Brasil, mas são filhas de imigrantes bolivianos. O que podemos notar é que mesmo tendo nacionalidade daqui ou acolá, as crianças transitam entre os dois países, pois mesmo residindo no Brasil, compartilham experiências pertencentes à cultura, idioma e religião bolivianas.

1.1.2. Trajetórias da imigração boliviana até a terra paulista

A chegada de bolivianos ao Brasil não se configura somente como um fenômeno recente, mas ocorre desde a década de 1950, intensificando-se no final da década de 1980, como identificou o pesquisador Carlos Freire da Silva:

O fluxo migratório de bolivianos para a cidade de São Paulo teve início ainda na década de 1950. Nessa época, as características da migração eram muito diferentes [...] esses primeiros imigrantes tinham um perfil diferente dos mais recentes, além de serem em quantidade menos expressiva. (2011, p. 79)

²⁹ Podem ser observadas na Figura 6.

O primeiro fluxo migratório de bolivianos ao Brasil foi entre as décadas de 1950 e 1970, trazendo pessoas com um perfil socioeconômico semelhante. Abrangendo muitos estudantes de classe média em busca de aperfeiçoamento profissional, tal como muitas pessoas que discordavam de acontecimentos políticos no país de origem, como a Revolução Popular de 1952 e as sucessivas intervenções militares entre as décadas de 1960 e 1970. Estes bolivianos e bolivianas eram em sua maioria estudantes, profissionais liberais e faziam parte dos setores dominantes do país, como nos apontaram em suas pesquisas: Sidney Antonio da Silva (2006; 2012), Carlos Freire da Silva (2011) e Maria Teresa Toribio Brittes Lemos (2012).

Com a Revolução Popular de 1952, parte dos setores dominantes da Bolívia migraram para o Brasil, por serem perseguidos pelo *Movimiento Nacionalista Revolucionário* (MNR). Além do motivo político, o sonho em estudar e crescer profissionalmente também foi motivo das imigrações deste primeiro fluxo, motivadas principalmente pelo programa de intercâmbio cultural Brasil-Bolívia. Segundo Lemos (2012) foi mais intensa na cidade do Rio de Janeiro, onde formaram o Círculo de Amigos Bolivianos e no caso das mulheres o Comitê Beneficente de Damas Bolivianas, como forma de cultivar suas culturas e o ciclo de amizades.

Em São Paulo, os bolivianos que migraram neste primeiro fluxo se concentraram e se estabeleceram principalmente em bairros nobres da cidade, como Higienópolis e Morumbi, segundo reportagem do Jornal *Folha de São Paulo*³⁰. Assim, o entrevistado Hermogenes Tapia Rojas, 75, morador do Morumbi conta à reportagem: “Depois que me formei no secundário, em Cochabamba, ouvi sobre o movimento de estudantes para cá e vim fazer medicina.” Ou seja, observamos um movimento em busca da profissionalização e estabilidade política no país vizinho:

Em janeiro de 1951, Mario, oriundo de Cochabamba – cidade situada na região central da Bolívia –, desembarcava em Corumbá (MS), depois de uma longa viagem feita pelo trem que liga a cidade de Santa Cruz de la Sierra à fronteira brasileira, para depois seguir em direção ao seu destino final, a cidade do Rio de Janeiro. Lá ele se empenharia em conquistar o seu sonho, isto é, estudar engenharia mecânica pelo programa de intercâmbio cultural Brasil-Bolívia.

Cinquenta e quatro anos depois, no mês de maio de 2005, René, natural de La Paz – cidade do altiplano boliviano –, também escolheria o Brasil para morar e trabalhar, porém desembarcando na cidade que aglutina o maior contingente de imigrantes bolivianos no país, São Paulo. É nessa metrópole que ele tenta realizar o seu sonho: ter seu próprio negócio, isto é, uma oficina de costura.

³⁰ Artigo escrito por Elvis Pereira no Jornal *Folha de São Paulo* em 16/06/2013 “Bolivianos se tornam a segunda maior colônia de estrangeiros em SP”.

Embora ambos tenham vindo ao Brasil em épocas diferentes e tenham sido motivados por objetivos distintos, algo eles têm em comum, o sonho de uma vida melhor, que a sua pátria não podia lhes oferecer. (SILVA, 2006, p.157).

Como no relato de vida dos dois personagens da vida real trazidos por Silva (2006), notamos que a característica fundante destes dois fluxos migratórios com objetivos distintos é o sonho de uma vida melhor no país de destino. No caso do segundo fluxo migratório, a partir da década de 1980, que iremos nos deter ao longo desta pesquisa, o ímã que atrai mulheres e homens bolivianos, acompanhados de seus filhos, é o trabalho e esperança por “melhores condições de vida” no país vizinho. O determinante econômico é fundamental para as migrações dos anos 1980, que se intensificam e trazem à cidade um novo perfil de imigrantes bolivianos:

A partir de meados dos anos 1980, o perfil dos imigrantes bolivianos começa a mudar, passando para um padrão de mão de obra pouco qualificada, em busca de trabalho e em quantidade bem maior, que ingressa no país de forma clandestina. (SILVA, 2011, p. 79)

A grande parte dos bolivianos que emigraram ao Brasil a partir da década de 1980 é oriunda de várias partes da Bolívia, porém com predominância dos pacenhos, vindos de La Paz e cochabambinos, vindos de Cochabamba (SILVA, 2006, p. 160). E durante a década de 1990 este ciclo de migração torna-se cada vez mais intenso, já que os imigrantes passam a trazer familiares, amigos, muitas vezes agenciados por coreanos (donos de oficinas de costura) ou pelos próprios compatriotas bolivianos.

E nas décadas de 1990-2000 o fluxo intensifica-se no Brasil e principalmente na cidade de São Paulo, como podemos acompanhar na tabela contida na pesquisa de Gabriela Adriana Sala (2005):

Tabela 2 – Saldos migratórios e taxas líquidas de migração dos naturais da Bolívia, Brasil e estados selecionados - 1980-2000

Períodos	Residência em 2000			
	Brasil	São Paulo	Rondônia	Mato Grosso do Sul
SMs				
1980-1990	3.113	1.586	894	217
1990-2000	6.142	4.461	233	293
TLMs (%)				
1980-1990	20,3	25,3	40,5	13,6
1990-2000	30,1	43,6	9,9	16,6

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 1980, 1991 e 2000 (microdados da amostra). Celade, Boletim Demográfico, 2001, apud, SALA, 2005, P. 63)

O grupo de bolivianos na cidade de São Paulo em poucos anos tornou-se o maior grupo de latino-americanos (SILVA, 2011). Porém, algumas pesquisas trazem a dificuldade em mensurar a quantidade de imigrantes bolivianos no Brasil, já que muitos são irregulares no país, não estando presentes nos dados oficiais, como do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para dados mais assertivos acerca da quantidade de bolivianos em território brasileiro, deve-se considerar fontes suplementares ao IBGE, como: Polícia Federal, Consulado da Bolívia, Pastoral do Imigrante, Ministério do Trabalho e Emprego e Ministério Público.

A dificuldade de trabalhar com dados sobre a população boliviana no Brasil é abordada nas pesquisas de Silva (2011); Giovanna Modé Magalhães e Flávia Schilling (2012). Os autores ressaltam a importância de trazer as diferentes fontes que forneçam dados de imigrantes bolivianos irregulares e regulares, já que há um intenso fluxo de imigração clandestina:

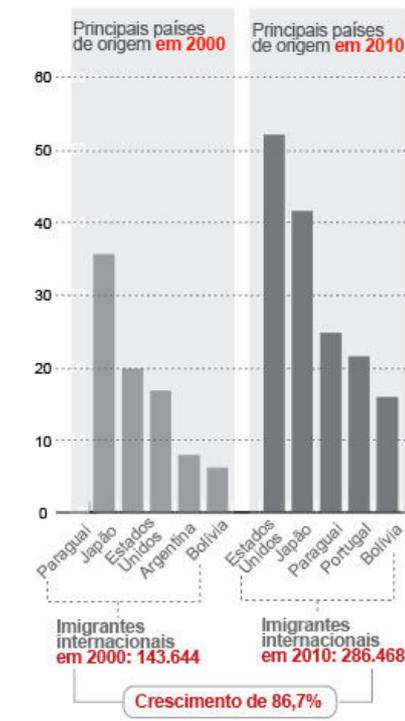
Os dados do Censo 2000 que contabilizaram 20.015 bolivianos vivendo em território brasileiro. Já a Polícia Federal falava em 32.416 pessoas regularizadas. O Consulado da Bolívia fala em 50 mil indocumentados, enquanto para a Pastoral do Imigrante, o número está entre 70 e 80 mil. O Ministério do Trabalho e Emprego tem estimativas menores – entre 10 e 30 mil. O Ministério Público fala em 200 mil bolivianos ao todo (incluindo regulares e irregulares). (MAGALHÃES e SCHILLING, 2012, p. 44).

As dificuldades na contabilização no número de estrangeiros foi destacada pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) que aponta alguns motivos, como o fluxo dinâmico de pessoas e de não ter uma base unificada com os registros, sendo os Ministérios das Relações Exteriores, Justiça e do Trabalho que tentam contabilizar os números a partir de registros sociais. Segundo o relatório anual de inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro, realizado pelo OBMigra cerca de 94 mil estrangeiros entraram no Brasil no ano de 2016, número 23% menor que em 2014. Um dos motivos apontados é a crise econômica e política que atravessa o país, cenário diferente entre os anos de 2010 e 2014 cujo crescimento econômico foi motivo de aumento no índice de migrações externas. O Ministério da Justiça em 2016 registrou que 690 mil estrangeiros estão no país com visto permanente (possuem permanência no país por 2 anos ou mais), 359 mil estão com visto temporário, ou seja, calculando os fronteirços e não informados chegou-se no total de 1,06 milhões de imigrantes vivendo no Brasil, sendo que 45,2% estão no estado de São Paulo. Outro destaque

do relatório é para o maior grupo de imigrantes, representados pelos haitianos e seguidos dos bolivianos com 60,8 mil pessoas³¹.

Os dados do último Censo de 2010 que levaram em conta apenas os imigrantes que já residiam no Brasil há 5 anos, apontam para o crescimento da imigração, principalmente de bolivianos. Houve um crescimento de 86,7% de imigrantes internacionais em relação ao último Censo de 2000, como podemos verificar no gráfico a seguir:

Tabela 3 – Número de Imigrantes no Brasil em milhares de pessoas



Fonte: IBGE/ Censo Demográfico 2010³²

No gráfico podemos notar o crescimento de imigrantes bolivianos no Brasil, porém segundo o IBGE a vinda de paraguaios em 2010 é maior que a de bolivianos. Ao longo das entrevistas que realizamos na Ocupação Prestes Maia, conhecemos a história de Carmen, que é nascida no Paraguai e casada com um boliviano. Ela migrou há 17 anos e trabalhava em oficina

³¹ Retirado do site: <https://g1.globo.com/politica/noticia/entrada-de-imigrantes-no-brasil-caiu-23-em-dois-anos-efeito-da-crise-politica-e-economica-diz-estudo.ghtml>. Acesso em: 04/01/2018.

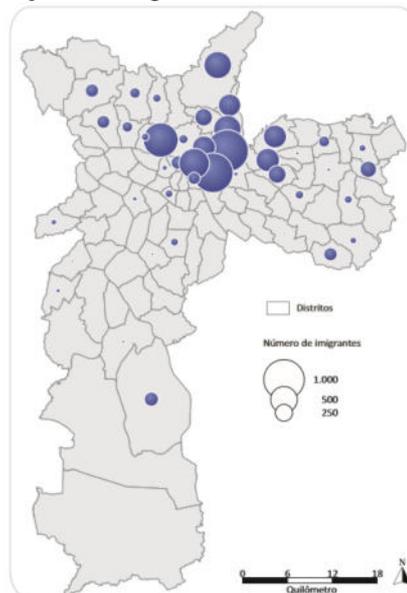
³² Retirado do site: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/04/numero-de-imigrantes-cresceu-867-em-dez-anos-no-brasil-diz-ibge.html>, Acesso em 10/04/2016.

de costura com seu primo, local que segundo a moça tinha apenas trabalhadores paraguaios e cujo chefe era coreano. Após conhecer o seu marido, já em território brasileiro, é que Carmen parou de trabalhar para se dedicar à maternidade e desde 2010 é moradora da Ocupação.

Considerando a vinda de imigrantes à São Paulo, com dados extraídos do Censo 2010 e publicados pela Prefeitura de São Paulo nos informes urbanos de 2012, a Bolívia como polo emissor, aumentou em quatro vezes o número de imigrantes, que elevou-se de 2.115 no ano de 2000, para 9.419 no ano de 2010, atingindo uma participação de 23,8% do fluxo total de imigrantes. (Informes Urbanos, nº15, 2012, p. 1)

No mapa abaixo, podemos verificar a concentração de imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo em 2010. Fixaram-se sobretudo nas regiões norte (51,0%) e leste (40,4%) do município, em distritos tais como Vila Maria, Belém e Casa Verde, regiões próximas às instalações fabris da indústria de confecção (Informes Urbanos, nº15, 2012, p. 2):

Tabela 4 - concentração de imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo em 2010



Fonte: IBGE/ Censos Demográficos 2000 e 2010 ³³

Como podemos verificar, grande parte dos imigrantes bolivianos que vem ao Brasil tem como destino a cidade de São Paulo. A “cidade do trabalho”, como ficara conhecida e impregnada na mentalidade de muitos que aqui moram e trabalham, já recebera um intenso fluxo de migrantes de outras cidades brasileiras, a partir da década de 1940 (LEAL, 2011), e passa a ser rumo certo de trabalhadores bolivianos a partir dos anos 1980. E “essa multidão é o

³³ Informações retiradas do relatório: Informes Urbanos, nº15, 2012, p. 2

músculo da cidade”³⁴, ou seja, esta multidão composta de trabalhadores faz parte do tecido social que é fundamental para o funcionamento desta engrenagem econômica. O lado perverso desta economia é a presença massiva de trabalhadores que precariamente atravessam as fronteiras físicas e identitárias de seu país para ficarem confinados em média 12 à 14 horas por dia em uma máquina de costura, recebendo menos que um salário mínimo³⁵, ou muitas vezes sem receber, já que possuem dívidas com seus agenciadores. O papel destes, é o de acompanhar a trajetória dos trabalhadores bolivianos, financiando as viagens com promessas de rápido retorno financeiro no Brasil. Ao chegarem ao país de destino, os imigrantes se deparam com jornadas de trabalho exaustivas e baixa remuneração, condições que propiciam a maior dependência no jogo de poder com seus agenciadores, conhecidos como *brokers* (SILVA, 2011).

O grupo de agenciadores é composto por compatriotas, brasileiros e também por coreanos. A pesquisa de Silva (2011) evidencia a importância dos “caminhos cruzados” entre migração boliviana e migração coreana, como forma de explicar os trabalhos de ambos os grupos no setor de confecções no Brasil. O autor se baseia na historiadora Keum Choe para explicar que os coreanos começaram a migrar em 1962, depois de um acordo entre o governo brasileiro e o coreano. Alguns, já atuavam no setor de confecções em seu país e ao migrarem à São Paulo vão trabalhar neste ramo, ou os que chegam com um pouco de dinheiro vão montar suas próprias oficinas, dando continuidade ao que já faziam na Coreia. Eles contavam com um sistema de financiamento próprio e uma assistência mútua, o *Kye*, tal como o contato privilegiado com empresários da Coreia do Sul e mão de obra irregular, facilitando o sucesso do grupo. Muitos coreanos também se estabeleceram nos ramos de confecções na Argentina e na própria Bolívia (Idem, p. 80-81).

Durante os diálogos com os familiares, notamos que alguns mencionaram a presença de chefe coreano nas oficinas de costura. A seguir, o relato de Glória, avó de crianças participantes da pesquisa, que já está no Brasil há 20 anos e nos falou sobre o seu trabalho em oficina de costura fazendo menção ao chefe coreano:

Eu não fazia muito costura lá... somente fazia ajudante de embaladeira, de embalar. Eu trabalhei 3 anos na fábrica. Então já acostumei bastante a lá. Tenho amigos brasileiros a lá, muitas amigas, amigos a lá e o dono era

³⁴ Definição dada à massa trabalhadora da cidade de São Paulo pelo Jornal *Última Hora*, em menção a greve operária de 1953 (FONTES, apud, LEAL, 2011, p. 19).

³⁵ Segundo dados do relatório anual do ano de 2014 do Centro de Apoio e Pastoral do Migrante (CAMI).

bonzinho também e ele mandou embora. Por que o dono não é brasileiro é coreano. É estrangeiro também, entences ele falou para mim que estava na crise e que não dava para sustentar bastante gente, então ele teve que dispensar bastante gente. Entences com esta crise acabamos sofrendo e estou a cá. Seguindo a diante e procurando trabalho (Glória, entrevistada em 13/02/2017).³⁶

Os homens e mulheres bolivianos enfrentam difíceis condições de vida em um país diferente e não somente com o deslocamento territorial, mas também com deslocamentos culturais, afetivos, emocionais, profissionais e identitários (PAIVA, 2013):

Por vezes, a chegada do migrante num outro país ou região é precedida por várias das formas de migração apontadas anteriormente. No caso dos migrantes bolivianos em São Paulo, encontramos uma trajetória de migração que, para muitos, começou no êxodo do campo para as cidades como Santa Cruz de La Sierra ou La Paz. Camponeses de origem indígena, oriundos de pequenas comunidades rurais, migram para cidades e dedicam-se a atividades que não fazem parte de sua tradição cultural. Transformam-se em trabalhadores urbanos (vendedores, ambulantes, trabalhadores em pequenas oficinas, etc.), realizando uma migração que é ao mesmo tempo espacial e profissional. Muitos irão cruzar a fronteira com o Brasil, migrando da condição de nacionais para estrangeiros. (Idem, p. 16)

Alguns dos entrevistados nos relataram o que autor chamou a atenção, o fato de as trajetórias dos migrantes se iniciarem dentro do país de origem e posteriormente para o destino. Deste modo, traremos a trajetória que nos foi relatada por Jonas nascido em Beni, na Bolívia. O rapaz e sua esposa primeiro migraram à La Paz, em seguida foram para Santa Cruz de La Sierra, Puerto Quijarro e depois à Corumbá, onde entraram com visto de turista e vieram até a região metropolitana de São Paulo, Guarulhos. Após relatos de maus tratos e falta de pagamento, Jonas e sua esposa através de agenciadores que ficavam na Praça Kantuta conseguiram trabalho em outra oficina de costura, desta vez localizada na zona leste de São Paulo. Jonas explica que apesar de sua esposa ter muita dificuldade com o idioma, ela se adaptou melhor ao trabalho na costura, então ele resolve ir buscar o filho do casal na Bolívia enquanto a mulher fica no Brasil trabalhando. Faz todo o percurso de retorno e após pegar o filho, entra ilegalmente no Brasil para encontrar-se com a sua esposa, que insatisfeita com o trabalho resolve sair da oficina na zona leste com a família. Sem lugar para ficar e sabendo de algumas oportunidades de trabalho, a família vai até o centro da cidade de São Paulo, mas sem

³⁶ Ao longo deste trabalho, optamos em manter as falas dos entrevistados tal como proferidas em seu formato original.

moradia, passam a residir nas ruas. É então que, a partir de uma manifestação conhecem uma das principais lideranças da FLM e passam a morar em uma das ocupações filiadas ao movimento.

Além das trajetórias, Jonas nos relatou as dificuldades enfrentadas em relação ao idioma, a adaptação ao trabalho e a moradia, ao mesmo tempo em que se orgulha em falar que participa do grupo de dançarinos bolivianos que se apresenta na praça Kantuta. O rapaz, assim como outros tantos homens e mulheres bolivianas mudam de nação, mas encontram problemas que se contrapõem às sonhadas e desejadas perspectivas de vida que almejavam no país vizinho, dificuldades a serem enfrentadas por todos: os grandes desafios em lidar com a diferença. O que iremos verificar adiante é que muitas vezes os sonhos trazidos por estes trabalhadores imigrantes são atravessados por condições de submissão e exploração no mundo do trabalho.

1.2. Desafios enfrentados por imigrantes bolivianos no Brasil

1.2.1. A inserção no trabalho precarizado

“Eu ouvi, acho que quando tinha uns 13 ou 15 anos... eu ouvi falar do Brasil. Aí o meu sonho era conhecer o Brasil. Tinha o sonho de conhecer o Brasil, outro país, né.” (Sônia, entrevista em 20/02/2017)

O deslocamento de bolivianos para São Paulo destina-se em grande parte ao trabalho em confecções de roupas. O crescimento da oferta de trabalho em condições precárias se deve a um importante fator sócio-econômico: a reestruturação produtiva da década de 1990.

As mudanças nos setores de confecção iniciam a partir da reestruturação produtiva que ocorreu no fim dos anos 80 e decorrer dos anos 1990, na qual o setor de confecções passou por profunda transformação, entre elas: intensificação das terceirizações na gestão da mão de obra. O número de empregos formais diminuiu, passando de 180 mil em 1988 para apenas 80 mil em 2000 (SILVA, 2011, p. 75).

Segundo Silva (2011) com o processo de reestruturação produtiva as empresas de confecções formalmente constituídas no Brás e no Bom Retiro reduziram suas plantas industriais e concentraram-se na criação, modelagem, corte e comercialização do produto final. A costura, etapa mais intensiva do trabalho, foi terceirizada.

Nesta reconfiguração da planta industrial, a precarização do emprego abriu portas para mulheres que desempregadas no ramo de confecções passam a organizar pequenas oficinas em suas casas e também para os milhares de bolivianos e bolivianas que em busca de novas oportunidades em São Paulo, começam a compor essa demanda. Segundo Ricardo Antunes (2011) o trabalho precarizado aponta para a um novo proletariado fabril e de serviços: “São terceirizados, subcontratados, *part-time* [tempo parcial], entre tantas outras formas assemelhadas que se expandem em escala global.” (p. 47). O que percebemos é que tal modalidade de trabalho esta atingindo os imigrantes, que aos olhos de empresários dos setores da confecção são necessários para manterem a engrenagem de seus negócios funcionando, mesmo sendo explorados e em situações degradantes de trabalho.

Ao longo da pesquisa na Ocupação Prestes Maia realizamos dez entrevistas com familiares das crianças, dos quais oito foram com mulheres, dentre elas mães, avós e uma irmã e dois entrevistados homens, ambos pais, todos maiores de 18 anos. Chamou-nos atenção nas falas a motivação para a migração: na maioria dos casos as oportunidades de trabalho. Essas oportunidades são amplamente divulgadas em propagandas e anúncios na Bolívia, vinculadas principalmente ao ramo da confecção. Os agenciadores responsáveis em fazer a captação de trabalhadores bolivianos, prometem vida fácil, que trabalharão pouco, ganharão muito dinheiro e conhecerão um país “grande”. Estes agenciadores para dar credibilidade à promessa de boa vida ostentam roupas e tênis de marca (CAMI, 2014). Assim, notamos o desejo de uma vida melhor através da imigração presente na fala de um dos entrevistados:

Aí, chegou um dia que um rapaz colocou um anúncio na rádio para trabalhar aqui no Brasil. Bom, e eu pensei... eu tinha os meus planos de continuar meus estudos, mas...aquela proposta dele, era muito tentativa, sabe? Você vai ganhar bem, vai tá lá, tudo isso, e tá bom. Meu filho, já tava nascido e eu fiz o seu primeiro aninho, eu fiz lá na Bolívia junto com a minha mãe e tudo. Até que um dia que aquele aviso de anúncio da rádio, falei para a minha mulher... ‘sabe? A gente vai trabalhar em outro país.’ Como a gente...eu tenho todos os documentos, né, a gente vai para trabalhar é...[suspiro]. Vamos deixar o nosso filho com a sua avó e vamos mandar dinheiro, se alguma coisa precisar ou... eu falei para ela, né, tudo, tá bem e ela tomou a decisão e tá bom. Então, os dois juntos e vamos lá. Aí a gente se apresentou com aquele homem, ele era boliviano, ele mora lá no Guarulhos. Aí ele falou para vir pra cá, tá, tá bom...No precisa pagar passagem, hospedagem... você não precisa pagar. Ah, tá bom... nossa! Mas é estranho, né? (Jonas, entrevista em 08/05/2017)

O auditor fiscal do trabalho Luís Alexandre Faria ao participar do 1º Seminário Sobre Combate ao Trabalho Escravo no Estado de São Paulo afirmou que mais de 40 mil bolivianos

vivem em cerca de 12 mil oficinas de costura em São Paulo (SAKAMOTO, 2014b). E revelou que muitos casos de trabalho em condição análoga à escravidão estão ligados ao tráfico de pessoas. A tática dos coiotes é semelhante a que iludiu Jonas, pois eles colocam anúncios nas rádios solicitando costureiros para trabalhar no Brasil com um bom salário. E chegando à São Paulo inicia o acúmulo de dívidas, das quais nunca terminam de pagar³⁷.

Sochaczewski (2012) identifica que os proletários estão sendo incentivados a sonharem com os objetos de consumo, em uma sociedade cada vez mais individualista:

Os sonhos e as atividades verdadeiramente incentivados em nossa sociedade são as que se referem ao consumo e que terminam por classificar pessoas de acordo com sua *performance* como compradores, muitas vezes sem nenhuma relação com necessidades reais. O consumir em si se tornou uma necessidade e *o compro logo existo* explicita a degradação. (Idem, p. 284. *Grifos da autora*)

O sonho do trabalho nas oficinas paulistas alia o desejo do consumo à sobrevivência, não exatamente nessa ordem. Muitas das famílias de imigrantes viviam em situações precárias no país de origem, porém, a chegada ao local de destino muitas vezes tornava-se o pesadelo de exploração de mão de obra e ameaças, principalmente aos indocumentados. A vida cotidiana de muitos imigrantes passa a ser permeada pelo medo, causado pelo amplo circuito de dominação em que estão envolvidos. As ameaças de denúncia de irregularidade à Polícia Federal muitas vezes os impedem de sair para rua, já que tal discurso é constantemente utilizado em tom de ameaça pelos agenciadores. O que lhes resta é ficarem confinados em suas casas-trabalho, em condições precárias, junto de suas famílias:

Forma-se um circuito de dominação e exploração econômica, baseado na relação ampliada entre imigração irregular, moradia e trabalho. E ele começa com o endividamento pelo custeio da viagem, que garante a permanência no imigrante na oficina enquanto a dívida não for quitada. (SILVA, 2011, p. 87-88).

O 1º empregador do boliviano no Brasil exige fidelidade. Caso, este não o cumpra (não consiga acompanhar o ritmo acelerado de produção, desista por algum motivo) dificilmente ele consegue outro emprego em oficinas, já que é visto como “traidor”. Muitos passam a atuar com vendas informais, ambulantes e etc. Já que pela condição ilegal, dificilmente migram para outros setores do mercado de trabalho (Idem).

³⁷ SAKAMOTO, Leonardo. Pais de menino boliviano morto em SP contam como é difícil retomar a vida. Publicada em 12/05/2014b. Disponível no site: Uol Notícias. Acesso em: 13/02/2017.

Marta e seu marido, moradores da Ocupação Prestes Maia, resolveram sair do ciclo da costura e atualmente trabalham como vendedores ambulantes, confirmando o que fora apontado por Silva (2011) sobre trabalho destinado aos imigrantes latino-americanos:

Vendo açai. Já meu marido vende bebida, milho, depende né... Eu trabalho aqui na 25...lá tem muita correria e a polícia não deixa. Eles tomam a mercadoria da gente, eles tomam tudo... é esta é a rotina de cada pessoa que trabalha, do setor que escolhe pra você. O bom é que você trabalha pra você mesmo e você vai quando você quer, não tem chefe... chefe sou eu. Chefe é a única parte de boa, trabalhar para você. Por que trabalhar para os outros...você pode estar doente, estar chovendo e você tem que estar aí. (Marta, Entrevistada em 13/02/2017)

A ilusão do trabalho e viagem sem custo propiciou que Jonas, sua esposa e mais dois amigos tivessem a sua vinda ao Brasil mediada por agenciadores, porém as promessas foram se desfazendo:

Só que quando chegamos lá, o cara falou assim para nós que, tudo aquilo que ele gastou, de passagem, hotel e tudo, ele descontou no salário. A gente trabalhou durante 3 meses de graça, pagando aquela dívida. Por que cada um saiu com uma dívida, mais ou menos, de quase 900 reais. Nós, era nós dois, a minha esposa e eu, 900...9 e 9 é 18... 1800, quase 2mil reais, que a gente tinha que pagar e ainda no primeiro mês eu tava tentando trabalhar com aquele dinheiro, para eu mandar para a Bolívia, que lá na Bolívia... uma coisa é boa da moeda daqui, ela vale o dobro da de lá, o dobro. (...) Bom, e quando eu cheguei aqui, na primeira semana a gente não sabia costurar. O homem, ele falou assim 'se vocês não vão ter um salário, por enquanto, até vocês aprenderem a costurar. Quando vocês aprenderem a costurar, aí vocês vão ganhar por peça e aí vão ter um salário'. (Jonas, entrevista em 08/05/2017)

Segundo o relato, as dívidas parecem não terem fim e em cada momento adquirem novas amarras que prendem os trabalhadores ao trabalho, desde a viagem até a produção de roupas. Em 2011 a famosa marca Pernambucanas contratou uma oficina na Zona Norte de São Paulo, onde foram encontrados bolivianos trabalhando em condições precárias de trabalho, entre eles adolescentes de 16 e 17 anos. Na oficina, algumas anotações de cadernos denunciavam as dívidas de trabalhadores com a viagem ao Brasil, compras de mercadorias e descontos de roupas com defeitos:

Foram apreendidos ainda sete cadernos com anotações de dívidas dos empregados com o dono da oficina. Há desde marcações referentes à compra de shampoo até o desconto do custo da passagem da Bolívia ao Brasil. Uma das vítimas chegou a receber R\$ 238 por um mês inteiro de trabalho. Um dos

cadernos também mostra outro tipo de redução no salário em virtude de peças com defeitos devolvidas pela empresa. (PYL, 2011)³⁸

Na oficina Dorbyn que comercializa a marca Argonaut nas lojas Pernambucanas, os trabalhadores além de terem descontos exorbitantes em seus salários, recebem a menor parcela da produção:

A fiscalização teve acesso ao pedido de compra do lote (2.748 peças) do "casaco longo moletom – tema Romance Gótico", da Argonaut, que os libertados costuravam no momento da ação. As Pernambucanas pagariam R\$ 33,50 por cada peça à Dorbyn e venderia a mesma por R\$ 79,90. O valor pago pela Dorbyn por cada blusa à oficina de costura era de R\$ 4,30. (PYL, 2011)

Algumas empresas conhecidas pelos brasileiros já foram responsabilizadas por contratar pequenas oficinas de costura em que ocorria a exploração de trabalhadores, marcas como: Zara (flagrada três vezes pela fiscalização e dentre as inúmeras denúncias utilizando trabalho de estrangeiros e infantil), Renner, Marisa, Pernambucanas, M. Officer, Collins, Le Lis Blanc, Bo.Bô, HippyChick, Gregory, Cori, Emme, Luigi Bertolli, Unique Chic, 775, Talita Kume, As Marias, Seiki, Atmosfera, Fenomenal, Gangster e IBGE (oficina terceirizada que produziu coletes para os agentes do Censo de 2010)³⁹ (REPÓRTER BRASIL, 2012).

Em 2014 a marca Renner⁴⁰ foi alvo de denúncias de trabalho escravo por contratar uma oficina em bairro da Zona Norte de São Paulo com 37 trabalhadores bolivianos sendo mantidos em regime de escravidão (OJEDA, 2014).

Em 2016 a empresa Brookfield Donna, marca da Via Veneto, foi denunciada por contratar uma oficina na qual bolivianos moravam em condições insalubres e trabalhavam em média de 12h à 14h por dia. No local havia uma adolescente de 14 anos que trabalhava na máquina de costura e 2 crianças que acompanhavam seus familiares. A reportagem apontou a

³⁸ Artigo escrito por Pyl, Bianca, publicado no site Repórter Brasil em 02/04/2011. "Trabalho escravo é flagrado na cadeia da Pernambucanas". Disponível: < <http://reporterbrasil.org.br/2011/04/trabalho-escravo-e-flagrado-na-cadeia-da-pernambucanas/>> Acesso em: 20/03/2016.

³⁹ Artigo do site Repórter Brasil, publicado em 12/07/2012. "As marcas da moda flagradas com trabalho escravo". Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/2012/07/especial-flagrantes-de-trabalho-escravo-na-industria-textil-no-brasil/>. Acesso em: 04/04/2016.

⁴⁰ Artigo escrito por Igor Ojeda, publicado no site Repórter Brasil em 28/11/2014. "Fiscalização flagra exploração de trabalho escravo na confecção de roupas da Renner". Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/2014/11/fiscalizacao-flagra-exploracao-de-trabalho-escravo-na-confeccao-de-roupas-da-renner/>. Acesso em: 15/06/2016.

opinião dos auditores responsáveis pelo caso, que alertaram para o perigo do trabalho com instrumentos perfurantes, como a máquina de costura, que está entre “as piores formas de trabalho infantil”. O Brasil se comprometeu a eliminar esta forma de trabalho até 2016, mas que ainda se faz presente na cidade de São Paulo (LOCATELLI, 2016)⁴¹.

As principais denúncias envolvem desde o tráfico de pessoas, principalmente de imigrantes latino-americanos, em que se destacam o grupo de bolivianos, mantidos em situações precárias de moradia, jornadas exaustivas de trabalho, baixa remuneração, ausência de condições de higiene (banheiros sujos e em quantidade insuficientes), alimentos estragados, baixa luminosidade, máquinas com peças faltantes (risco de acidentes), cadeiras sem regulagem/encosto ou caixas de papelão usadas como assentos e servidão por dívidas.

As situações trazidas pela comunidade boliviana da Ocupação Prestes Maia nos evidenciou trajetórias que denunciam tais precárias condições de trabalho, como no relato de Daniela:

(...) minha mãe me encontrou e disse que tinha conhecido uma mulher que poderia me arranjar emprego no Brasil por 2mil pesos. Quando cheguei ao Brasil, ainda grávida, trabalhava em uma oficina de costura na Av. do Estado (São Paulo), onde era uma cárcere. Não podia sair, apenas ficar trabalhando... acordava as 5horas da manhã e trabalhava até 2h da madrugada sem receber salário. Minha filha nasceu ali na oficina, sem nem ir ao hospital... e como eu não falava português não conseguia pedir ajuda. Passávamos fome e quando minha filha era bebê, lembro de pegar a comida do gato... ração para comer. Não queria isso para minha filha. (Daniela, entrevista em 22/03/2017)

Com a ajuda de uma amiga boliviana que encontrou através do portão da casa onde morava e trabalhava, Daniela conseguiu fugir e conseguiu trabalho em outra oficina de costura:

Assim eu fugi... e fui trabalhar na oficina de um boliviano no bairro do Pari. Lá, eu não passava fome, mas ele não me pagava. Foram 6 meses sem receber, até que eu fui na polícia e denunciei. Ele ficou muito bravo, disse que não precisava disso, pois o chefe coreano não ia gostar. Mas eu sei que ele tinha dinheiro, pois o coreano vendia para umas 3 lojas. E eles tiveram que me pagar tudo e então resolvi voltar para a Bolívia. Acredita que os documentos da minha filha só consegui tirar na Bolívia, quando ela já tinha 1 ano? Ela nasceu no Brasil, mas seus documentos são da Bolívia. (Daniela, entrevista em 22/03/2017)

O sentimento de sofrimento e injustiça presentes no relato de Daniela e em suas lágrimas ao relembrar a chegada ao país nos evidencia que mesmo havendo o relato de exploração nas

41 Artigo escrito por Piero Locatelli, publicado no site Repórter Brasil em 20/06/2016. “Brookfield Donna, marca da Via Veneto, é flagrada com trabalho escravo”. Acesso em: 15/06/2016.

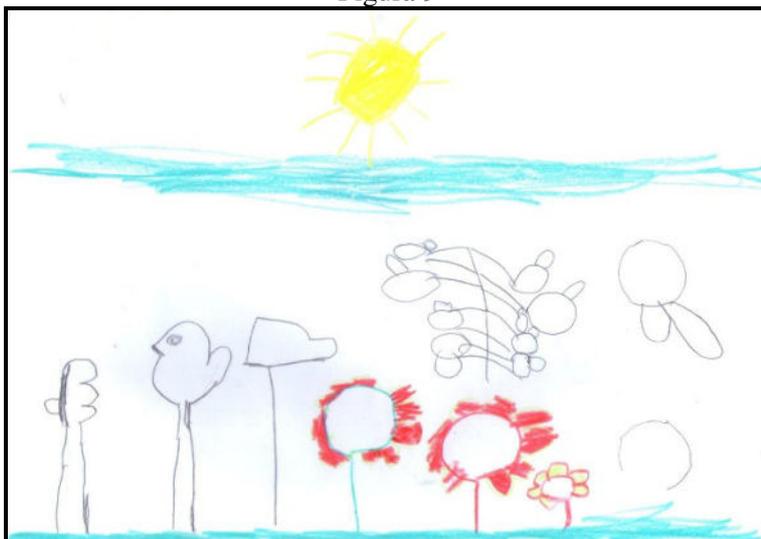
oficinas de costura, ela não conseguiu romper com este ciclo, migrando de uma situação a outra, e agora está novamente no Brasil sem trabalhar para cuidar dos filhos e netos, dependendo da renda de sua filha, que trabalha com serviço de telemarketing e de seu marido nascido no Peru, que trabalha com costura, mas convive com o alcoolismo. O trabalho precarizado, principalmente no ramo da confecção de roupas é o que predomina entre as famílias de bolivianos, revelando que não é qualquer trabalho destinado aos imigrantes.

O trabalho precarizado está presente entre os imigrantes entrevistados na Ocupação Prestes Maia, dentre as principais modalidades de trabalho que mencionaram estão: a costura, vendedor ambulante (perfumes, açaí e bebidas), confeitiro e balconista de loja de eletroeletrônicos⁴². Além disso, destacam-se as falas de mulheres que desejam retornar ao mercado de trabalho, porém por não terem com quem deixar seus filhos ou netos, precisam ficar em casa.

Apesar de cuidar todos os dias das filhas, a entrevistada Violeta faz alguns trabalhos esporádicos na confeitaria em que o marido trabalha, auxiliando a fazer bolos quando tem muitas encomendas e também aproveita algumas oportunidades para realizar cursos de artesanato próximo a Ocupação. Na ocasião da entrevista, ela mostrou-me diversas flores de papel que produz e decora a sua casa. A filha mais velha, Nuria com 6 anos imitava as flores da mãe, tentando aprender o ofício, dobrando papéis enquanto a entrevista era feita. As crianças que estavam no corredor neste momento não brincavam somente ao redor, mas interagiam com as adultas, sentando no colo da pesquisadora, prestando atenção nas falas e mais uma vez brincando de serem entrevistadoras ao querer segurar o celular enquanto gravava o áudio e segurar o caderno de campo. Curiosamente, notava que quando tiveram a possibilidade de desenhar, optaram pelo tema flores. Por interferência da fala da adulta, ou simplesmente no ato de copiar a ideia do colega, mas notamos que as flores eram produzidas e se apresentaram de diferentes formas. Optamos por apresentar os desenhos, já que os mesmos, como afirmado anteriormente, servem como recurso promotor de conversas entre todos:

⁴² A balconista é Júlia, com 18 anos. Ela é irmã de duas crianças que participaram da pesquisa e mãe de um bebê recém-nascido. A moça veio bem pequena ao Brasil com sua mãe e agora com 18 anos sustenta a família, pois enquanto a mãe cuida das crianças, o seu pai enfrenta problemas com bebida, vivendo de trabalhos esporádicos.

Figura 9



Fonte: Desenho feito por Pedro – “jardim com flores e pássaros”

Figura 10



Fonte: Desenho feito por Julia - sequência de flores

Figura 11



Fonte: Desenho feito por Camila - vaso com flores

Ao analisar os fluxos migratórios na França, Abdelmalek Sayad (1998) afirma que a condição de imigrante é subordinada ao trabalho, mas não qualquer trabalho, e sim trabalho para imigrantes (p. 55). No Brasil, a precarização do trabalho para os estrangeiros nos demonstra a semelhança existente com os estudos do autor. Em uma entrevista demonstra o pensamento do empregador ao contratar imigrantes:

Para o trabalho, conforme proclama um empresário da Lorena, “o papel deles é o de serem sacrificados”. “Sacrificados” quando são ativos (sua qualidade de imigrantes prejudica sua promoção, sua formação, quando não sua remuneração); “sacrificados”, principalmente, quando são desempregados (seu “sacrifício”, se é que poderia esconjurar o medo dos franceses, chegando então à própria negação de sua existência). “Em parte, nós os contratamos para isso. Em caso de crise, eles contam menos do que os nacionais” (LE MONDE, 14 dez. 1971, apud, SAYAD, 1998, p. 53).

No Brasil, a rede de lojas Zara devido ao alto número de denúncias em relação ao trabalho escravo, principalmente de imigrantes latino-americanos em oficinas de costura que prestavam serviço para a marca, comprometeu-se a erradicar o trabalho escravo em sua rede de terceirizadas desde 2011, tomando a iniciativa de não contratar mais oficinas que tivessem como funcionários imigrantes latino-americanos trabalhando. Deste modo, ao invés de qualificar e dignificar estes postos de trabalho ocupados por imigrantes, simplesmente optou

por excluí-los da cadeia produtiva. A marca foi autuada por discriminação pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), com multa de R\$ 838 mil (CAMPOS, 2015)⁴³.

Devido a grande quantidade de denúncias, a ONG Repórter Brasil lançou em abril de 2016 o aplicativo “Moda Livre” cujo objetivo é monitorar 77 grifes e varejistas, como forma de inibir e denunciar a presença de trabalho escravo aos consumidores (REPÓRTER BRASIL, 2016)⁴⁴.

Segundo o Centro de Apoio e Pastoral do Migrante (CAMI) a maioria dos imigrantes que procuram orientação para regularização da documentação no Brasil são de bolivianos, que reclamam da lentidão principalmente em relação à carteira de trabalho que pode demorar até 6 meses. (CAMI, 2014). Essas dificuldades reforçam o ingresso de trabalhadores bolivianos em atividades informais, mesmo aqueles que buscam a tão sonhada legalidade, mas que demora a ser alcançada.

O CAMI oferece apoio aos migrantes desde 22 de julho de 2005, e foi fundado pelo Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM). É definido pela própria instituição por ter:

Como finalidade atuar diretamente na promoção dos direitos humanos fundamentais, na inserção social e na prevenção às formas de trabalho análogas a de escravo, prevenção ao tráfico de pessoas visando inclusão econômica, social, política, cultural e religiosa dos imigrantes, com o propósito de construir um mundo com justiça social, sustentável, onde a pessoa humana seja colocada em primeiro lugar. Também promove encontros de formação para a cidadania, capacitação de agentes multiplicadores em direitos humanos e prevenção ao tráfico de pessoas, cursos de informática e cidadania, aulas de português e cidadania, cursos profissionalizantes de modelagem e divulgação de direitos e deveres dos imigrantes. (CAMI, 2014, p. 1)

43 Artigo escrito por André Campos, publicado no site Repórter Brasil em 09/05/2015. “Zara corta oficinas de imigrantes e será multada por discriminação”. Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/2015/05/zara-corta-oficinas-de-imigrantes-e-sera-multada-por-discriminacao/>. Acesso em : 15/06/2016.

44 Artigo do site Repórter Brasil, publicado em 18/04/2016. “Moda Livre passa a monitorar 77 grifes e varejistas”. Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/2016/04/moda-livre-passa-a-monitorar-73-grifes-e-varejistas>. Acesso: 15/06/2016.

O CAMI nos oferece importantes dados para reflexão da condição de vida de imigrantes e dos sonhos desses homens e dessas mulheres que chegam à “cidade do trabalho” se deparam ao encontrar uma dura realidade. Sonhos que se assemelham aos de trabalhadores no início da industrialização paulista na década de 1950, os migrantes castigados pelas difíceis situações de vida de suas cidades e por almejarem melhores oportunidades, migram principalmente das regiões nordeste e sudeste (Minas Gerais)⁴⁵, transitando de uma situação de trabalho tradicional rural para o trabalho urbano-industrial (SADER, 2001).

As migrações internas brasileiras revelaram que este novo personagem que entrou em cena enfrentou problemáticas na cidade: falta de moradia, falta de emprego, choque cultural, falta de profissão, obtenção de documentação legal, emprego e alimentação (BERLINCK, 1975, apud, SADER, 2001). Dentre as dificuldades elencadas que enfrentaram os migrantes brasileiros, poderíamos atribuí-las atualmente aos imigrantes bolivianos, com o agravante da reestruturação produtiva dos anos 1990 que precarizou o trabalho nas confecções de roupas, abrindo portas de entradas ainda mais dolorosas para estes imigrantes.

1.2.2. A questão da moradia e chegada das famílias bolivianas na Ocupação Prestes Maia

São Paulo muda de fisionomia da noite para o dia, como um sopro de magia. E a terra de Anchieta continua crescendo e se alastrando. Seus edifícios enormes e suntuosos, depois de acabados, são rotulados com nomes pomposos [...]. Mas existe a outra cidade, a cidade que os teimosos não conhecem ou fingem não conhecer. Esta cidade também cresce e se alastra cada vez mais. É a cidade das favelas [...], é a cidade dos humildes. (ANTÔNIO CASTELHANO, apud, LEAL, 2011, p. 89)

A cidade de São Paulo carrega a multiculturalidade de povos que convivem neste espaço territorial conflituoso, permeado por desigualdades sociais. Os estrangeiros migram carregando o sonho de uma vida melhor, e deparam-se com falta de estrutura que obrigam a morar “de favor”, como alguns passaram a denominar, dependendo de agenciadores de viagens, no próprio

⁴⁵ A pesquisa de Leal (2011) traz dado de artigo publicado na Revista Dieese que aponta que 85% dos migrantes que chegaram a São Paulo entre 1950 e 1959 provinham dos estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Alagoas.

local de trabalho, em ocupações de moradia, ou de instituições, como: A Casa do Migrante (CDM), Centro de Referência e Acolhida ao Imigrante (CRAI) e Casa de Passagem Terra Nova⁴⁶.

Segundo Lúcio Kowarick (2009) em 1985 cerca de 14 milhões de pessoas viviam na região metropolitana de São Paulo sendo que a maioria residindo em habitações precárias, como: favelas, cortiços, casas autoconstruídas em localidades destituídas de serviços públicos, já que eram mais acessíveis economicamente. A população de São Paulo em 1985 enfrentava problemas de moradia semelhantes ao que atualmente ainda enfrentam em 2017, sendo que ainda há a presença de cortiços, favelas e ganham o cenário urbano as ocupações de luta por moradia.

O autor aponta para a importância da metrópole, já que “é a partir dela que se organiza a dinâmica do capitalismo no Brasil, pois aí se concentra a engrenagem produtiva essencial à economia do País.” (KOWARICK, 2009, p. 19). São Paulo como Metrópole, abriga esperanças e sonhos de uma vida melhor, via trabalho, assim como situações de exploração de trabalhadores, como é o caso de muitos imigrantes bolivianos. Mas, apesar de Kowarick identificar e problematizar o processo de exploração do trabalho lembra-nos que não podemos reduzir nossa análise somente a ele, deste modo utiliza o termo *espoliação urbana* que será empregado ao longo da pesquisa:

(...) espoliação urbana: é a somatória de extorsões que se opera pela inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo, que juntamente ao acesso à terra e à moradia apresentam-se como socialmente necessários para a reprodução dos trabalhadores e aguçam ainda mais a dilapidação decorrente da exploração do trabalho ou, o que é pior, da falta desta. Na Grande São Paulo, são inúmeras as manifestações dessa situação espoliativa, que vão desde as longas horas despendidas nos transportes coletivos até a precariedade de vida nas favelas, cortiços ou casas autoconstruídas em terrenos geralmente clandestinos e destituídos de benfeitorias básicas, isto para não falar da inexistência das áreas verdes, da falta de equipamentos culturais e de lazer, da poluição ambiental, da erosão das ruas não pavimentadas e sem iluminação. (KOWARICK, 2009, p. 22)

Na década de 1970 em São Paulo, o sociólogo identificou a importância da ação de organizações e movimentos que passam a tomar consciência da insubordinação, e a reivindicar ao poder público, a resolução de problemas que afetavam o cotidiano das pessoas. Estas

⁴⁶ Localizada em São Paulo a Casa de Passagem Terra Nova foi fundada desde 2014 pelo Governo do Estado de São Paulo durante a gestão de Geraldo Alckmin.

experiências de lutas de trabalhadores, servem, segundo o autor, de base às lutas operário-sindicais que ganham força nesta década. A presença das lutas urbanas que ocorrem na metrópole tem como adversário o Estado e colocam “em xeque a questão da terra, habitação ou dos bens de consumo coletivo” (Idem, p.64).

Em 2017 os aspectos que compõem a espoliação urbana são gatilhos para lutas urbanas que passam a pressionar o poder público, o Estado, na conquista de direitos em relação à moradia, transporte coletivo, lazer, entre outras lutas. Segundo a coordenadora da Ocupação Prestes Maia, Silmara, o Movimento de Moradia e Luta por Justiça (MMLJ)⁴⁷, desempenha um importante papel na conquista de moradia na área central da cidade, considerando que as outras duas ocupações coordenadas pelo movimento também ficam na área central (Luz e Ipiranga).

Os motivos que levam a presença dos imigrantes nos movimentos sociais são as inúmeras dificuldades em relação à moradia na cidade de São Paulo, pois as instituições responsáveis em dar acolhida ao migrante e a refugiados oferecem poucas vagas e um tempo limite de moradia que não ultrapassa os 6 meses. Na CDM⁴⁸ são oferecidas 110 vagas, sendo 85 para homens e 25 para mulheres. O CRAI⁴⁹ possui unidades nos bairros da Bela Vista, desde novembro de 2014 em funcionamento (110 vagas durante a noite e 80 durante o dia) e Pari, desde novembro de 2015 em funcionamento (150 vagas durante a noite e 75 durante o dia), todos em parceria da Prefeitura de São Paulo com instituições filantrópicas. A Casa de

⁴⁷ O MMLJ que coordena a Ocupação Prestes Maia é um dos movimentos que pertencem a FLM.

⁴⁸ Localizada no bairro da Liberdade no Município de São Paulo, a Casa do Migrante existe desde 1978 e no início de suas atividades acolhia principalmente os migrantes internos e apenas alguns refugiados, cenário que se modificou ao longo dos anos. É uma instituição de origem filantrópica e criada pelos missionários de São Carlos (Scalabrinianos). O local oferece atividades que visam à inserção do imigrante na sociedade, como cursos profissionalizantes e de português, além de comemorar festas tradicionais brasileiras (Páscoa, Festa Junina, Natal e Ano Novo). Informações retiradas do site: <<http://www.missaospaz.org/#!casa-do-migrante/c19rm>> Acessada em 25/03/2016.

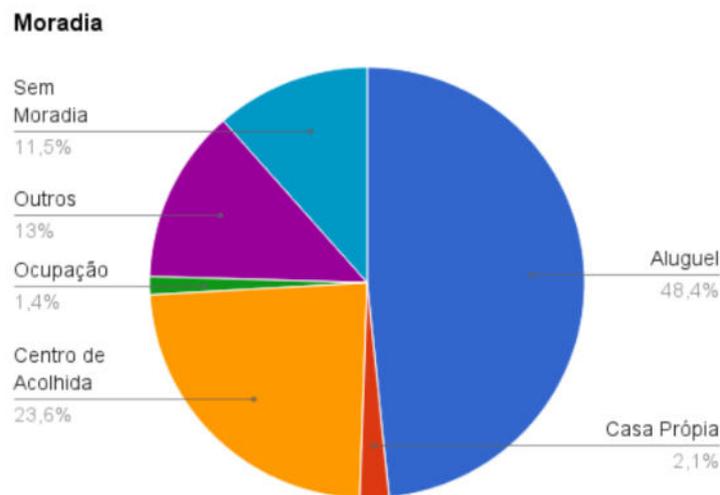
⁴⁹ Além das duas casas ligadas ao CRAI, há duas outras casas de acolhida conveniadas com a Prefeitura : Centro Social Nossa Senhora Aparecida, gerenciada pelas Irmãs Palotinas (com capacidade para 80 mulheres e crianças); e o Arsenal da Esperança, gerenciado pelo Servizio Missionário Giovani (SERMIG), cujas instalações funcionam na antiga Hospedaria do Imigrante e que acolhe 1200 pessoas em situação de rua, mantendo cerca de 200 vagas destinadas especificamente à população imigrante. Contabilizando todas elas, a Prefeitura de São Paulo conta neste momento com mais de 540 vagas de pernoite especializadas no atendimento a imigrantes e pessoas em situação de rua. Dados obtidos no site da Prefeitura de São Paulo: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/Relatorio%20Anual%20CRAI.pdf>, Acesso em 25/03/2016.

Passagem Terra Nova (capacidade de 50 leitos) pertence ao Governo do Estado de São Paulo⁵⁰. Estas casas de acolhida dão preferência a famílias que possuam crianças.

As instituições de acolhida aos imigrantes e aos refugiados são parcerias de iniciativas filantrópicas com as prefeituras e governos, que recentemente passam a garantir o direito à moradia provisória a uma pequena parcela da população estrangeira.

Segundo o CRAI, Centro de Referência Bela Vista, de 2231 atendimentos entre novembro de 2014 e novembro de 2015 a situação de estrangeiros em relação à moradia é:

Tabela 5 – Moradia estrangeiros 2014- 2015



Fonte: Relatório Anual CRAI, 2014-2015⁵¹

Ainda muitos imigrantes e refugiados “tem dificuldade em conseguir moradia (casa própria ou alugada), devido a algumas questões que envolvem documentação, infraestrutura e preconceito.” (GALHERA e SANTOS, 2014). Segundo os autores esta dificuldade faz com que muitos procurem os centros de acolhida na cidade de São Paulo ou passem a residir em favelas, cortiços e a fazer parte dos movimentos de luta por moradia/ ocupações. A baixa renda também é critério impeditivo para a compra e aluguel de imóveis pelos imigrantes. Assim nos relata Daniela, boliviana e moradora da Ocupação Prestes Maia:

⁵⁰ Dados obtidos no site do Estado de São Paulo:
<<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia2.php?id=242773c> Acessada em 25/03/2016.

⁵¹ Disponível em:
http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/Relatorio%20Anual%20CRAI.pdf.
Acesso em: 03/04/2016.

Já tentei ver casa de aluguel, mas é uns 600 reais e eu não tenho. Além disso, eles não aceitam crianças e falam que vão cobrar a mais, uma taxa para cada criança... e como a família é grande, não tem chance. Aqui na ocupação pagamos uma taxa de 105 reais. (Daniela, Entrevistada em 22/03/2017)

Em reportagem sobre o protesto organizado pelos movimentos de luta por moradia em São Paulo, o Jornal O Tempo⁵² ressalta que para ingressar em programas de moradia do governo, o estrangeiro precisa ter pelo menos cinco anos de residência fixa e legal no Brasil, além de filho matriculado em escola, entre outras exigências, critérios que também dificultam a aquisição de moradia por estrangeiros. As exigências são tantas, que muitas vezes os locais de destino são os cortiços, mas como pudemos notar no relato de Daniela, muitos não aceitam crianças, ou se aceitam cobram taxas por cada uma.

A entrevistada Marta contou a dificuldade que está enfrentando após o incêndio no imóvel que residia com outras famílias de bolivianos, em que uma de suas filhas faleceu e além disso, perdeu todos os seus pertences, entre eles seus documentos:

Então, mas eu não tô na minha casa ainda, por que foi assim...teve um incêndio, né... e queimou todos os documentos e fiquei sem nada. E estrangeiro para tirar de novo é um processo que nunca acaba, meu deus! Hoje em dia você tem que ficar renovando, renovando, sabe... uma demora! Então, se você não tem documento, não pega nada. Eu ainda tô com a carta, aí, da CDHU. Aí, no ano passado me ligaram. Eu fui lá, só que o meu já tá válido, só que o meu marido tirou vai fazer 1 ano, mas ele não aceita, tem que ter 2 anos para cima. (Marta, Entrevista em 13/02/2017)

A dificuldade em participar de programas habitacionais foi agravada com a perda dos documentos de Marta e seu marido, que participam da Ocupação Prestes Maia desde a primeira ocupação em 2002, permanecendo até o presente momento sem obter respostas dos programas de moradia, como a da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU), que tanto anseia.

Galhera e Santos (2014) ressaltam a presença de imigrantes que desejam uma moradia permanente, não provisória como são oferecidas. E na luta por estes direitos, se engajam com brasileiros nos movimentos sociais de moradia:

No prédio do antigo Cine Marrocos, na região central de São Paulo, 475 famílias pagam R\$ 200 mensais ao Movimento dos Sem-teto do Sacomã (MSTS), criado em setembro de 2013 e responsável por sete

⁵² O Tempo. **Estrangeiros se unem a atos por moradia em São Paulo**. Publicado em 07/06/14. Disponível em: < <http://www.otempo.com.br/capa/brasil/estrangeiros-se-unem-a-atos-por-moradia-em-s%C3%A3o-paulo-1.860549>> Acesso em 25/03/2016.

ocupações. Dos sete andares, três estão reservados só para estrangeiros. Haitianos, o grupo mais numeroso, somam 52 famílias e ficam no segundo pavimento. Camaroneses e dominicanos estão logo acima, no terceiro. No quarto ficam peruanos, bolivianos e venezuelanos. Gays e travestis foram agrupados no quinto andar. (O TEMPO, 2014, apud, GALHERA e SANTOS, 2014).

Na Ocupação Prestes Maia, assim como na extinta ocupação Cine Marrocos⁵³, podemos observar a divisão por laços de parentesco e origem, como no caso de um andar destinado aos bolivianos. Mesmo com um andar destinado ao grupo, devido ao grande número de bolivianos, famílias inteiras estão espalhadas em outros andares.

Em 18 de dezembro de 2000 foi estabelecido pela ONU o Dia Internacional do(a) Imigrante, sendo que em 2006 o Fórum Social das Migrações realizado em Madrid (Espanha) declarou a necessidade de que os movimentos sociais do mundo realizassem nesta data uma marcha – como parte do dia mundial de luta – pelos direitos dos migrantes (GALHERA e SANTOS, 2014). E no Brasil a partir de 2006 a marcha é organizada pelos imigrantes, como modo de dar visibilidade aos principais problemas enfrentados na cidade.

Além das conquistas no âmbito de associações e espaços territoriais, alguns bolivianos estão em movimento na luta pelo voto, como a webdesigner boliviana Jobana Moya que protestou juntamente com um grupo de latino-americanos na Rua Coimbra, zona leste de São Paulo (BALTAZAR, 2012)⁵⁴ no ano de 2012. Também em 2012, imigrantes latino-americanos protestaram na 6ª marcha do imigrante, por “trabalho decente” na Praça da Sé em São Paulo. Com apresentações de grupo folclóricos da Bolívia e do Paraguai em frente à Catedral da Sé, o público reivindicou não somente pelos direitos trabalhistas, mas também por habitação digna (BALTAZAR, 2012b)⁵⁵.

⁵³ No ano de 2016 o antigo prédio, onde estava organizada a Ocupação Cine Marrocos sofreu com a reintegração de posse. Na ocasião da reintegração estive no local, conversando informalmente com algumas famílias de bolivianos que não tinham perspectiva de onde poderiam morar, sendo a possibilidade viável no momento, as ruas.

⁵⁴ Reportagem publicada por Thiago Baltazar em 24/02/2012a no Blog da Folha de São Paulo. Disponível em: <http://mural.blogfolha.uol.com.br/2012/10/24/grupo-de-imigrantes-reivindicam-direito-ao-voto-em-sao-paulo/> - acessada em 23/01/2015.

⁵⁵ Reportagem publicada por Thiago Baltazar em 5/12/2012b no Blog da Folha de São Paulo. Disponível em: <http://mural.blogfolha.uol.com.br/2012/12/05/imigrantes-pedem-trabalho-decente-em-sao-paulo/> - acessada em 23/01/2015.

No dia 1º de maio de 2014 indignados com as tantas situações de exploração que permeiam a comunidade estrangeira, imigrantes fizeram uma manifestação na Praça da Sé (SP) por melhores direitos trabalhistas, como denunciou um homem boliviano em frente a simbólica máquina de costura levada ao protesto:

Buscamos nossa dignidade, não podemos deixar que nossos compatriotas trabalhem nestas condições, com mais de 16h ao dia, ganhando 400 ou 600 reais por mês, morando em quartinhos improvisados, trabalhando gratuitamente para pagar dívidas de viagens que não são nossas. Não podemos seguir ganhando R\$ 0,50 por peça. (CAMI, 2014, p. 54)

Os movimentos sociais de luta por moradia dos quais fazem parte tantos bolivianos e bolivianas é um importante espaço social para poderem exigir seus direitos em relação a moradia na cidade. É um espaço privilegiado que congrega as famílias estrangeiras, brasileiras ou mesmo pessoas que moram sozinhas e/ou com amigos, no qual tivemos a possibilidade de dialogar com os problemas enfrentados por homens, mulheres e crianças na cidade.

1.3. Prestes Maia: histórias do Edifício

“Enquanto houver sem-teto, enquanto houver imóvel vazio sem função social, a luta vai continuar!” (Ivanete Araújo, Liderança das Ocupações da MMLJ)

Por isso, que se chama movimento é para se movimentar todo mundo!
(Silmara, coordenadora das Ocupações da MMLJ)

Figura 12



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Ocupação Prestes Maia, vista da Rua Brigadeiro Tobias

Andar pelo antigo edifício da Prestes Maia em companhia das crianças bolivianas foi também conhecer um pedaço da história do local do ponto de vista delas, que reconstruem o que ouvem, sentem e pensam compondo de forma criativa as suas impressões sobre os espaços. A partir de um convite feito pelas próprias crianças que gostariam que a pesquisadora os levassem até o local, já que não era permitida a entrada no espaço sem a presença de um adulto, devido a laje não ter proteção, fizemos uma caminhada até a laje da Ocupação no bloco A no último andar, onde descobri não somente um espaço de que gostavam, mas um lugar que suscitou histórias e diálogos.

A importância destes percursos nos evoca a concepção de trajeto de Magnani (2002) que ao tratar da cidade e seus “pedaços”, aqueles espaços que pessoas se identificam e se

apropriam, funcionando como um “ponto de referência”, o autor aponta que diferentemente, os trajetos apontam fluxos mais recorrentes, porém curtos como o andar:

a idéia de *trajeto* permite pensar tanto uma possibilidade de escolhas no interior das *manchas* como a abertura dessas *manchas* e *pedaços* em direção a outros pontos no espaço urbano e, por conseqüência, a outras lógicas. (Idem, p. 23)

A seguir, trazemos algumas imagens do local, que foi apresentado pelas crianças:

Figura 13



Fonte: Fotografia tirada por Márcia Aparecida Gobbi. Bandeira do Brasil na laje bloco A

Figura 14



Fonte: Fotografia tirada por Márcia Aparecida Gobbi. Laje bloco A

Figura 15



Fonte: Fotografia tirada por Márcia Aparecida Gobbi. Sacolas de roupas no trajeto para laje

Figura 16



Fonte: Fotografia tirada por Márcia Aparecida Gobbi. Madeirites cobrindo buracos no trajeto para laje

As imagens demonstram os olhares das pesquisadoras ao longo do trajeto proposto pelas crianças, em que convidaram eu e Márcia⁵⁶ a ingressar no local em que gostavam de brincar. Neste trajeto, pudemos observar uma grande quantidade de tecidos ensacados (Figura 15), a precariedade da estrutura do prédio, com janelas protegidas apenas com madeirites (Figura 16), e uma extensa área sem proteção lateral, com varais cruzando o céu (Figuras 13 e 14). Concomitantemente as crianças olhavam os gatinhos circulando no ambiente, os buracos na parede como uma possibilidade de brincadeira e o extenso espaço em que aproveitavam para correr.

Ao longo do trajeto até a chegada à laje, fui convidada a passar por uma pequena porta de madeira com um aviso “Só é permitida a entrada de adultos”. O percurso contava com uma estreita escada, na qual para um adulto passar era necessário abaixar a cabeça. A escada estava cercada por buracos, cuja única proteção eram placas de madeirite. As crianças transitavam tranquilamente e me mostravam cada espacinho, parecendo dominar aquele território, que contava com a presença de brinquedos espalhados, entre eles uma bicicleta. No topo da escada, avistamos um pátio coberto, bastante extenso, com uma grande quantidade de sacolas e restos de tecidos que se espalhavam pelo local, foi então que Camila disse: “*Aqui era uma fábrica de tecido antiga, por isso que tem tudo isso aqui!*”. Nesse momento, as crianças andavam por cima dos tecidos, pulando, correndo e mexendo com os gatos que andavam pelo local. Após me apresentarem os gatos, pertencentes a família do Alberto, pegando no colo e abraçando os animaizinhos, eles continuaram a explicar: “*Os nossos pais limparam tudo e trouxeram para cá! Tinha muita coisa!*”, disse Alberto.

Ao lembrarem o esforço dos pais em limpar o local para que pudessem morar, voltamos ao ano de 2010 em que o Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), vinculado à Frente de Luta por Moradia (FLM) ocupa pela 3ª vez o prédio no nº 911 da Avenida Prestes Maia. A primeira ocupação ocorreu no ano de 2000, quando houve uma reintegração de posse do imóvel. A segunda ocupação no edifício foi do ano de 2002 à 2007, em que das 505 famílias, 152 foram para um empreendimento da Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano (CDHU) na região de Itaquera na Zona Leste de São Paulo e as demais famílias receberam carta de crédito. Após 3 anos de abandono do imóvel que era alvo de disputa entre a Prefeitura de São

⁵⁶ A Pesquisadora e Orientadora Prof^a Dr^a Márcia Gobbi esteve presente na data em que o percurso foi feito com as crianças.

Paulo e o antigo proprietário Jorge Nacle Hamuche, o edifício foi novamente ocupado pelos militantes do MSTC em 2010.

Neste ano é que a maioria das famílias de bolivianos que entrevistamos ocuparam o edifício e passaram a habitá-lo. Com exceção de Marta que decide ocupar o local pela segunda vez, pois além de ter perdido a carta do CDHU em um incêndio, revelou que não queria sair do centro de São Paulo para ir morar na zona leste, pois trabalha vendendo açaí e bebidas com o marido na região da 25 de março, ficando muito longe para ela.

Morar no centro da cidade de São Paulo é o desejo de muitas famílias. Na área central de uma grande cidade como São Paulo é estar no olho do furacão de disputas por territórios urbanos. É conviver diariamente com a segregação sócio espacial que agressivamente impõem fronteiras entre classes sociais distintas, alargando os índices de desigualdade social. Um lugar que historicamente abarcou as classes altas e médias, atualmente é destino de moradia de classes baixas, que passam a se organizar em frentes e movimentos com o objetivo de ocupar moradias ociosas, que em sua grande parte estão abandonadas por seus donos e repletas de dívidas.

O direito em habitar o centro é uma das reivindicações dos movimentos de luta por moradia, como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST):

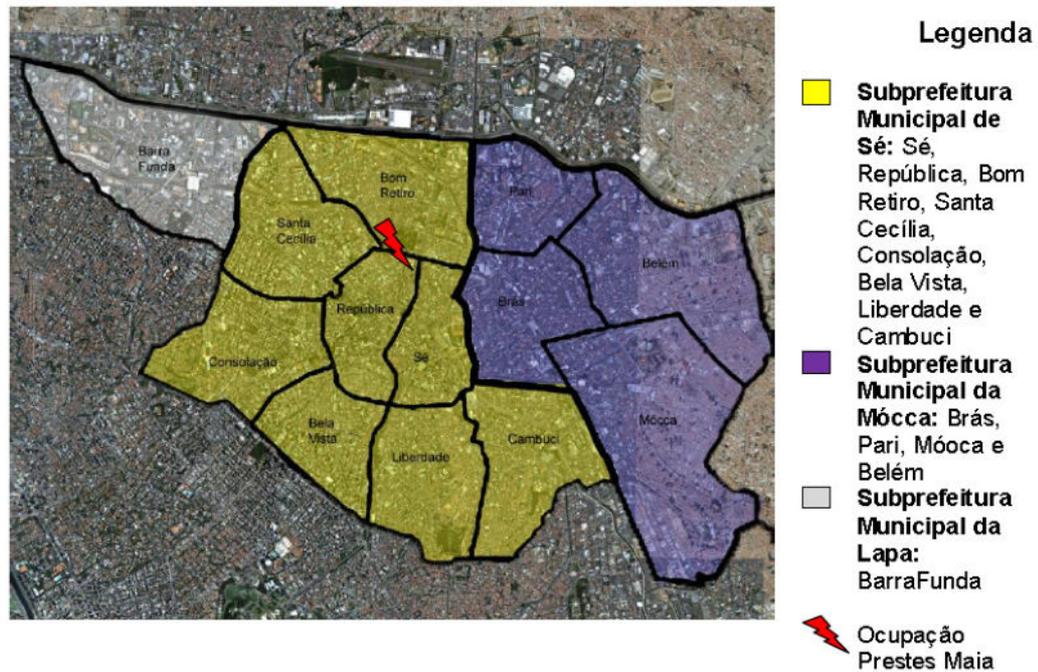
Enfim, o que quer o MTST com suas ocupações e mobilizações pelo país? Queremos derrubar os muros sociais que dividem a cidade. Dizer em alto e bom som que a cidade deve ser de todos e não usufruída por um pequeno grupo que pode se estabelecer nos melhores lugares e ter acesso a bens e serviços privados. A cidade privada para poucos é a cidade da privação para a maioria. Entendemos que essa mudança passa por uma profunda reforma urbana, que deve rediscutir a apropriação social do espaço, dos bens e dos serviços urbano. (MTST, 2014, p. 87)

A questão trazida por militantes de outro movimento de luta urbana também é partilhada pelas lideranças do Movimento de Moradia na Luta por Justiça (MMLJ), que atualmente coordena as Ocupações Mauá, Prestes Maia e Ipiranga. A coordenadora Silmara⁵⁷ em entrevista aponta para as facilidades de morar no centro da capital:

Aqui tem duas farmácias do lado, você esta em frente ao metrô, você está em frente a linha amarela, de frente ao mercado. Aí, eu quero ir na 25 [se refere a rua de comércio 25 de março], aqui estamos do lado da 25. Eu vou para a República [se refere à Praça da República], é só descer e já tá na República. Eu vou para a Armênia, tá aqui do lado. (Silmara, entrevista em 13/02/2017)

⁵⁷ A pedido da coordenadora ao longo deste trabalho usamos seu nome real.

Figura 17 – Localização da Ocupação Prestes Maia



Fonte: Observatório do uso do solo e da gestão fundiária do centro de São Paulo – Análise dos instrumentos urbanísticos e tributários – LABHAB e Lincoln Institute of Land Policy – Março 2006, apud, AFFONSO, 2010, p. 20)

O mapa nos mostra exatamente este local tido pela liderança e moradores como privilegiado, já que com fácil acesso ao transporte público, como às estações Luz (Metrô e CPTM), Júlio Prestes (CPTM), além de contar com grande número de linhas de ônibus que circulam na região. O prédio da Prestes Maia está em uma intensa área comercial da cidade, como a famosa Rua São Caetano, mais conhecida como Rua das Noivas, por vender vestidos de noiva e acessórios de casamento e também próximo à Rua 25 de Março, conhecida pelo comércio popular. O Museu da Língua Portuguesa, Sala São Paulo, Pinacoteca, Memorial da Resistência, Museu da Arte Sacra e Parque da Luz também compõem a região do entorno da Prestes Maia.

A proximidade do prédio com as localidades é tanta que o incêndio no Museu da Língua Portuguesa ocorrido em dezembro de 2015 foi lembrado pelas crianças em diálogo, a partir de algumas fotografias de pontos conhecidos da cidade de São Paulo:

Alberto: Já pegou fogo lá. Nisso daqui já pegou fogo [aponta para a imagem do Museu da Língua Portuguesa].

Carolina: Vocês viram?

Alberto: Vi, eu gravei. No celular na minha casa.

Luíz: Foi duas vezes.

Alberto: *A outra foi em 2015 ou 2016, eu não me lembro... 2004, não em 2014. Acho que 2015.*
Denise: *E agora esta em reforma, né...* (Diálogo em 31/01/2017)

Esta região central da cidade também é bastante marginalizada, visto que situa-se nas proximidades da ‘Cracolândia’, local em que usuários de drogas, convivem com traficantes. Armando os barracos de lonas ou ocupando imóveis ociosos, o marginalizado grupo de usuários e moradores de rua vivem de forma precária, convivendo com insetos, ratos e a falta de higiene. As ações repressoras em junho de 2017 da Prefeitura de São Paulo, logo no início da gestão do prefeito João Dória Jr, impactaram os moradores da região. Assustados com a violenta e catastrófica ação da polícia, que promove a demolição de um imóvel ocioso com pessoas em seu interior, os moradores da Cracolândia se espalham e passam a ocupar outras ruas da região central da cidade (ZILBERKAN, 2017)⁵⁸. O entorno do edifício Prestes Maia cada vez mais possui um grande número de moradores de rua, oriundos da Cracolândia.

O projeto de revitalização da área central, Nova Luz, se pauta como uma tentativa de desconstruir territórios populares de São Paulo em favor da especulação imobiliária, conforme a pesquisadora Raquel Rolnik (2017). Com o discurso de “proteger” a cidade dos traficantes, a Prefeitura de São Paulo propôs ações catastróficas para afastar as pessoas que habitam a região, como moradores de rua e da favela do Moinho:

Em nome do combate ao tráfico de drogas, a prefeitura está classificando o conjunto de pessoas que moram, trabalham e convivem tanto nos Campos Elísios quanto na favela do Moinho como criminosos, sujeitos a desaparecer do local. O anúncio da remoção da favela faz parte de um conjunto de ações que querem remover dali um território popular constituído por moradores, comerciantes, agentes culturais, entre outros, que não são, obviamente, todos traficantes. Para piorar, não há nenhum projeto claro de para onde essas pessoas poderão ir depois de serem removidas. (ROLNIK, 2017).

Walter Benjamin (2000) descrevendo a cidade de Paris notava que “bairros inteiros revelam seu segredo nos nomes de suas ruas” (p. 196) ressaltando o quanto os nomes das ruas podem nos contar a história da cidade. Assim como as ruas de Paris, a cidade de São Paulo revela a sua história por meio dos nomes de algumas ruas, pontes, rodovias e avenidas, como a Prestes Maia que também denomina a Ocupação.

⁵⁸ Escrito por Mariana Zylberkan, 20/06/2017, “Ações na cracolândia criam dispersão de usuários pela região central de SP”. Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1894258-acoes-na-cracolandia-criam-dispersao-de-usuarios-pela-regiao-central-de-sp.shtml>

O nome das ruas das cidades brasileiras foram destacadas por Bernardo Kucinski no livro “K.”, em que descreve sua trajetória para encontrar a filha desaparecida na longo da ditadura militar (1964-1984). Ao personagem do livro andar pelas ruas começa a prestar atenção no significado de seus nomes:

Rua Fernão Dias, diz uma placa. Onde mora, em São Paulo, também há uma rua com esse nome, disseram-lhe que foi um famoso caçador de índios e escravos fugidos (...). Depois, para o espanto de K., uma Avenida General Milton Tavares de Souza. Esse ele sabia muito bem quem foi (...) Foi quem criou o DOI-Codi, para onde levaram o Herzog e o mataram (...) dizia que para matar subversivos valia tudo; e tem nome de avenida. Avenida principal. Tomado pela indignação, K. agora perscrutava cada placa e escandalizou-se ao deparar com o nome Costa e Silva na ponte Rio-Niterói. Incrível, uma construção majestosa como esta, de quase nove quilômetros, com o nome do general que baixou o tal AI-5.

Como foi possível nunca ter refletido sobre esse estranho costume dos brasileiros de homenagear bandidos e torturadores e golpistas como se fossem heróis ou benfeitores da humanidade. (KUCINSKI)

Walter Benjamin nos aponta ainda que “Todo aquele que, até hoje, obteve a vitória, marcha junto no cortejo de triunfo que conduz os dominantes de hoje (a marcharem) por cima dos que, hoje, jazem por terra. A presa, como sempre de costume, é conduzida no cortejo triunfante.” (BENJAMIN, apud, LÖWI, 2010, p.70). Neste sentido, percebe-se que os nomes das ruas está constantemente ligado aos dominantes. Não é diferente com a Avenida e Ocupação Prestes Maia⁵⁹.

O nome Prestes Maia se refere ao Engenheiro Francisco Prestes Maia que elaborou o “Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo” em 1930. A ideia era remodelação do território da área central e expansão do sistema viário, como forma de estimular a especulação imobiliária no centro. A ideia foi posta em prática e o Plano foi responsável por desapropriações no centro da cidade, principalmente dos moradores mais pobres, que foram para bairros mais afastados.

Foi o Plano de Avenidas, elaborado por Francisco Prestes Maia durante a administração de José Pires do Rio, o último prefeito da República Velha. O plano propunha mudar o sistema de circulação da cidade abrindo uma série de avenidas partindo do centro até os subúrbios. Ele exigiu uma considerável demolição e remodelação da região central, cuja zona comercial foi reformada e aumentada, estimulando a especulação imobiliária. Consequentemente, os trabalhadores que não podiam pagar os elevados aluguéis acabaram expulsos

⁵⁹ É interessante notar que não há uma regra em alterar os nomes das ocupações, sendo elas denominadas de acordo com sua localização, diferente de movimentos sociais, como o MST que ao estabelecer um novo acampamento ou assentamento homenageiam líderes revolucionários, como bem notou HELENE (2008). Curiosamente, o grupo de RAP Racionais MC’S gravou uma de suas canções “Mil faces de um homem leal” em homenagem ao líder revolucionário que defendeu a luta armada contra a ditadura militar Carlos Mariguella, na Ocupação Mauá, pertencente à FLM.

do centro. O Plano de Avenidas também optou por investir nas ruas em vez de expandir os serviços de bondes. Uma das principais causas da concentração da cidade era que o transporte coletivo baseava-se no sistema de bondes, que requeria instalações caras e, portanto, expandia-se lentamente. Porque esse sistema cobria apenas uma pequena área da cidade, era difícil desalojar os moradores pobres do centro da cidade, onde trabalhavam. O lançamento de um sistema de ônibus associado à progressiva abertura de novas avenidas, possibilitou a expansão da cidade em direção à periferia. (CALDEIRA, 2011, p. 216 – 217)

E o mesmo personagem que por meio da implantação do Plano de Avenidas foi responsável por expulsar os moradores mais pobres do centro da cidade, curiosamente dá nome à Ocupação Prestes Maia, local que diversas famílias e pessoas que moram sozinhas e lutam por habitação. Outras ocupações também se apropriam do nome do edifício ou avenida que se localizam para denominar-se, esta é uma prática comum adotada pelos movimentos.

A Ocupação vertical fica num antigo edifício com dois blocos, sendo o bloco A com 9 andares (vista para a Rua Brigadeiro Tobias, nº 700) e o B com 22 andares e vista para Av. Prestes Maia. Segundo dados obtidos em 2017 com a liderança Silmara, a Ocupação possui 478 famílias e atualmente é considerada a maior ocupação vertical da América Latina, já que a Torre de David, na Venezuela que detinha o primeiro lugar com cerca de 3000 moradores, foi desocupada.

Pudemos notar que a divisão dos espaços destinados à moradia se assemelha ao que Carlos Filadelfo (2014) constatou em sua pesquisa, em que a divisão dos andares é feita com tábuas de madeirite, com um espaço misto de sala, quarto e cozinha. O banheiro é de uso coletivo com apenas um chuveiro elétrico, para não haver sobrecarga de energia. E possuem um regulamento interno que proíbe a ingestão de bebidas alcoólicas, consumo de drogas, prostituição e agressões no interior do prédio (IDEM). Muitas das famílias bolivianas possuem em suas moradias máquina de costura, mas não podem usá-las devido ao barulho e a sobrecarga elétrica.

As famílias pagam uma taxa mensal de R\$105,00 para o fornecimento de água, energia elétrica e outros gastos coletivos, sendo que os demais cuidados com as áreas comuns da moradia são fruto de mutirões organizados pelos próprios moradores em articulação com o coordenador de cada andar. Um dos bolivianos entrevistados, Jonas informou que após ter finalizado um curso de eletricista, já foi convocado para auxiliar alguns vizinhos, demonstrando que esta prática de auxílio mútuo é comum entre os moradores de uma organização coletiva:

Às vezes assim, quando tem problema com vizinho, um chuveiro queimou... por que aqui todo mundo tem que se ajudar. A pessoa que tem conhecimento de encanamento, de eletricista ajuda. Todo mundo se ajuda. Como a pessoa já te conhece, ele falam ‘Ôh! O vizinho de lá ou aquele cara que mora lá, no apartamento tanto, no andar tanto, ele sabe, ele mexe. Vai lá chamar ele, pra te ajuda’. Daí a gente arruma. (Jonas, Entrevistado em 8/05/2017)

A coordenadora Silmara informou que a taxa paga pelos moradores é uma forma de evitar “ficar passando o chapéu toda hora”, ou seja, para que não tenha de ser recolhido dinheiro a cada problema que surge, como pequenos reparos do dia-a-dia. Ela informa que esta é uma forma de ajudar alguns moradores que passam necessidade, pois com o dinheiro compram cestas básicas, gás, medicação e em caso de falecimento pagam as despesas do enterro. O valor recolhido também é destinado a pagar salários para alguns coordenadores, para que possam se dedicar aos cuidados da Ocupação por 24 horas.

Segundo a pesquisadora Neuhold (2009), que analisou diversos movimentos de moradores sem-teto, a tarefa das pessoas vai para além de ocupar os prédios, mas se constitui no desafio de tornar estas moradias habitáveis pela extrema precariedade que se encontram alguns prédios. A autora também recupera a dimensão da coletividade das pessoas no interior das ocupações, que dividem tarefas com o intuito de auxílio mútuo.

Os esforços de coletivização dos moradores das ocupações também foram apresentados nos estudos de Filadelfo (2014):

(...) como as relações na ocupação compreendem esforços de coletivização no sentido de fazer com que sua heterogeneidade interna, suas diversas segmentações e multiplicidades identitárias ressoem na conformação de uma coletividade que consiga um objetivo que seria comum a todos: o atendimento por programas habitacionais. (p. 153)

Na fala das crianças também notamos a preocupação com o coletivo, mesmo que pautada pelos recursos da imaginação e brincadeiras. As crianças têm propostas de melhorias em relação à moradia, como a construção de parquinhos e até de uma piscina. Além disso, o sonho de Luiz é ganhar na Telesena para que possa comprar pizza para todos da Ocupação.

A coordenadora Silmara deixa claro em sua entrevista que o seu maior objetivo, como militante da FLM e do MMLJ é o atendimento de todos “As famílias chegam tão arrebatadas que o sonho de toda a coordenação é ver famílias saindo daqui e sendo atendidas.” (Entrevista em 13/02/2017). Ou seja, o engajamento é para que todos cheguem ao objetivo final que é o atendimento por programas habitacionais.

Recentemente o antigo prédio onde funcionou a “Companhia Nacional de Tecidos”, que decretou falência no ano de 1991 e desde então veio acumulando dívidas junto à Prefeitura de São Paulo, foi arrematado em leilão em outubro de 2015 pelo próprio município que prevê a retirada das famílias para que o edifício passe por uma revitalização. O prédio atualmente está incluso no programa Minha Casa, Minha Vida do governo federal e a demora no atendimento das famílias, que aguardam desde 2015 é vista pela coordenação como cômoda pelo governo, já que terão muito trabalho em realocar todas as 478 famílias.

Atualmente a Prestes Maia é parte da gestão do MMLJ, um movimento recente que, assim como a anterior MSTC, também está vinculada à FLM. A MMLJ tem como principal liderança a Ivaneti, conhecida por Neti e bandeira de luta da ocupação Prestes Maia, é uma entidade que aglutina diversos movimentos de moradia, como afirmou Neuhold (2009). Em 2004 os movimentos oficializaram a formação da FLM, com objetivo de, para além de ocupar moradias, influir sobre leis e em aspectos jurídicos que tratam do planejamento das cidades, como o Plano Diretor Estratégico e o Estatuto das Cidades; assim como participar do Conselho Municipal de Habitação e o Conselho Municipal da Juventude. Elegendo como bandeira de luta o lema: “Quem não luta, tá morto” (FLM)⁶⁰.

Nas bases da FLM estão muitos movimentos que lutam pelo direito à cidade:

A Frente foi composta inicialmente pelo Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC), Fórum de Moradia e Meio Ambiente do Estado de São Paulo (Fomaesp), Fórum de Mutirões, Associação de Mutirões, Movimento Quintais e Cortiços da Região da Mooca, Movimento Terra de Nossa Gente e por quatro grupos que se uniram no Movimento Sem-Teto pela Reforma Urbana (14 de janeiro, Grupo da Água Rasa, Grupo Colorado e Setor 8, todos da zona leste). Todos eles estavam no primeiro encontro da FLM em Ribeirão Pires. Mais tarde juntou-se o Movimento de Moradia da Zona Norte e o Movimento Centro-Norte. (Ibdem)

Os movimentos de luta por moradia, assim como o MST optam em usar o termo “ocupação” em lugar de “invasão”, sendo para o MST:

O termo ocupação de terra foi apropriado pelo MST em oposição ao termo invasão, muito difundido entre os 1960 e 1970. O tom pejorativo da palavra invasão se refere a práticas ilegais na aquisição de propriedades. A utilização do termo ocupação esta de acordo com o direito constitucional de todo brasileiro ter acesso a terra, como especifica o Estatuto da Terra (lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964) (ROSA, 2012, p. 511, apud, ABRÃO, 2013).

⁶⁰ Informações retiradas do site da FLM. Disponível em : <http://www.portalfm.com.br/luta-historico/>. Acesso em: 22/03/2016.

Para Guilherme Boulos (2015) a ocupação urbana não é crime, pois seguindo os artigos 5 e 170 da Constituição Federal toda a propriedade deve cumprir uma função social, ou seja deve ser destinada à algum uso que traga benefícios à sociedade, como moradia, produção e não para a especulação imobiliária. (p. 81)

Para os movimentos de luta por moradia o termo ocupação tem duplo-sentido:

Por um lado denomina-se “ocupação” o ato de ocupar uma propriedade ociosa, ou seja, a entrada dos integrantes dos movimentos de moradia e sem-teto nos imóveis, quer para ali estabelecer moradia provisória enquanto aguardam o atendimento nos programas habitacionais quer para denunciar a ociosidade da propriedade e reivindicar políticas habitacionais para a população de baixa renda. Por outro lado, a “ocupação” refere-se também à transformação da edificação ocupada em moradia provisória (...) (NEUHOLD, 2009, p. 68).

Neuhold (2009) constatou que as ocupações em São Paulo estão ocupando um papel fundamental na acolhida de parte da população, inclusive um papel assistencialista, assumindo uma responsabilidade do governo.

O problema enfrentado pelos imigrantes em relação à habitação na cidade, já é conhecido pela coordenadora Silmara, que afirma ter um grande número de imigrantes, principalmente bolivianos residindo na Ocupação Prestes Maia. Segundo a coordenadora, as famílias compostas por bolivianos são bastante numerosas, por isso, possuem dificuldade em encontrar vagas em cortiços, que aceitam apenas uma criança, além de que se aproveitam dos imigrantes para cobrarem um preço superior aos brasileiros. Para ela:

O papel do movimento é este mesmo, porque ele abre as portas sem distinção de cor, de raça e de local de nascimento. Eu acho que todos os movimentos, todos, abrem muito a porta para eles. Por isso, que se chama movimento é para se movimentar todo mundo! Os imigrantes eu acho assim, a gente não entende como uma pessoa de uma capital diferente, se não ficaria complicado, porque a Silmara é brasileira, a Juliana é do Nordeste [se referindo à outra coordenadora]. E aqui não, somos todos juntos! (Silmara, Entrevistada em 13/02/2017).

Deste modo, estes Movimentos em movimento, são fundamentais para suscitar debates em relação à cidade e uso de seus espaços, além de resignificar o morar na área central que passa a ser lugar de todos e não somente da especulação imobiliária.

Capítulo 2 – “Onde estão as crianças?”: Seguindo Pistas do Cotidiano da Infância Imigrante na Prestes Maia

Figura 18



Fonte: Fotografia tirada por Márcia Aparecida Gobbi. Desenho na parede da moradia de Nuria

2.1. Bolivianas(os) e/ou Brasileiras(os): Conhecendo as crianças imigrantes bolivianas de 2ª geração

A fronteira, a frente de expansão da sociedade nacional sobre territórios ocupados por povos indígenas, é cenário altamente conflitivo de humanidades que não forjam no seu encontro o homem e o humano idílicos da tradição filosófica e das aspirações dos humanistas. A fronteira é, sobretudo, no que se refere aos diferentes grupos dos chamados civilizados que se situam “do lado de cá”, um cenário de intolerância, ambição e morte. É, também, lugar da elaboração de uma residual concepção de esperança, atravessada pelo milenarismo da espera no advento do tempo novo, um tempo de redenção, justiça, alegria e fartura. O tempo dos justos. Já no âmbito dos diversos grupos étnicos que estão “do outro lado”, e no âmbito das respectivas concepções do espaço e do homem, a fronteira é, na verdade, ponto limite de territórios que se redefinem continuamente, disputados de diferentes modos por diferentes grupos humanos. Na fronteira, o chamado branco e civilizado é relativo e sua ênfase nos elementos materiais da vida e na luta pela terra também o é. (MARTINS, 2009, p. 9-10).

Fronteira, segundo o dicionário Michaelis de Língua Portuguesa, significa: “1 Limite ou linha divisória entre dois países, dois estados etc. 2 Confins, extremos.” (2008, p. 402). Para José de Souza Martins (2009), com o trecho que inicia este trabalho, temos a pequena definição da palavra do dicionário ampliada, deste modo, poderíamos utilizar a palavra fronteira no plural, como as fronteiras.

As fronteiras a que nos referimos, assim como Martins, transcendem a divisão territorial do espaço geográfico e se constituem nas fronteiras culturais, históricas, políticas, econômicas e sociais. São espaços que se redefinem continuamente com a chegada do Outro. Espaços estes que não são homogêneos e lineares, mas que trazem os conflitos entre os do “lado de cá” e os do “outro lado”.

Deste modo, ao longo deste capítulo apresentamos traços da infância imigrante boliviana de 2ª geração moradoras da Ocupação Prestes Maia, que estão construindo suas identidades nas fronteiras que transcendem as experiências oriundas do Brasil e Bolívia, mas perpassa também pelas experiências de morar em uma grande cidade, como São Paulo e enfrentar problemas habitacionais juntos de suas famílias. Será que podemos afirmar ser esta uma infância brasileira, boliviana ou latino-americana que apresenta traços de uma identidade híbrida?

Para Hall (2011) o sujeito pós-moderno não possui identidade fixa, mas em constante transformação, pois em contato com diferentes representações culturais. Desta maneira é que também enxergamos a infância na metrópole permeada por representações culturais a construir suas identidades possíveis. Dentre as identidades possíveis, Hall trabalhará com o conceito de identidade nacional:

As identidades nacionais não são as coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação* (...) Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. (Hall, 2011, p. 49)

Assim, não é preciso nascer no Brasil para sentir-se brasileiro, ou nascer nos Estados Unidos para sentir-se americano, pois apesar de fazermos parte de sistemas culturais e históricos de determinada nação, ao longo da vida podemos migrar e partilhar o sentimento de identidade nacional de um país diferente do de origem.

Um dos familiares das crianças, Daniela faz uma reflexão sobre um possível retorno à Bolívia, que prefere evitar temendo o preconceito dos próprios bolivianos ao achar que por residir no Brasil, tornaram-se brasileiros:

Morar na Bolívia, não. Só pra passear. Por que eu sofri muito preconceito aqui. Aí eu tenho medo que quando eles chegarem lá falem ‘Você é brasileiro. Volta para a sua terra’. Isso que eu tava falando para o meu irmão, por que eu tenho um irmão lá... aí ele tava falando pra mim ‘Vem morar aqui’, aí eu falei pra ele ‘agora vai ter preconceito com meus filhos’. (Daniela, entrevista em 22/03/2017)

Ao pesquisar os fluxos migratórios na França, Sayad (1998) constatou que para a sociedade de origem os imigrantes devem retornar idênticos ao que eram, ao lugar que jamais deveriam ter abandonado. Enquanto que para a sociedade de destino nunca irão possuir o *status* de nacionais, vivendo como imigrantes.

Homi Bhabha (2014) identificou a presença de embates culturais, podendo ser consensuais ou conflituosos e nos confundir quanto às noções de tradição e modernidade nos desafiando quanto às expectativas normativas de desenvolvimento e progresso. No caso das crianças bolivianas, que vivendo na era da globalização, são bombardeadas diariamente com o modo de vida da metrópole, como é estar no olho do furacão, no centro deste intenso embate cultural, que envolve a construção do sentimento de identidade nacional?

Os conflitos identitários propiciados pela dupla-nacionalidade dos imigrantes foram abordados nos estudos de Magalhães e Schilling (2012), “Havíamos percebido, na conversa com professores, que passar a ser identificado como brasileiro era uma forma de resolver parte dos conflitos, eles entrariam numa zona mais segura” (p. 55). Ao serem questionados se eram bolivianos, diziam que não, os bolivianos eram os pais⁶¹.

Apesar dos relatos sobre preconceito sofrido no Brasil, a boliviana Daniela afirmou: “Me sinto mais brasileira do que boliviana. Aqui me acolheram bem. Brasil é um país lindo, acolhe todo mundo bem.” (Entrevista em 22/03/2017). Ou seja, podemos dizer que a moça assume a sua dupla-identidade, pois mesmo nascida na Bolívia, assume um sentimento de pertencimento ao dizer se sentir brasileira.

O receio que jovens têm de assumir a identidade boliviana, conforme a pesquisa de Magalhães e Schilling (2012) escondem, muitas vezes, o medo do *bullying*, como também identificou Paiva (2013) em um caso ocorrido em 2010:

A Secretaria Estadual da Educação de São Paulo disse, em nota enviada à imprensa [...], que vai investigar denúncia de bullying contra alunos imigrantes da Bolívia em escola da Região Central de São Paulo. [...] Estudantes e um professor disseram [...] que alunos imigrantes têm de pagar para não apanhar de outros alunos [...]. Os entrevistados pediram para não ser identificados. A escola está localizada no bairro de São Paulo em que vivem milhares de imigrantes bolivianos. Muitos deles trabalham em confecções da região. Segundo um professor da escola, estudantes exigem que os alunos bolivianos paguem lanche para eles. “Eles levam tapas na cabeça”, disse o professor. De acordo com o educador, os alunos sofrem preconceito e o clima é tenso na sala de aula. “Os grupos não se misturam. É um problema quando peço para fazerem trabalhos juntos”, afirmou. (p.25).

Este, como outros casos de violência cometida contra os imigrantes, mostra que a comunidade de jovens e crianças bolivianas possui experiências e trajetórias comuns, marcadas por tensas questões identitárias. Mas ainda se faz necessário ampliar os debates em relação aos conflitos, como as iniciativas da antiga Escola Municipal Ensino Fundamental (EMEF) Infante Dom Henrique e atual Carolina Maria de Jesus que encontra-se na região do Canindé, bairro de

⁶¹ Atualmente presenciei um discurso semelhante na sala de aula em que atuo como professora, no 3º ano do ensino fundamental. No qual um aluno, boliviano, reclamou a mim, que não gostava que os outros colegas o chamassem de boliviano.

São Paulo, com premiadas iniciativas de inclusão das crianças, jovens e familiares imigrantes no ensino.

Em umas das idas à brinquedoteca com as crianças bolivianas da Ocupação fomos surpreendidas com o abrir repentino da porta e o ingresso de muitas crianças que nos questionaram: “*É só os china que podem participar?*”. Estas crianças que não eram bolivianas, mas que também eram moradoras da Ocupação reivindicavam o direito de participar das oficinas, ou melhor, o direito a brincar. Isso não lhes fora negado, principalmente por considerarmos importante a relação entre pares. Entretanto, observamos a forma como o grupo de bolivianos foi denominado pelas demais crianças. Elas eram as “*chinas*”. Chamou-nos a atenção, afinal o que são chinas? Há um preconceito contra chineses impregnado nos moradores da ocupação? Em caso positivo, qual sua origem? Ficamos com uma resposta, talvez mais simples. A denominação, seguramente cravada de preconceitos, referia-se aos olhos puxados e cabelos bastante lisos. Marcas nos corpos que evidenciam culturas e evocam representações. Neste âmbito, apesar do clima conflituoso que a experiência nos proporcionou, observamos que essa relação compõe parte do cotidiano das crianças bolivianas que, como resposta e talvez como ferramenta de proteção, formaram um grupo isolado dos demais ao longo das brincadeiras e após alguns minutos me pediram para voltar para casa, alegando cansaço.

Esse conflito foi rico, no que tange a percepção de uma identidade que é construída a partir do estranhamento do outro. Quem é este outro? Quem sou eu? No dia seguinte ao episódio narrado, a brinquedoteca estava repleta de crianças brasileiras, que não participavam da pesquisa, mas que desejavam ocupar aquele espaço e apenas poucas bolivianas. Notei que aos poucos os grupos construía pontes de comunicação, principalmente no que se referia aos interesses comuns, que eram os brinquedos e brincadeiras. Logo, não notei mais a tratativa de “*china*” em relação aos bolivianos nos demais dias, tendo como hipótese de que as crianças brasileiras tinham uma imagem em relação à pesquisadora como a adulta, possuindo um sentimento de intimidação, preferindo o silêncio; ou que de fato os interesses dos grupos eram comuns no momento das brincadeiras, sem que os conflitos surgissem com a tratativa de preconceito.

No relato de sua trajetória, a entrevistada Lígia de 19 anos que chegou ao Brasil com sua mãe quando possuía 2 anos de idade, contou-nos que sofreu dificuldades em relação ao idioma: “*Tive dificuldade até a 2ª série. Como a minha mãe só falava espanhol e a gente trabalhava com coreano. Na escola eu só falava coreano e espanhol... coreano e espanhol tudo misturado*”.

A dificuldade em relação ao idioma foi bastante relatada principalmente entre os familiares das crianças que já chegaram ao Brasil adultos e contam-nos casos em que preferiam ficar fechados em casa à falar com outro brasileiro. O medo de falar e ser ridicularizado também impede participem das reuniões na Ocupação, preferindo que outro membro da família que tenha mais facilidade frequente, enquanto ficam na moradia. As crianças bolivianas da Ocupação demonstraram grande facilidade na comunicação em português, somente com aquelas bem pequenas é que tivemos dificuldade de compressão da fala em alguns momentos e pedíamos para que repetissem o que disseram. Ao questionar as crianças sobre o fato de falarem português e espanhol, tudo se transformou numa grande brincadeira, pois alguns falavam e outras não:

Marcia: Vocês falam espanhol?

[Todas as crianças ficam pensativas e aos poucos vão respondendo que não].

Luíz: *Nós hablamos.*

Carolina: Mas eu estou vendo que vocês falam um pouquinho...

Denise: *Eu não sei.*

Marcia: Vocês vão ter que ensinar espanhol para a gente...

Camila: *Eu não sei...*

[E após uma conversa sobre alimentos, o brincar de falar espanhol retorna ao assunto].

Marcia: E como fala milho preto em espanhol?

Luíz: *Milho preto [fala em português, imitando o sotaque espanhol].*

Alberto: *Minions!*

Carolina: Minions? O desenho?

[Todos caem na gargalhada].

Em umas das idas a Ocupação no mês de abril, as crianças começaram a conversar sobre a escola:

Luiz: *Eu não gosto da escola!*

Carolina: Por quê?

Luiz: *Tem muita lição!*

Pedro: *Eu gosto da escola!*

Luiz: *Também, lá você só brinca! Você ainda é pequeno, nem sabe escrever!*

Pedro [nervoso]: *Eu nem sou pequeno e gosto muito de brincar na escola!*

Julia: *Não gosto da escola. A professora briga, porque eu sempre chego atrasada.*

Carolina: Mas a sua mãe não te leva no horário certo?

Julia: *Não, tia! Ela me leva...*

Carolina: Ah! Você chega atrasada na hora de entregar a lição?

Julia: *Sim. A prô briga, pois sempre sou a última a entregar a lição!*

Carolina: Entendi.

As experiências como estudantes de escola pública variam de acordo com a idade das crianças, visto que o grupo é bastante heterogêneo. Deste modo, enquanto Pedro briga com os

outros defendendo gostar da escola - o garoto está matriculado em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) na região central - as outras crianças discordam do amigo, com o olhar de estudantes de uma escola estadual do ensino fundamental. Julia recém-chegada ao 1º ano do ensino fundamental demonstra uma imensa insatisfação por não compreender as lições. A menina reproduz alguns padrões escolares nos seus desenhos, como colocando data, nome e por vezes tentando escrever algumas palavras ou até mesmo o alfabeto. Nas idas posteriores à Ocupação ela já elogiava bastante a professora e mostrava orgulhosa que já sabia ler e escrever algumas palavras. Em um desenho ela escreveu no verso da folha as palavras banana e abacaxi e me mostrou bastante satisfeita.

Os conflitos em torno da identidade são identificados também nos estudantes da pesquisa de Magalhães e Schilling (2012), com a dupla-identidade. São estudantes que trazem em si a diversidade de suas culturas, mas que optam pelo silêncio com o receio do *bullying*. Neste sentido, as autoras apontam este silêncio como sendo positivo, já que é uma forma de respeito aos professores, uma espécie de reverência, mas ao mesmo tempo configura-se também como negativo, por embutir o medo de agressões.

Observamos uma visão bastante negativa dos adultos bolivianos, responsáveis pelas crianças, em relação aos estudos nas escolas brasileiras. Dentre as insatisfações com as escolas está: a pouca frequência de lição de casa, conteúdos escolares fracos e o desrespeito dos brasileiros em relação ao professor. O pai de Marcos nos conta que todos os dias pega um exemplar do Jornal do Metrô, distribuído nas ruas da capital gratuitamente, com o intuito de atribuir lições, caso seu filho não tenha lição de casa para realizar, assim, ele lhe atribui uma tarefa, escolhendo uma reportagem e pedindo para que faça a leitura. Após a criança ler o artigo escolhido pelo pai, eles dialogam sobre o assunto e o pai faz perguntas de interpretação de texto.

A forma encontrada pelo pai de Marcos, que chegou a cursar faculdade de agronomia na Bolívia, interrompida por falta de recursos, demonstra uma solução para a insatisfação com a falta de lições da escola brasileira e reforça a tentativa de reproduzir um modelo escolar que teve em seu país. A mãe de Camila, Violeta, relata um pouco de como era a escola na Bolívia e choca a filha:

Violeta: *Na Bolívia é muito estricta [rigorosa em espanhol] las escuelas. Las maestras brigavam com nós, elas puxavam nosso cabelo... "Por que vocês não fizeram a tarefa?"*

[Camila ouve e faz uma expressão de espanto].

Carolina: As professoras aqui no Brasil fazem isso, Camila?

Camila: *No, no.*

Violeta: Nós tinha muito respeito a elas, muito respeito. Às vezes eu sonho com elas que gritavam comigo... eu sonho com elas às vezes. Eram muito respeitadas. Minha mãe falava que elas eram como uma segunda mãe para mim. Que nós tenemos que obedecer e respeito para elas. E agora no sei como é isso, mas eu terminei todos os meus estudos. (Entrevista em 20/02/2017)

Lígia não chegou a estudar na Bolívia, pois veio ao Brasil com apenas 2 anos. A moça nos conta sobre suas impressões em relação aos estudos na Bolívia e sobre suas experiências no Brasil:

Somos um pouco diferentes, tanto na cultura quanto na educação, porque os bolivianos... lá na Bolívia, pelo que a minha mãe me falou, ela falava que os estudos eram um pouco mais pesados do que aqui. Os estudos era mais forte. Não tinha esse negócio de ficar jogando bolinha dentro da sala de aula. Na Bolívia o seu segundo pai é o professor, então, você tem que respeitar o professor. Agora aqui, quando eu tava na segunda e terceira série as criancinhas já batiam boca com o professor... até hoje eu vejo isso. Na minha sala, onde eu terminei o último ano [referência ao 3º ano do ensino médio] eu vi, parece que um aluno levantou a mão para um professor, já teve briga de aluno com professor. Agora na Bolívia não tem isso. (Lígia, entrevista em 10/04/2017).

Na Ocupação Prestes Maia todas as crianças bolivianas que participaram da pesquisa estão matriculadas na rede municipal ou estadual de ensino, com exceção das bem pequenas, por opção dos familiares ou por aguardar em surgir vagas em creches. O direito à educação dos imigrantes no país é uma conquista repleta por tensões e negativas de matrículas, como podemos notar nas pesquisas de Freitas e Silva (2015) que tratam das crianças bolivianas na educação infantil de São Paulo e a de Magalhães (2010) sobre os direitos humanos na educação pública municipal de imigrantes bolivianos. Ambas as autoras trazem a questão do direito à educação dos imigrantes, principalmente nos conflitos entre as fronteiras não geográficas, entre legalidade e ilegalidade⁶²:

(...) no sistema municipal de ensino de São Paulo, todas as crianças têm direito à educação, independentemente se sua situação legal. É dever do Estado matriculá-las, garantir-lhes o convívio educacional regular e, em caso de transferência, fornecer-lhes a documentação necessária e adequada à continuidade de estudos e, ao final do curso, conceder-lhes o respectivo histórico escolar e certificado de conclusão. (CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, parecer 17, 2004, apud, MAGALHÃES, 2010, p. 20)

⁶² Tema já abordado anteriormente na nota de rodapé n. 7.

E mesmo com o Parecer Municipal, muitas escolas ainda se negam a efetuar a matrícula de crianças sem documentação no país, ou seja, os ilegais. Segundo Magalhães (2010) um dos motivos é a falta de informação, já que o direito aos estudos é garantido aos estrangeiros em situação legal ou ilegal. Porém, muitos pais e mães ao terem a matrícula negada uma vez, não insistem com medo de serem denunciados pela ilegalidade no país, ou por acreditarem ser um favor a matrícula concedida pela escola e não um direito garantido por lei (MAGALHÃES e SCHILLING, 2012).

Outro aspecto que nos evidencia este trânsito entre as experiências é a alimentação. Ao visitar a casa de Marcos, ele me chamou a atenção para o fato de gostar de comer feijão na merenda da escola e o pai não saber fazer a comida. No momento em que me confidenciava, o pai de Marcos ouvia a conversa e aproveitou para justificar que não conseguia cozinhar o feijão, pois na Bolívia não estavam acostumados a comer, sendo frustradas as tentativas de fazer o alimento. O rapaz aproveitou para me mostrar uma pilha de alimentos dizendo: *“Não comemos este tipo de comida, mas as pessoas dão cesta básica e eu fico com vergonha de falar... estão ajudando, né.”* (Jonas, Entrevistado em 8/05/2017). A solução encontrada pela família foi explicar ao menino que só iria comer feijão na escola, fato este que não agradou muito a criança, que registrou a reclamação, me confidenciando em diálogo.

A polêmica do feijão também fazia parte do cotidiano da moradia de Violeta, que nos relatou:

La comida de nós és diferente, nós cozinhamos. O feijão no cozinho muito não. Agora eles vai na escola e eles comem na escola. Entonces és raro quando eu cozinho aqui. Quando eles fala: Mama, faz feijão... daí eu faço um pouco para eles. Mas quando vão na escola, não, por que eles comem na escola. Eles gostam muito, gostam muito (se referindo a comida da escola). A Nuria⁶³ come na escola. Depois a comida é tudo de Bolívia nossa, comida boliviana. Choclo és o que falamos para milho. És mais grande. Comemos outras coisas tambien, coisas que não tem aqui...nós compramos nas feiras, na Kantuta. Mas tem algumas que tem bolivianos que tem tambien, ai um aqui perto. Eles fazem tambien pão boliviano, então nós consumimos aí. (Violeta, Entrevista no dia 20/02/2017).

Quando ia ao pátio próximo à moradia de Júlia, mesmo estando com seu irmão e amigos, notei que a criança sempre ia dentro de casa me trazer algo, normalmente eram balas e chocolates, que também compartilhava com os amigos. Porém, em uma das vezes Julia adentrou

⁶³ Alteração no texto original para modificação do nome da criança, como forma de manter o sigilo dos participantes.

sua moradia e voltou com sua mãe me trazendo um pão boliviano. Fiquei surpresa com o presente, pois não estava esperando ganhar um pão, cuidadosamente embrulhado no papel alumínio. Então, a mãe contou que naquele final de semana haviam ido à Feira da Praça Kantuta e que aquela era uma maneira de conhecer algo da Bolívia.

A partir do pão, Julia e seu irmão Lucas me contaram o quanto se divertiram na Praça Kantuta, principalmente no pebolim, disse Julia, já Lucas falava insistentemente do pula-pula. Quando perguntei da comida, tinham a resposta na ponta da língua do que não gostavam, que era chuño, um tipo de batata. Sobre o que gostavam de comer durante o passeio foi sopa de amendoim e milho, o choco. A mãe de Julia, durante o diálogo me convidou para ir a sua casa no ano-novo, data que iria fazer comidas típicas e disse: *“Pode ficar tranquila que aqui nós comemos cedo, das dez a meia-noite gosto de brincar com eles de estourar bombinha, essas coisinhas. Faço um fricassê, chicharrón...”*. Quando o assunto das crianças voltou a Praça Kantuta reclamaram que ela ficava muito longe, e aos sábados costumavam ir à Rua Coimbra, que o pão era um real.

O que evidenciamos nestes diálogos é que o fato das crianças estarem no Brasil, não as segrega da cultura do país de origem de seus pais, pois estão partilhando experiências oriundas do paladar e idioma, já que a pronúncia da maioria dos pratos foi em espanhol. Além disso, evidenciam as trajetórias que seguem junto de seus familiares, como o final de semana na Rua Coimbra e Praça Kantuta, conhecendo e conquistando “pedaços” da Bolívia na cidade.

A alimentação típica da Bolívia está presente nas moradias, feiras e festas típicas, propiciando encontros entre conterrâneos que aproveitam para trocar informações sobre oportunidades de empregos, enviar dinheiro ao país, assim como para participar de comemorações típicas, como carnaval boliviano, festa de Alasitas ou até mesmo o dia das crianças, que é comemorado todos os anos tanto na Praça Kantuta, quanto na Rua Coimbra.

As festas de aniversário também são motivos de diversão para as crianças bolivianas, que aproveitam para contar o gosto por decorações temáticas, bolos e refrigerantes, descrição esta, muito semelhante à das festas comemoradas por famílias brasileiras. A mãe de Nuria e Thaís nos contou que na Bolívia costumavam tomar leite quente com bolo durante as comemorações, devido ao clima frio. Costume este, que no Brasil não faria sentido em manter, pois segundo a mãe, o clima quente brasileiro exige bebidas geladas e refrescantes, sendo o refrigerante a melhor opção para as festas.

A comemoração de aniversário exige a presença de amigos e familiares, mas quem seriam estes convidados eleitos? Ao conversar com as crianças, principalmente as moradoras do 9º andar, descobri que os convidados eram seus primos e suas primas, denominação esta que me evocou a tratativa que possuíam na brinquedoteca e que já chamara a minha atenção. A relação aparentemente de parentesco, revelava que não havia consanguinidade entre este grupo, mas aquela fora a forma encontrada para suprir a falta de familiares no país, construindo “novas famílias” entre este grupo, cujos membros se identificavam entre si e transmitiam este sentimento às crianças, que reproduziam a tratativa.

Violeta nos evidenciou um sentimento de solidão no Brasil, já que mora com ela somente seu marido e suas duas filhas, enquanto a outra parte de sua família reside na Argentina. Por isso, demonstrou um grande afeto pelos vizinhos, se referindo aos compatriotas como se fossem primos:

*Violeta: (...) como te disse no tenho família aqui, sou sozinha, no tenho irmã...minha família ficou na Argentina. Eu no salia, mesmo...no. Agora vivendo aqui en el prédio...tem pessoas que falam nostro idioma, **somos como famílias, como primos**. Quando és aniversário deles, eles vem em casa, comemos algo e também vamos na casa deles.*

Carolina: E as festas, como são? Têm comidas típicas da Bolívia ou daqui do Brasil?

Violeta: No, por que nostras crianças gostam las coisas daqui, então tem que fazer isso pra eles...o bolo. Em Bolívia, onde moro, és frio, então comemos o bolo com leite achocolatado, quentinho, por que frio em La Paz. Então tem que ser leite caliente. Mas aqui no, és refrigerante que és calor tambien, é coisas que eles gostam. (Violeta, Entrevista no dia 20/02/2017)

Não poderíamos deixar de notar que neste mesmo andar havia uma família de brasileiros, que não era inclusa na mesma tratativa dos vizinhos bolivianos, deste modo, não pertencendo ao mesmo grupo. Notava certa distância, inclusive das crianças bolivianas que evitavam chamar o vizinho brasileiro para participar de suas brincadeiras, se justificando “*Ele gosta de arranjar brigas*”, “*Ele bate na gente!*”. Entretanto, a movimentação e barulho que geravam ao brincar, sempre fazia o menino abrir a porta de sua moradia para bisbilhotar e sem cerimônias, logo estava inserido nas brincadeiras. Em praticamente todas as oficinas que

fizemos no corredor deste andar e também na brinquedoteca a criança brasileira⁶⁴ sempre participava.

Deste modo, notamos que as crianças bolivianas do 9º andar formavam um grupo um tanto fechado, partilhando do sentimento familiar de se relacionar entre compatriotas, permanecendo unidas e dificilmente saindo do local para brincar com outras crianças da Ocupação. A exceção era o menino brasileiro que participava de algumas brincadeiras, mas sem ser chamado de primo, apenas pelo seu nome. Neste andar, todas as crianças se conheciam e quando as chamava para a realização das oficinas⁶⁵, elas faziam questão de descerem juntas, chamando todos os “primos” que estavam presentes no andar.

A relação de vizinhança e proximidade com o grupo de bolivianos deste andar chamou bastante nossa atenção, mas não poderíamos deixar de notar que nem todas as crianças e famílias mantinham esta relação de proximidade, ficando restrita ao grupo do 9º andar do bloco A. Outras famílias de imigrantes bolivianos que habitavam em andares diferentes na Ocupação, desconheciam esta tratativa empregada por este grupo restrito. Mas podemos afirmar que mesmo não havendo a mesma tratativa com todos os imigrantes bolivianos, já que muitos não se conheciam, eles formavam junto de seus filhos um grupo que se reconhecia por aspectos étnicos e culturais. Esta interação foi notada ao longo das rodas de conversa em que todos, adultos e crianças, eram convidados a participar. Mesmo alguns bolivianos não se conhecendo, a identidade comum, não apenas pela origem étnica, mas por serem pais e mães, sem-teto, e no caso das crianças, por terem interesses com os brinquedos e brincadeiras fazia com que a aproximação ocorresse.

As narrativas tanto dos familiares, quanto dos filhos trazem conflitos, que revelam a importância do embate cultural como forma de trocar e aprender sobre as suas culturas e não apenas produzir e reproduzir o discurso sobre o outro para dominá-lo, assim como feito na tradição histórica, na relação entre brancos civilizados e diferentes grupos étnicos, entre adultos e crianças. Como podemos aprender com o outro durante a pesquisa? Mais uma vez nos provoca

⁶⁴ Acrescentamos que não evitamos a presença de crianças brasileiras ao longo das oficinas na brinquedoteca e em outros espaços. Sendo em alguns casos, a presença de brasileiros maior que a dos imigrantes. O fato de todas as crianças participarem das oficinas proporcionou a observação entre seus pares e de que modo se relacionavam no cotidiano. Ressaltamos apenas, que as produções das crianças brasileiras não foram consideradas no estudo, por não possuírem autorização de seus familiares.

⁶⁵ No próximo tópico deste capítulo desenvolveremos melhor como se organizaram as oficinas na brinquedoteca e em ambientes externos.

Bhabha (2014) “Não passará a linguagem da teoria de mais uma estratégia da elite ocidental culturalmente privilegiada para produzir o discurso do Outro que reforça sua própria equação conhecimento-poder?” (p. 49).

Em uma cidade tão diversa quanto São Paulo, que já recebeu diferentes fluxos migratórios, de outras cidades brasileiras ou de países da Europa, Ásia, África e América Latina, e que seus moradores convivem diariamente com a multiculturalidade, concordamos com Paiva (2013) ao ressaltar a importância da convivência com os *estranhos* e das trocas de experiências que alargam nossa própria compreensão e da sociedade em que vivemos, e o quanto nos faz pensar nas problemáticas da cidadania, direitos humanos, questões ambientais, educacionais, mercado de trabalho, cultura e historicidade. As reflexões a cerca do estranhamento do outro, são importantes ferramentas para nos mostrar quem somos. E também para mostrarem como as crianças relacionam-se com seus pares.

Os conflitos causados pela presença do outro são importantes elementos para “oxigenar os valores tradicionais da sociedade hospedeira, ao passo que a diversidade de suas diferentes origens potencialmente cria uma sociedade mais tolerante e plural.” (PAIVA, 2013, p. 22).

Os momentos de trocas e aprendizagens acerca das experiências das crianças bolivianas e seus familiares no Brasil nos demonstraram que as fronteiras, que nos referimos inicialmente não são muralhas que segregam a identidade das crianças em ser brasileiras ou bolivianas, mas se tornam pontes que permitem as crianças transitarem entre aspectos culturais advindos das duas nações. Segregar as suas identidades seria então, trazer uma falsa dicotomia, já que ambas as culturas estão presentes no dia-a-dia das crianças imigrantes bolivianas de 2ª geração e não teria como afirmamos possuírem uma identidade ou outra. O que desejamos mostrar entre as relações infantis, é aquilo que elas e eles nos apontaram ao longo desta trajetória no campo de pesquisa, que estão em trânsito entre as experiências de pertencer a diferentes culturas, percurso este que não é pacífico, mas permeado por conflitos, desejos, imaginação e brincadeiras. As identidades híbridas que revelam possuir se mostra apenas como um resultado de um processo muito mais amplo, e é o enfoque neste processo que iremos privilegiar ao longo dos itens a seguir.

2.2. “Onde estão as crianças?”

(...)Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos (...) mas, seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado; a distancia do solo até um lampião e os pés pendentes de um usurpador enforcado ... Mas, a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 1990)

2.2.1. “*Meu lugar preferido é aqui!*”: Início das oficinas e o encantamento com a brinquedoteca

Já passava das 14 horas do dia 17 de janeiro de 2017, era a hora e o dia marcado para que pudesse conhecer as crianças imigrantes e suas famílias no espaço da brinquedoteca na Ocupação Prestes Maia. Tive que aguardar um pouco na sala da administração para que resolvessem o destino a ser tomado por mim, e, cá entre nós, indiretamente, o de parte de minha pesquisa. Fui encaminhada por uma das lideranças à brinquedoteca, localizada no mesmo andar.

A porta de madeirite branco e repleta de mãozinhas coloridas carimbadas em toda a sua extensão já denunciava que aquele seria um interessante ambiente para iniciar a pesquisa, uma vez que permeado por diferentes símbolos, como os brinquedos, que poderiam dialogar com as crianças. O espaço era amplo, cercado por paredes de madeirite, cuidadosamente encapadas por tecidos tipo chita. Enormes janelas de vidro exibiam a vista da extensa Avenida Prestes Maia, que neste horário possuía ruído alto. Havia também, uma pequena área à frente da janela com um varal de roupas. Tal área se mostrou bastante perigosa, já que sem proteção alguma, sendo fechada por um pedaço de madeirite como porta. Além disso, uma das prateleiras com brinquedos ficava posicionada à frente desta “porta”, como mais um impeditivo para as pessoas passarem, porém era só arrastar a mesma para se deparar com uma área um tanto perigosa.

A brinquedoteca estava repleta de brinquedos, organizados em prateleiras fixas no chão, em caixas de feiras e até em carrinhos de supermercado e não havia uma separação prévia por “tipos” de brinquedos, todos estavam misturados. Composto o ambiente junto aos brinquedos, havia muitos livros dispostos em prateleiras e mesas. Segundo a coordenação, os objetos que ali estavam eram frutos de doações, por isso percebia-se alguns brinquedos quebrados e jogos incompletos. Os livros variavam de títulos da literatura brasileira e estrangeira, até antigas enciclopédias, manuais de computadores, apostilas e materiais didáticos escolares, revelando

pouca atenção para esses objetos ou ainda para o espaço como ambiente de convivência e das crianças. Pouquíssimos livros destinados ao público infanto-juvenil, apenas alguns gibis bastante deteriorados.

A brinquedoteca além de ser um espaço destinado ao uso das crianças é compartilhada com os adultos e adultas que fazem algumas reuniões e por isso, possui algumas cadeiras. Segundo a coordenação há uma tentativa de organização de uma biblioteca, justificando-se a grande presença de livros, que podem ser emprestados para os moradores. Porém, com exceção de alguns títulos, os livros não são atrativos, por tratarem de temáticas pouco relevantes, tais como o *Manual do Windows*, entre outros. Os livros destinados ao público infantil são pouquíssimos, e os poucos que têm estão bastante deteriorados⁶⁶.

A data escolhida para o início da observação participante fora propositalmente no mês de janeiro, por se tratar do período de férias escolares e, portanto, estando presente um maior número de crianças. Partindo do pressuposto que o tempo de ser criança é uma construção social, entro na brinquedoteca da Ocupação Prestes Maia com o intuito de compreender como se constituía a infância de meninos e meninas imigrantes de 2ª geração. Como se pautava este cotidiano era a pergunta que nos norteava para que pudéssemos aprender e compreender com as próprias crianças, a partir da observação do dia-a-dia, inicialmente na brinquedoteca local, como já mencionado, gentilmente oferecido pela coordenação.

Com um pouquinho de atraso, algumas crianças chegavam, sendo a maioria acompanhada por responsáveis (mães, avós e pais) com os termos de autorização para pesquisa em mãos. As crianças se mostraram um tanto tímidas e desconfiadas, notava que elas desejavam mexer nos brinquedos, mas procuravam olhar para seus responsáveis pedindo autorização e mesmo aquelas que vieram sozinhas, também esperavam a atitude de algum adulto para autorizá-las. Assim, considerei importante neste primeiro momento de acolhimento que ficassem a vontade para explorar o ambiente, enquanto esperássemos a chegada de mais crianças e aproveitava para observá-los e responder as dúvidas dos familiares que ali estavam.

A presença dos responsáveis surpreendeu-me e não sabia se estavam desconfiados com aquela estranha, ou apenas demonstravam cuidado neste primeiro dia. Desenvolvi conversas

⁶⁶ Mostrando o desejo de arrumar a brinquedoteca, as crianças me auxiliaram a encontrar todos os livros que consideravam “bacana para ler” ou fossem infantis, para que organizássemos em uma prateleira, mas após a busca não chegaram a 10 livros no total.

informais com estes adultos, enquanto se acomodavam e me questionavam: “Vai demorar?”, “O que vai acontecer aqui?”, “Precisa vir outros dias?” “É que não deixo eles andando sozinhos pela Ocupação.” A conversa coletiva, que já havia estruturado para as crianças, se mostrou uma importante ferramenta que deveria ser estendida aos adultos que ali estavam receosos e ansiosos tanto quanto os pequenos.

A fala trazia uma breve apresentação e explicava sobre o papel da adulta pesquisadora e estudante, que andava com um caderno de campo e uma máquina fotográfica a tira colo, informando que em alguns momentos ia escrever nele, tal como tirar algumas fotografias. As crianças - que eram 10 - e os adultos - que eram 5- foram convidados a se apresentarem, porém as crianças se mostraram bastante tímidas e os adultos iniciaram a fala. A conversa se expandiu para que falassem de brinquedos e brincadeiras que gostavam:

Nuria: *Brinco de Polly, Barbie e também no balanço.*

Carolina: Mas qual é o seu brinquedo favorito?

Nuria: [fica pensativa] *O balanço!*

Carolina: Nossa! Mas onde fica esse balanço?

Nuria: *Na minha casa. O meu pai que me deu.*

Camila: *Eu gosto de quebra-cabeça e desenhar. É verdade que nós vamos desenhar?*

Carolina: Sim, é verdade. Mas hoje não trouxe as folhas... fica para o próximo encontro. Tudo bem?

Camila: [faz que sim com a cabeça].

Denise: *Brinco com as minhas bonecas.*

Carolina: E os meninos, do que gostam de brincar?

[Se entreolham, bastante tímidos]

Luiz: *Gosto de bola.*

Pedro: *Gosto deste aqui* [mostrando blocos de construtor que estavam em suas mãos. Notei que Pedro não queria ficar na roda, pois estava muito entretido brincando]

Lucas: *Eu também gosto deste* [apontando para o mesmo brinquedo do Pedro].

Marcos: *Carros.*

Notamos por meio das falas iniciais que o grupo estava bastante dividido em brincadeiras de meninos e meninas, com exceção de algumas crianças que optaram pelo bloco de construtor, quebra-cabeça e desenho. Já as outras foram enfáticas, por trazer em suas falas os estereótipos culturalmente construídos como brinquedos de meninos e meninas, assim:

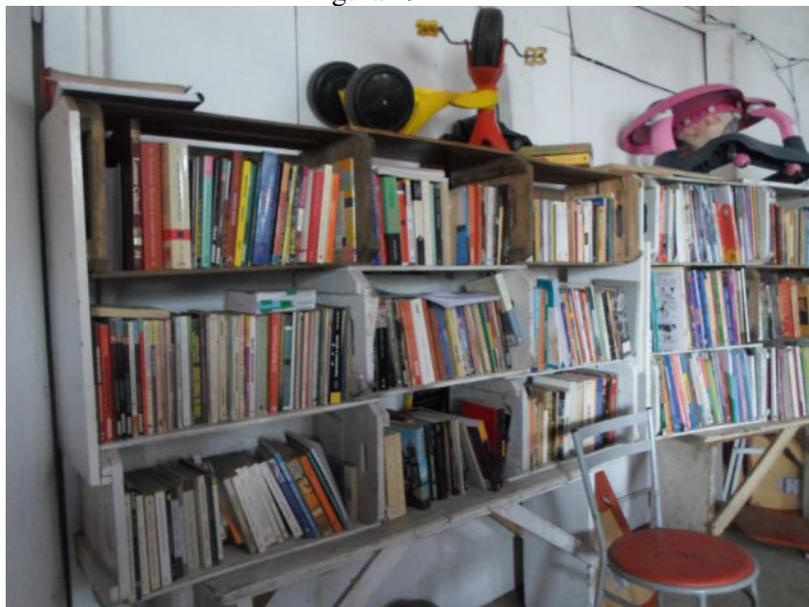
Segundo Brougère (1995), a escolha por sexo e por gênero de brinquedos e de brincadeiras do universo feminino muitas vezes se restringe à casa e à família, enquanto o masculino se relaciona aos “carrinhos”, ao mundo do trabalho. O mesmo foi observado na Brinquedoteca, nos cantos da cozinha e do dormitório, locais em que se concentram e brincam grande número de meninas. (KISHIMOTO e ONO, 2008, p. 215)

Kishimoto e Ono (2008) em observação na brinquedoteca de uma creche em São Paulo encontraram nas brincadeiras de meninos e meninas traços que demarcavam a escolha de brinquedos de acordo com o gênero da criança. Assim, num primeiro momento poderíamos afirmar que algumas crianças bolivianas de 2ª geração também estão optando por escolher brinquedos segundo seu gênero, mas ainda tal afirmação seria um tanto precipitada por se tratar de uma fala inicial das crianças, a confirmação ou não de tal hipótese somente se daria com a observação cotidiana por um período maior.

Antes de encerrar a roda de conversas, solicitei que tanto as crianças quanto seus responsáveis que ali estavam, no próximo encontro pudessem trazer estes brinquedos favoritos, ou fotografias e lembranças que retratassem sua infância. Após, as crianças escolheram o rumo do que faríamos e a resposta unânime foi brincar.

Enquanto as crianças brincavam na brinquedoteca, busquei utilizar a fotografia como instrumento para melhor conhecê-las, pedindo para que uma a uma fizessem um registro fotográfico do local favorito da moradia. O que as crianças bolivianas de 2ª geração “elegeriam como imagens dignas de fotografar” (SONTAG, 2008, p.21):

Figura 19



Fonte: Fotografia tirada pela criança Marcos. Estante de livros na brinquedoteca.

Figura 20



Fonte: Fotografia tirada pela criança Pedro. Vista da janela da brinquedoteca

Figura 21



Fonte: Fotografia tirada pela criança Denise. Objetos no chão da brinquedoteca

Figura 22



Fonte: Fotografia tirada pela criança Nuria. Livros da pesquisadora no chão da brinquedoteca

Figura 23



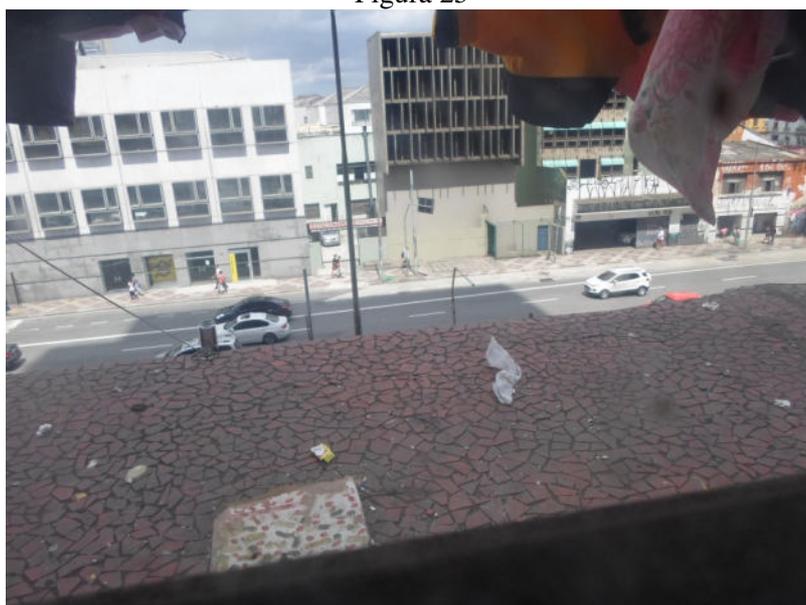
Fonte: Fotografia tirada pela criança Alberto. Pátio em frente à brinquedoteca

Figura 24



Fonte: Fotografia tirada pela criança Camila. Brinquedos na brinquedoteca

Figura 25



Fonte: Fotografia tirada pela criança Luiz. Vista janela da brinquedoteca 2

Figura 26



Fonte: Fotografia tirada pela criança Lucas. Brinquedo na brinquedoteca 2

Figura 27 – Prateleira com brinquedos



Fonte: Fotografia tirada pela criança Caio. Brinquedo na brinquedoteca.

Figura 28



Fonte: Fotografia tirada pela criança Julia. Brincando de casinha

Qual não foi a minha surpresa ao notar que as crianças não se movimentaram muito, optando em tirar fotografias no espaço da brinquedoteca, enfocando os objetos (livros e brinquedos) do ambiente, a vista da janela para a Avenida Prestes Maia e o pátio que fica logo em frente à brinquedoteca. Considerei um tanto instigante as imagens eleitas pelas crianças, na medida em que revelavam um olhar que não estava tão preocupado em de fato registrar os lugares preferidos, mas se mostrava uma extensão de um olhar curioso e explorador daquele espaço e de tudo que se relacionava a ele.

Nem sempre as crianças traziam uma fotografia, mas às vezes uma sequência de imagens repetidas, *selfies* e poses da família e dos amigos, deste modo optei por escolher apenas uma fotografia de cada criança. A única a não fotografar foi a bebê Thaís, que ficou brincando com as crianças por todo o período.

Através dos signos que as crianças mostravam nas imagens trazidas, aproveitei aquele momento para conversarmos sobre as fotografias, pois mais do que olhar somente para o resultado final buscava diálogos que poderiam sugerir as intenções de suas escolhas, com foco maior no processo do que no resultado e passei a questioná-los: Por que este é o seu lugar favorito? Os diálogos revelaram que as crianças bolivianas estavam encantadas com a

brinquedoteca e por isso justificaram as fotografias dos espaços, brinquedos encontrados, ou daqueles que estavam compondo suas brincadeiras, como fazendo parte deste local “preferido” na Ocupação. Todas as suas escolhas fotográficas apontavam para este encantamento que foi revelado como desconhecido por todas as crianças bolivianas.

Um das mães presentes e que já havia comentado que não deixava os filhos saírem sozinhos de casa, reforçou que seus filhos nunca haviam descido para usar o espaço da brinquedoteca. Em diálogo com as demais crianças notava que a fala que demonstrava o desconhecimento da existência do local se repetia: “*Nunca vim aqui!*” e “*Não conhecia aqui!*”. Seus gestos, assim como suas fotografias demonstravam que estavam explorando o ambiente novo, mexendo nos brinquedos, livros e interagindo entre pares: “*Nossa! Vem ver isso...que da hora!*” (Pedro mostrando os brinquedos à Luiz) e “*Olha! Posso levar a Barbie para casa?*” (Denise, pedindo a mim se poderia levar a boneca para brincar em casa).

O encantamento que a brinquedoteca produziu nas crianças bolivianas também me colocou frente a algumas questões novas, já que me tornava a referência deles para perguntarem sobre os brinquedos, como a questão de Denise que desejava levar a boneca para brincar em casa, tal como outras crianças que demonstraram o mesmo questionamento. Em relação à organização e conservação dos brinquedos, muitos já estavam quebrados e outros eram jogados no chão, sem cuidado. O que fazer e como proceder em relação às regras para cuidar do espaço, respeitando as já estabelecidas pelos membros da Ocupação? As mães e avó que estavam no espaço demonstravam bastante preocupação em organizar o ambiente enquanto a oficina ocorria, chegando a trazer uma vassoura para limpar o chão, além de chamarem a atenção das crianças para não deixarem brinquedos espalhados pelo local. Algumas crianças, vendo o comportamento das adultas passaram a imitá-los, misturando as suas brincadeiras com a arrumação do ambiente. A menina Nuria vendo a mãe organizar o ambiente, resolveu virar uma caixa de brinquedos no chão e guardá-los novamente para “arrumar” e após alguns poucos minutos, vendo que ainda restavam muitos a guardar, desistiu e ao sair levou uma represália da mãe, que após a bronca resolveu ajudar a criança.

A partir observação das crianças explorando e produzindo questionamentos a cerca do espaço, foi necessário fazer uma roda de conversa com alguns combinados, ressaltando o cuidado com os brinquedos, livros e esclarecendo que os brinquedos eram de uso coletivo, de todas as crianças da Ocupação e por isso, não poderíamos retirá-los da brinquedoteca. Ao pensar com as crianças o cuidado com o espaço, propus que sugerissem novas formas de arrumar/organizar a brinquedoteca do jeito deles:

Camila: *Acho que podemos colocar todos os ursinhos nas prateleiras.*

Carolina: *Será que vai caber?*

Camila: *Vai sim!*

Denise: *Tem que colocar as bonecas também. Credo! Mas tem umas que não sem roupa!*

Pedro: *E os bonecos?*

Alberto: *Não cabe...tem bastante.*

Carolina: *Então, vamos recolher só as bonecas e ursinhos?*

Luiz: *Tem que colocar os carros também...*

Alberto: *Já sei! Vamos colocar os carros na outra prateleira... dá cabe!*
[Aponta para a outra prateleira que estava no ambiente].

Ao finalizarmos a roda de conversa organizaram os brinquedos nas prateleiras, de acordo com o combinado:

Figura 29



Fonte: Fotografia tirada pela criança Pedro, mostrando a arrumação da prateleira

Novamente ao longo da “proposta” de organização de brinquedos notamos a preocupação na separação dos brinquedos de meninas e meninos, em prateleiras diferentes. Embora não tenhamos nessa dissertação uma preocupação focada nas relações de gênero, foi possível observar que enquanto as meninas arranjavam maneiras de arrumar os ursinhos e bonecas em uma prateleira de madeira, os meninos resolveram dispor os carros e bonecos em outra prateleira, assim como mostra a figura 29.

Aos poucos, no dia-a-dia vivenciado com as crianças bolivianas, notava que havia sim uma tendência de meninas reproduzirem o cotidiano doméstico, brincando de montar sua casinha, fazer comida e cuidar das bonecas. Enquanto os meninos optavam por jogar bola, tênis, skate, carrinho, brincar com bonecos, como *Ben 10* em jogos de luta e poder. Outros brinquedos, como quebra cabeça, dominó e monta-monta até eram escolhidos por meninos e meninas, mas logo eram deixados de lado, já que a estavam incompletos ou possuíam poucas peças.

Ainda sim, em muitos momentos os meninos e as meninas trocavam os papéis sociais, transgredindo as regras estabelecidas socialmente e experimentando brincar com os brinquedos e brincadeiras próprias do gênero oposto. Notava a presença de meninos brincando de casinha, principalmente ocupando papéis sociais, como pai, irmão, bebê e até cachorro. Enquanto meninas pegavam os carrinhos e a bola. A pesquisadora Daniela Finco (2003) identificou que na educação infantil as crianças ainda não possuem as práticas de diferenciação sexistas tão arraigadas:

Observando vários momentos de brincadeira foi possível levantar a hipótese de que as crianças ainda não possuem práticas sexistas em suas brincadeiras e, portanto, não reproduzem o sexismo da forma como ele está disseminado na cultura construída pelos adultos: as crianças vão aprendendo a oposição e a hierarquia dos sexos ao longo do tempo que permanecem na escola. (p. 95)

Lembrando que a faixa etária das crianças pesquisadas é bastante ampla, variando de 2 à 12 anos, nem todas estão isentas do brincar pelo prazer de brincar, sem julgamentos do que é de menino ou menina. São poucas que ainda interagem transgredindo tais regras sociais, sem demonstrarem preocupação.

O brincar também está em imitar papéis sociais, como o da pesquisadora. Em destaque, comento o quanto após o uso da máquina fotográfica ao longo da oficina, possibilitou que em muitos momentos eu ganhasse uma ajuda especial de algumas crianças que se interessaram muito pelo uso da máquina, dentre elas, o Pedro. Em praticamente todas as oficinas, o garoto pedia para fotografar o que estava acontecendo e, além disso, carregava o meu caderno de campo, como numa brincadeira de ser pesquisador. As outras crianças também revezavam para assumir este papel na brincadeira e em alguns casos, para ampliar o restrito acervo de câmeras fotográficas (somente uma), deixava que usassem a câmera do meu celular, que normalmente era utilizada por mim para registrar as oficinas.

Nos dois primeiros dias de oficina, contavam entre as crianças apenas as imigrantes bolivianas, mas como já relatamos no item anterior, fomos surpreendidas com a presença de

outras crianças moradoras da Ocupação que reivindicavam a participação nas oficinas: “*É só os china que podem participar?*”. Algumas crianças vieram acompanhadas pelas mães, que pediam para os seus filhos participarem da pesquisa e solicitavam o termo de aceite. Expliquei que devido ao grande número de crianças na Ocupação, a pesquisa estava restrita apenas as bolivianas, mas que as crianças brasileiras também poderiam usufruir do ambiente da brinquedoteca com os bolivianos e participarem das oficinas, sendo que eu não usaria suas imagens e suas produções.

Este fato foi importante por trazer a tona uma relação que até então aparentava ser pacífica, mas que não estava se apresentando como tal: as crianças imigrantes bolivianas de 2ª geração não se sentiam a vontade com a presença das brasileiras no local e desde que deixei que brincassem no mesmo espaço, as crianças movimentaram-se no intuito de se separar em grupos distintos. Os grupos eram mistos, com meninos e meninas, mas separava brasileiros de bolivianos. Poucos minutos após a entrada das crianças brasileiras no local (um grupo de aproximadamente 20 crianças que não parava de aumentar), as crianças bolivianas vieram me informar que iam para suas casas, por já estarem cansadas. De alguma forma notei que não era somente isso, mas estavam incomodadas com o alto número de crianças que passava a ocupar o local e dividir os brinquedos e brincadeiras que anteriormente destinado somente à elas.

Das 14 crianças participantes, apenas 10 eram frequentes nas oficinas e no dia seguinte ao fato narrado vieram apenas 3 crianças na oficina e 1 mãe. Mesmo com a baixa adesão, fui pedindo para que na próxima semana pudessem divulgar para os colegas bolivianos para que pudessem retornar a brinquedoteca e aos poucos foram retornando às oficinas.

A presença de familiares nas oficinas se revelava aos poucos, pois me procuravam dando depoimentos espontâneos sobre as dificuldades enfrentadas no Brasil, fato este que sugeri que estavam ali não apenas para acompanhar suas crianças, mas que também eram desejosos de falar e necessitavam de um espaço destinado à escuta.

A roda de conversa com ambas as gerações, durante as oficinas foi um destes espaços destinados para a escuta e para estabelecer diálogos com as crianças e seus familiares, convidando-os a também participarem das dinâmicas propostas. Em umas das conversas, Violeta, mãe de Nuria e Thaís revelou ser um pouco “ciumenta” com suas filhas, alegando possuir medo e cuidado em relação às crianças brasileiras, tidas por ela como bagunceiras e sem limites. As outras mães presentes concordaram com a fala da colega e acrescentaram que

também não deixam os filhos andarem sozinhos e se quer, deixam que brinquem no corredor, por considerarem perigoso.

O fato de se assumir ciumenta demonstra certo medo e insegurança da mãe em relação ao futuro dos filhos, que lhes parece “ameaçado” no contato com crianças brasileiras, que segundo ela são respononas e mal-educadas. Esta fala somada as outras tantas que defendem uma educação mais rígida, adotada por bolivianos, apontam para um estranhamento dos familiares em relação à educação brasileira, com críticas principalmente em relação à falta de respeito das crianças, vistas como sem limites.

Uma alternativa encontrada pelo grupo de bolivianos do 9º andar do bloco A da Ocupação para manter vínculos com os conterrâneos no local de moradia, pôde ser observada ao longo das oficinas ao reparar que as crianças se denominam por primos e primas. Inicialmente considerei que de fato tivessem uma relação de parentesco, mas durante a roda de conversa as mães explicaram que por grande parte não possuem família no Brasil, resolveram criar a sua própria com os vizinhos da Ocupação. Deste modo, explicaram que quando fazem comemorações, necessitam de favores ou quando as crianças querem companhia para brincar, chamam os “primos e primas”.

Notamos, a partir das falas que o grupo de bolivianos moradores da Ocupação Prestes Maia constituem um grupo bastante fechado com tentativas de passar aos filhos os valores aprendidos no país de origem e que temem ser perdidos no Brasil. Assim, a coordenadora da Ocupação também se refere aos bolivianos como um grupo fechado: *“Eles não são muito de se misturar não. São bem na deles. São Bastante participativos em tudo, porque aqui têm os mutirões, os atos... são organizados.”* (Silmara, entrevista em 13/02/2017).

Os indícios que apontam para o fato dos bolivianos constituírem um grupo fechado, que “não se mistura” sugerem que para que haja a afirmação identitária de quem são, afastam-se dos opostos. O temor do outro, também revela o medo do apagamento de suas culturas, que tentam transmitir para a 2ª geração, composta por seus filhos. A aproximação dos adultos expondo seus relatos espontaneamente sugeriu-me que aquela também fora a forma encontrada por eles de transmitir as suas experiências e que estas não fossem apagadas. Faziam questão que eu as anotasse e ouvisse com atenção, como uma tentativa de não apagamento de suas trajetórias, tal como de sua cultura.

A participação das famílias na roda de conversa foi bastante interessante, como quando convidamos todos a trazerem brinquedos que gostavam ou que remetessem à infância, no caso

dos adultos. No dia marcado, apenas a adulta Violeta estava presente levando suas filhas e algumas outras crianças sem a companhia de familiares. Ao partilhar os brinquedos na roda ao longo da oficina, pudemos observar os suspiros da mãe ao contar sobre os brinquedos que havia nos trazido. Em um rico momento, ela abriu uma caixa de sapatos e tirou pequenas miniaturas de cozinha, feitas de lata. Com muito cuidado, ela explicou que fora uma das poucas recordações que trouxe da Bolívia, as miniaturas ofertadas durante a festa de *Alasitas*, que louva o Deus *Ekeko* da abundância. Segundo a mãe, esta é uma festa ligada aos sonhos e desejos feitos ao meio-dia de 24 de janeiro de cada ano. É comum comprarem miniaturas de dinheiro, carros, passaportes, pois há uma crença de que se oferecerem tais miniaturas ao Deus da abundância conquistarão os seus desejos. Por isso, é comum as famílias relatarem que antes da vinda ao Brasil, compram miniaturas de passaporte, dinheiro e casas, como forma de realizar os sonhos.

No caso da mãe, tinha uma grande quantidade de utensílios domésticos, como fogãozinho, panelas e até um pequeno bule e coador de café, que segundo ela já fora utilizado. A mãe explicou que é uma forma que encontrou de passar um pouco dos seus costumes as filhas (duas meninas) já que ambas são nascidas no Brasil e não conhecem a Bolívia. Apesar da vontade de viajar ao país de origem, ela enfatiza que seria apenas a passeio, pois o seu desejo é permanecer no Brasil com sua família e trazer seus pais para morar com ela, que moram em Buenos Aires – Argentina.

As brincadeiras se constituíram de forma interessante, pois houve um diálogo entre as gerações que misturou brinquedos brasileiros e objetos que representavam a cultura boliviana, como poderemos ver a seguir:

Figura 30



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Crianças brincando.

Figura 31



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Miniaturas de Alasitas

Figura 32



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Brincando com miniaturas de Alasitas

Figura 33



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Brincando com miniaturas de Alasitas

Figura 34



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Brincando com miniaturas de Alasitas

Figura 35



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Crianças familiares no espaço da brinquedoteca

Figura 36



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Mãe interagindo com as crianças na brinquedoteca

Por meio das fotografias que retratam as brincadeiras das crianças podemos sugerir que os meninos e as meninas estão em contato com os brinquedos e brincadeiras transmitidas pelos familiares bolivianos, ao mesmo tempo em que estão em contato com brinquedos com amplo apelo comercial, difundidos e vendidos no Brasil e em outras regiões globalizadas. Esses traços

revelam uma infância que esta construindo suas identidades não com um traço fixo, nem afirmando apenas a essência de uma etnia ou nação, como nos sugere Canclini (2015):

Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e novas práticas? Às vezes, isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas frequentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico. (p. XXII).

Esta infância está produzindo suas identidades em um movimento heterogêneo, já que não esta preocupada com o que é do Brasil ou da Bolívia, como demonstra a preocupação de seus parentes, mas sim em brincar e neste processo nos mostram o quanto suas identidades se constituem no processo de hibridação.

Se a brinquedoteca apresentava-se como uma novidade às crianças bolivianas, o pátio que estava localizado à frente do espaço já não era ignorado. No pátio estavam: a até então desconhecida brinquedoteca, a sala da coordenação, um pequeno comércio de alimentos, algumas moradias, banheiro de uso coletivo e era passagem obrigatória aos transeuntes, ligando os blocos A e B. Porém em algumas idas, ainda anteriores ao início da pesquisa, notava a ausência das crianças neste espaço, vistas somente de passagem com amigos ou parentes, mas sem permanecerem no local:

Figura 37



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Pátio da brinquedoteca sem crianças brincando

A observação da ausência das crianças brincando no pátio, que ainda era exploratória se somou a um fato ocorrido também no primeiro dia de oficina. Algumas brincadeiras que as crianças escolheram como, bola, skate e tênis, exigiam a ampla movimentação dos corpos, fazendo com que explorassem o pátio da área externa da brinquedoteca. Inicialmente não encontrei problemas nesta exploração, saindo com algumas crianças para brincar do lado de fora, porém logo fomos interrompidos por excesso de barulho, gerando reclamação dos vizinhos. A justificativa das coordenadoras era de que havia pessoas que residiam nas proximidades do pátio e que se incomodavam com barulhos por trabalharem no período noturno.

O incômodo gerado pela presença das crianças nos fornecia indicativos da ausência delas neste pátio e nos mostrava que dinâmicas seguintes deveriam se restringir a quatro paredes, ficando somente no espaço da brinquedoteca. Sendo este mais um combinado que teve de ser feito com as crianças na roda de conversa ao final da oficina, fato que gerou bastante insatisfação:

Carolina: Não poderemos mais brincar no pátio para não fazer barulho aos vizinhos.

Luiz: *Que injusto! Como vamos brincar de skate e bola?*

Carolina: Teremos que encontrar outra solução. Podemos tentar brincar aqui dentro mesmo, quando tiverem menos crianças.

As dificuldades em conciliar a pesquisa com as dinâmicas cotidianas do local pesquisado se impunham de modo que necessitávamos respeitar aquele espaço, que era a moradia das pessoas, ao mesmo tempo em que notávamos ser a presença das crianças geradora de certo desconforto com a vizinhança. Se nos espaços “destinados” às brincadeiras das crianças, estas geram incômodo e se as famílias não as deixam andarem a sós na Ocupação, como demonstrou a fala inicial de uma mãe, que espaços de fato ocupavam os meninos e meninas bolivianas? Era necessário seguir as pistas das crianças e descobrir quais eram estes espaços, mas sem ser invasiva já que estava em um local de moradia.

As andanças pela Ocupação Prestes Maia, nos possibilitou transcender o espaço inicial da pesquisa: a brinquedoteca. O dia-a-dia junto às crianças nos mostrava o quanto aquele espaço estava carregado de signos da infância, porém não era comum a todas. As falas carregavam um misto de denúncia e encantamento “*Tia, eu nunca brinquei aqui!*”. Ou seja, adentrar o cotidiano era também chamar a atenção para as ausências em lugares até então tidos como pertencentes às crianças. Fazia-se necessário seguir as suas trajetórias para que nos contassem e mostrassem quais eram os espaços que elas e eles estavam presentes e de fato ocupavam.

Em entrevista com a coordenadora da Ocupação questionei o fato das crianças imigrantes desconhecerem a brinquedoteca e as crianças brasileiras, que já conheciam, reclamarem de que raramente ela era aberta. Por este motivo acredito que ao abrir a brinquedoteca para fazer as oficinas com as crianças houve uma superlotação, devido à vontade de ocupar aquele espaço, ainda mais num período de férias escolares:

A gente tem brinquedoteca, mas falta uma pessoa capacitada para ficar com eles. E o que mais a gente queria é uma área só para eles, que tivesse rede para não cair nada, com piso sintético...tipo grama, com casinha, escorregador e brinquedos. E uma passagem para que as pessoas passassem para o lado de lá [se refere ao bloco A] sem ter que mexer com as crianças. Queremos um espaço coletivo para eles. Doação de boneca e bola...não é só isso que a gente quer! (Silmara, entrevista em 13/02/2017)

Vale, indubitavelmente, como elemento bom para refletirmos sobre como o movimento social, aqui representado pela FLM concebe a infância em seu interior e não somente nas moradias. Sabe-se que não trataremos dessa temática aqui, seguramente muito fecunda. Contudo, indica outras pistas e caminhos a seguir, já que, se as crianças estão na ocupação, mas não estão na brinquedoteca que fica permanente de portas fechadas, elas estão em outros espaços. Onde? Que lentes colocar para encontrá-las? Que outros percursos fazer? A fotografia da parede de madeira em que há inscrições/traçados deixados por uma ou mais crianças – não é possível afirmar – nos servem como caminhos, inspirações a seguir para o encontro das crianças. Lembra-me de um primeiro texto escrito por Corrado Ricci que afirmava no século 19:

Num dia de inverno em 1882, voltando da Certosa di Bologna, fui forçado por uma chuva a reparar no pórtico que conduz ao Meloncello. Eu não sabia que sob aqueles arcos se encontrava uma exposição literária e artística permanente. Com pouco valor estético, se assim queremos pensar, e também um pouco tímida, largamente ornada de modéstia, rara para os tempos que correm.

Poucos trabalhos têm a assinatura do autor, o que se deverá sempre lamentar, pois se constitui como grande lacuna na história da arte e da literatura italiana. (...) As obras dos desenhistas menores, as quais encontram-se situadas naturalmente mais a baixo, mostram-se com técnica e lógica menores, superam, porém, todas as outras no decoro. Além disso, (necessário nota a título de louvor) se iguala consideravelmente a traços poéticos! A tristeza do dia, do lugar e da alma, que mal comportava as epigramas daqueles que haviam trabalhado na zona superior, me conciliaram com a arte ingênua das crianças e me sugeriram a ideia deste estudo. (RICCI, 1987)⁶⁷

⁶⁷ Tradução livre do texto em Italiano *L'arte dei Bambini* de Corrado Ricci (1887)

Essa ausência de assinatura de um autor mostrou a presença de crianças representando a si, aos colegas, a ocupação, a própria infância nesse pedaço tão adulto, cujos sons apartavam gritos e falas infantis. O espaço foi ainda mais desconstruído com as oficinas propostas. O que era alheio às crianças foi se revelando como momento de encontro ou a urgência dele. A constatação era de que a brinquedoteca não era parte da rotina de brincadeiras das crianças, mas um lugar distante que pouco, ou nunca fora frequentada por muitas crianças, principalmente as bolivianas. Porém, ao mesmo tempo, como uma pulguinha atrás da orelha, que insistente se mostrava, indicou-se outros caminhos. As crianças estavam lá e usavam escadas, a parte mais alta do edifício – e aparentemente mais perigosa – como locais de brincadeira, criavam e elaboravam contextos em que o estar junto tinha sua expressão, independente do que as adultas e os adultos impunham. Dentro de um mecanismo de regulação das crianças nas ocupações, também tão visível em outros cantos da cidade, frestas eram encontradas e recriadas por meninas e meninos. Ao pensarmos na palavra brinquedoteca, nos referimos ao espaço destinado à infância composto por diversos brinquedos. Mas afinal, o brincar ocorre somente na brinquedoteca? Pelo já exposto, não. Há outros locais inventados por eles e elas que mudaram nossos pontos de vista sobre a ocupação e o cotidiano da criança e que poderão nos dar o mote para pensarmos e encontrarmos a construção identitária desses meninos e meninas bolivianos nessa ocupação: ser criança boliviana na ocupação Prestes Maia.

A dimensão territorial passa a abarcar diferentes interrelações marcadas pelo significado real e afetivo que cada grupo confere e delimita em seu espaço de vivência que pode ou não, coincidir com fronteiras oficialmente estabelecidas e em muitos casos, conflitar com as mesmas. (MOREIRA E VASCONCELLOS, 2006, p. 119)

Deste modo, fazia-se necessário um olhar que realmente revelasse o cotidiano das crianças imigrantes da Prestes Maia. Este olhar expandiu-se, subiu e desceu escadas, passou a frequentar pátios, corredores e conheceu moradias. O olhar que estava preso à um local que teoricamente pertencia às crianças, teve que desconstruir-se e se expandir para os locais onde de fato o tempo social de ser criança se construía. Nesses percursos da pesquisa encontramos lugares que as crianças escolheram, dentro dos muitos limites espaciais, para as suas brincadeiras e para viver e construir o cotidiano. Elas estavam lá nas escadas, corredores, pátios, lajes ou na moradia. Neste sentido, ao tratarmos de um espaço ocupado no centro da cidade de São Paulo por milhares de pessoas que lutam pelo direito à habitação, as crianças estavam lá a seu modo, inscritas em cada pedaço da ocupação e tendo seus corpos e ações marcadas por ela

2.2.2. “Já é hora de subir!”: caminhos e recados entre brincadeiras nas escadas

Figura 51



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Escada entrada Ocupação

Figura 52



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Vista do alto da escada bloco B

As escadas da Prestes Maia constituem um rico espaço de trocas entre adultos e adultos, adultos e crianças e principalmente entre crianças. Nos 21 andares do bloco A e 9 andares do bloco B, nota-se que as escadas não servem apenas para a passagem das pessoas de um andar a outro, mas as subidas e descidas revelaram importantes momentos de trocas culturais entre os moradores.

Como espaço em que as crianças cantam, brincam de apostar corrida, de esconder, de contar degraus, de desenhar e escrever seus nomes nas paredes, brincar nos vãos entre os andares, fazer algumas peraltices e também onde associam os andares aos amigos, como quando falam: *“vou chamar o meu amigo do 9º andar”*, ou *“Não gostaria que essa menina do 3º andar fosse brincar com a gente...”*. Local em que os adultos chegam até a beirada da escada para chamar as crianças que brincam *“Ô, filho! Já é hora de subir!”*, em que conversas entre vizinhos são tecidas, recados são deixados e afixados para que todos da comunidade possam ver e espaço de trocas cooperativas, como a ajuda para carregar o gás, sacolas, mudanças em geral e carrinhos de vendedores ambulantes, cena muito comum no final da tarde ao retornarem de mais um dia de trabalho.

Os desafios impostos pelas escadas certamente não são facilmente transpostos. Entre suas curvas e a grande quantidade de degraus que ligam um andar a outro, o cansaço da subida é amenizado pelas conversas com vizinhos, pela leitura dos murais com informativos da ocupação e pela solidariedade. Os recados elaborados pela coordenação da ocupação normalmente ficam no mural fixado no primeiro lance de escadas após a entrada, passagem obrigatória para os moradores dos blocos A e B. Neste local são afixados datas e informativos de reuniões, informações sobre os atos, cadastramento de moradores e propagandas de serviços e vendas. São serviços como: conserto de eletrodomésticos, manicure e corte de cabelo. Além de vendas de alimentos, como doces, salgados, sorvetes e cosméticos. Tais produtos também podem ser encontrados em pequenos mercados em alguns andares.

Os murais também estão presentes em praticamente todos os andares, logo após cada lance de escada. Eles contêm as informações que os moradores de cada andar querem compartilhar com os passantes das escadas, que reforçam a oferta de serviços e vendas, como informações religiosas e relacionadas ao convívio. As regras de convivência que mais aparecem nestes murais são *“é proibido jogar bola”* (sic), *“é proibido andar de bicicleta”*, *“Procurem manter seu andar limpo”* e *“escala de limpeza”*. As escalas de limpeza trazem os dias da

semana, seguidos dos nomes dos responsáveis pela limpeza daquele dia. Tais relações demonstram uma maior aproximação dos moradores de diferentes andares, tanto nos afazeres coletivos de cada andar, como a limpeza, quanto nos bens de consumo, pois sabem onde vende a pizza, ou quem é manicure ou vende produtos de beleza.

Figura 53



Fonte: Fotografia tirada por Márcia Aparecida Gobbi. Anúncio de cigarros.

Figura 54



Fonte: Fotografia tirada por Márcia Aparecida Gobbi. Mural de recados

Deste modo, as escadas não são apenas locais de passagem, mas locais em que se estabelecem trocas entre os moradores. Podemos inferir que se trata de uma outra forma de estabelecer relações entre casa e rua em que os corredores, bem como a escada tornam-se a rua,

ou uma nova maneira de se pensar o que é público, encontro entre diferenças, ainda que sob um mesmo teto, ou igualando-se por não tê-lo. Inspirada em Roberto DaMatta (1997) afirmo que nas relações de trocas, no comércio, nas conversas temos uma pequena expressão da sociedade brasileira, ou de parte dela, em que grupos desvalidos nos mostram como lidar com o outro, rechaçando-o ou acolhendo-o, driblando as agruras, ou manifestando-se contrário. Trocas comerciais, de serviços, de regras de convivência, de conversas, tais como trocas em que a cooperação entre os moradores se estabelecem. Pois, como subir uma mudança de uma casa inteira pelas escadas? Como subir com os carrinhos de comércio? São desafios enfrentados dia-a-dia pelos moradores, que nos fazem notar o quanto as relações de vizinhança são construídas e alimentadas nestes momentos de troca e as escadas se tornam este espaço comum, do encontro com o outro, construção e explicitação das diferenças.

Este encontro com o outro nem sempre é harmonioso, mas implica conflitos já que a Ocupação, assim como os espaços públicos da cidade são locais em que diferentes pessoas convivem. A convivência com as diferenças culturais, como é o caso dos imigrantes – bolivianos, paraguaios e colombianos – e os migrantes vindos de todas as regiões brasileiras. Diferenças de costumes, porém igualdade na luta, quando os direitos em relação a habitação são postos em cheque.

Quando chegamos na Ocupação, após passar o portão de entrada e subir o primeiro lance de escadas, já notamos a presença de crianças, que estão correndo nas escadas, jogando aviãozinho, ou apenas sentadas conversando com os amigos, ou acompanhadas de seus familiares, ajudando a carregar sacolas.

As ‘artes’ das crianças, vista por elas, podem se tratar apenas como mais uma de suas brincadeiras, mas do ponto de vista dos adultos são tidas como problemas que estigmatizam algumas crianças da ocupação. Uma destas ‘artes’ feita na escada, relatada por uma mãe da Ocupação causou um grande atrito com vizinhos:

Um dia, quando chegava em casa do trabalho, fui recebida por algumas senhoras, moradoras da ocupação com a seguinte reclamação: Seus filhos ficaram no alto da escada cuspidando em nossa cabeça, enquanto estávamos subindo. Fiquei muito brava e fui dar uma bronca neles, mas não tem jeito, tenho que trabalhar e eles ficam sozinhos em casa. (Silmara, Entrevista em 13/02/2017)

O estigma de criança arteira, como aquela que é desordeira, insubmissa, brincalhona e viola regras, é trazido por Martins (2013) ao abordar que a origem do termo ‘arteira’ está

intrinsecamente ligado a história dos artesãos. Os artesãos, ou seja, aqueles que fazem arte, historicamente foram considerados pessoas perigosas e que poderiam ter pacto com figuras demoníacas, somente pelo fato criarem produtos não naturais, invadindo a ordem do divino.

Conversando com as crianças consideradas arteiras na ocupação e portanto, aquelas que possuíam maior frequência nas oficinas propostas durante a pesquisa, mesmo não sendo as imigrantes, é que constatamos uma dicotomia entre as crianças consideradas arteiras X obedientes. Neste sentido é que questionamos discursos, ausências e xingamentos que nos nortearam a identificar alguns conflitos.

As crianças arteiras são aquelas que ousaram a transgredir uma regra de convivência, os que brincam com a ordem pré-estabelecida e são estigmatizados também no Brasil. O fazer arte estava associado a atividade de criar um produto não natural, que invadia a ordem do divino e portanto, artesãos eram associados a figuras demoníacas (MARTINS, 2013, p. 14). Neste sentido, a ação das crianças são condenadas por sua capacidade de transgredir o ordenamento local, contudo foram as suas arteirices que forneceram as pistas que devemos seguir.

As crianças bolivianas dificilmente eram vistas circulando sozinhas nas escadas, acompanhadas normalmente por seus familiares. Deste modo, as escadas se constituíam um espaço de passagem e circulação para as crianças, mas para encontrarmos as suas brincadeiras foi necessário ingressar no interior do prédio.

2.2.2. *“Não deixo brincar muito no corredor. Brincam mais dentro de casa”*: As presenças e ausência das crianças bolivianas nos corredores

Figura 38



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves - Corredor 9º andar Bloco A

Retomamos este item com uma fala proferida ao longo da roda de conversa com as mães e crianças, que nos provocou: “*Não deixo brincar muito no corredor. Brincam mais dentro de casa*” (Violeta). A partir dos relatos que traziam um misto de medo e insegurança por parte das mães é que consideramos necessária uma investigação que adentrasse a Ocupação, percorrendo seus espaços em busca das crianças, afinal será que brincavam somente em casa?

Seguindo as pistas deixadas pelas crianças bolivianas, alteramos o formato das oficinas que passaram a ser itinerantes, buscando encontrá-las onde de fato estariam. Se os familiares nos deram pistas de que elas brincam em casa, decidi iniciar o percurso no 9º andar do bloco A, onde grande parte das crianças bolivianas reside. Ao subir as escadas notei que havia um grande fluxo de crianças brasileiras e no percurso encontrei apenas um garoto boliviano que ia acompanhar a sua mãe no mercado para ela fazer sorvetes tipo geladinho, falou que era rápido e voltava para brincar.

Ao chegar no corredor do 9º andar me deparei com um corredor vazio, sem barulhos altos, onde era possível ouvir apenas o som de televisões ligadas e contava com a presença de dois gatinhos que perambulavam no momento que fiz o registro que abre este item. Inicialmente considerei, que diferente dos outros andares que havia passado e tinham uma grande quantidade de crianças correndo e brincando, não encontraria as crianças bolivianas, tendo que pensar em outra estratégia para encontrá-las. Porém, logo a ausência do corredor foi preenchida por duas crianças que saíam do banheiro com bonecos de super-heróis nas mãos, eram Alberto e Luiz que vieram ao meu encontro:

Alberto: *Você veio hoje!*

Carolina: Sim. Hoje vim saber onde gostam de brincar. Onde vocês estavam brincando com os super-heróis?

Luiz: *Shiu! A minha irmã esta dormindo. [A criança pede para que eu fale mais baixo]. Eu tava na casa do Alberto...*

Alberto: *Hoje não vamos descer lá! Vamos brincar na minha casa.*

Carolina: Que bacana! Vão continuar brincando de super-herói?

Luiz: *Vamos... depois vamos jogar no computador.*

Carolina: E tem mais alguma criança com vocês?

Luiz: *Não. As minhas irmãs estão em casa, cuidando da bebê.*

Alberto: *Acho que a Nuria e Thaís estão em casa também... O Pedro também.*

Carolina: Vocês me ajudam a chamar as outras crianças para brincar? Trouxe umas folhas e lápis para desenharmos.

Luiz: *Mas eu não quero descer! Lá tem os meninos que brigam muito!*

Carolina: Hoje quero que vocês me mostrem onde gostam de ficar.

O cuidado com a bebê desempenhado por Camila e Denise dentro da moradia, enquanto o irmão brincava na casa do amigo gerou certa estranheza em relação a questão de gênero, pois enquanto as irmãs estavam no interior da casa, o garoto estava do lado de fora. Tal atitude reforçava o estereótipo da presença das meninas em casa, cuidando do lar e dos meninos brincando do lado de fora. Em relação a construção da cultura lúdica:

A cultura lúdica é masculina porque a criança é menino, percebida como menino age como tal, brinca com outros meninos, recebe objetos destinados aos meninos (Brougère, 1999). O mesmo ocorre com as meninas, mas, ao utilizar o mesmo brinquedo que a menina, o menino age de forma diferente. Parece ser resultado de uma complexa produção cultural, ligada à construção da personalidade da criança decorrente da socialização (...). (KISHIMOTO e ONO, 2008, p. 210)

As autoras nos chamam a atenção para as expressões de meninas e meninos por meio de suas brincadeiras e a forma como são percebidas socialmente, construindo suas identidades de gênero. No caso da família de Denise, Camila, Luiz e a bebê, as meninas assumiram o papel social da mãe e cuidados com a casa, enquanto o irmão, ainda que preocupado em não fazer barulho para acordar a irmãzinha, não desempenhava o mesmo papel das meninas, brincando com seu súper-herói na casa do amigo.

O fato de batermos na porta para chamarmos as meninas para brincar gerou outro conflito, porque as duas demonstraram vontade de sair para brincar, sendo que um dos irmãos deveria ficar para cuidar da bebê. A escolha foi da irmã mais velha, Denise (12 anos) que assumiu a responsabilidade e deixou que os dois irmãos fossem brincar.

A outra casa visitada era de Nuria e Thaís, que estavam em casa, mas apenas Nuria encontrava-se acordada, enquanto a irmãzinha, ainda bebê dormia. A mãe, deixou que saísse, mas pediu para que a criança colocasse outra roupa. Enquanto esperávamos, observei o desenho na parte externa da moradia que abre este capítulo (Figura 18). Ao sair, questionei Nuria se conhecia aquele desenho e com a resposta afirmativa explicou que ela o fizera. Questionei o motivo de ter feito o desenho e a criança disse não se lembrar, que era apenas para ficar mais bonito.

O desenho na parede da casa de Nuria revelava, mesmo que timidamente, que as crianças estavam presentes no corredor do andar e que mesmo sendo proibidas por suas mães de circularem no local, em alguns momentos transgrediam as regras, se apropriando do espaço que se revelava permeados por símbolos que denunciavam a presença infantil, como o desenho. Para Moreira e Vasconcellos (2006) “A criação dos lugares possibilita a estruturação de uma identidade individual, uma vez que os objetos que compõem o espaço, sua organização, seus atributos passam a ter significados diferentes para cada ser humano a partir de sua história de vida.” (p. 121-122).

Enquanto, como pesquisadora vi através do desenho uma pista de que as crianças bolivianas estavam no corredor registrando suas presenças, para a autora do desenho, Nuria, ele era apenas para embelezar a sua moradia, expressando seu traço criativo, sua identidade como criança.

Ao seu modo, as crianças apresentaram-me o corredor, que além das moradias era composto por um banheiro de uso coletivo e uma pia, onde as famílias costumavam lavar louças e roupas. Dia-a-dia frequentando aquele espaço para “chamá-las” para brincar, mas com o olhar observador, notava que o corredor do 9º andar não costumava ter a presença de crianças circulando a todo o momento, sendo que em boa parte do tempo estavam dentro da moradia, ou na de algum amigo(a). Timidamente elas usavam aquele espaço, em brincadeiras que costumavam acontecer na beirada das portas das moradias, que ficavam entreabertas para que os responsáveis pudessem olhar os filhos. Os momentos que as crianças aproveitavam para circular, “dar uma volta”, eram as idas ao banheiro. Outro espaço que sentavam para brincar era num pequeno vão que ligava a beira da escada ao corredor, mas pouquíssimas vezes estavam presentes ali.

O corredor revelou que as crianças tinham uma presença tímida, quase nula neste espaço, preferindo brincar no interior da casa ou na beirada da porta. As famílias além de

expressarem ter receio de deixar com que as crianças brincassem sozinhas no espaço possuíam em suas falas o medo de serem multados pelo coletivo da Ocupação e por isso, diziam-se tão rigorosas com permanecerem dentro da moradia.

Entretanto, este fora um espaço utilizado como ponto de encontro para chamá-los até as oficinas na brinquedoteca ou em outros andares, assim como amplamente utilizado ao longo das entrevistas semi-estruturadas com seus familiares, que normalmente optavam por ficar do lado de fora da moradia, ou seja, nos corredores. Como as moradias eram pequenas, normalmente compostas por 1 cômodo, o corredor passava a constituir este espaço de convivência com o outro adulto, ao mesmo tempo em que as crianças estavam no entorno, auxiliando com fotografias, acomodando a mochila da pesquisadora e desenhando. O corredor foi amplamente utilizado nas oficinas, e apesar de estreito se mostrou como um lugar aconchegante às crianças, que se espalhavam por seus espaços, dedicando-se às suas produções e brincadeiras.

2.2.4. *“Você é adulta...então podemos brincar na laje?”*

Figura 39



Fonte: Fotografia tirada por Márcia Aparecida Gobbi. Laje 10º andar Bloco A

Figura 40



Fonte: Fotografia tirada por Márcia Aparecida Gobbi . Bicicleta no trajeto à laje

Conhecer as crianças através das pistas que nos apresentavam era um exercício constante de estar com elas, desenvolvendo uma escuta atenta as suas demandas. Um destes momentos ocorreu quando combinei de encontrá-las no 9º andar para realizarmos mais uma oficina e questionei “Onde vamos brincar hoje?” e de pronto falaram: “*Você é adulta...então podemos brincar na laje?*”. Conhecer mais este espaço que se mostrava importante para os meninos e meninas era também uma forma de me aproximar dos territórios de pertencimento das crianças.

Guattari (1985) ao se referir a criação de territórios nas cidades evidencia o quanto a formação destes é fruto do espaço e o poder:

(...) a gente constitui, assim mesmo, até debaixo de uma ponte territórios existenciais em tais condições de desterritorialização ou de padronização, serialização. Como é que a gente vive processos de singularização, como é que a gente resgata singularidades ou constitui territórios existenciais nessas condições? (p. 116)

Apesar de tratarmos de uma moradia coletiva que compõe a cidade, notava que aquele espaço, da laje, revelado pelas crianças poderia ser considerado um território para eles e elas por ser um ambiente que conheciam e tinham uma relação de pertencimento. As crianças

mostravam conhecer cada cantinho, buraco e até os perigos presentes no local, que não tinha proteção alguma. No trajeto até a chegada na laje, descrito no primeiro capítulo desta pesquisa e aqui retomado, as crianças nos contaram a história do prédio e de quando chegaram nele. Mostravam-nos seus brinquedos espalhados pelo chão e outros cuidadosamente guardados em cantinhos, como a bicicleta.

Pudemos notar indícios de que a laje seja um quintal para as crianças bolivianas de 2ª geração moradoras do 9º andar, onde brincam de correr, andar de bicicleta e da brincadeira preferida, que revelaram ser esconde-esconde. Os brinquedos deixados no local e a familiaridade dos meninos e meninas que tudo conheciam e desejavam mostrar, evidenciava que era bastante frequentado por todos, porém uma placa na porta de acesso da laje avisava que crianças não poderiam subir desacompanhadas de adultos e por isso, aproveitavam a presença da pesquisadora para frequentar aquele que era praticamente o quintal de suas casas.

As crianças nos contavam que seus familiares iam bastante até a laje para pendurar as roupas lavadas, momentos estes que diziam ajudar e ao mesmo tempo aproveitavam para realizar as suas brincadeiras. Famílias de outros andares também utilizavam os varais, porém devido a proximidade eram mais frequentados pelos moradores do nono andar.

Conhecer o local e as histórias que suscitava nas crianças, como o “desastre” ocorrido no antigo prédio que fez com que estivesse abandonado, evidenciou que aquele era um local permeado por mistérios no imaginário infantil. Já é sabido, e relatado no primeiro capítulo, que no prédio funcionava uma antiga fábrica de tecidos que faliu. O imóvel permaneceu abandonado por muitos anos, com dívidas acumuladas. Foi ocupado 3 vezes pela FLM, em 2000, 2002 e 2010 e em 2015 foi adquirido pela Prefeitura de São Paulo. Porém, para as crianças no local habitava a ideia de desastre, gerando certo clima de terror, pois não sabiam o que havia acontecido para tantas pessoas terem saído do local.

A imensidão de sacolas de roupas espalhadas no pátio coberto que ficava ao lado da laje chocava as crianças e revelava o esforço de seus pais, que levaram todos os entulhos até o local, que estava sujo e cheio de insetos. O clima de suspense gerado pela sujeira e abandono, povoava o imaginário das crianças que não se conformavam com a situação que estava o local quando chegaram à Ocupação com seus parentes, expressando que *“Agora está bem melhor, tia. Você tinha que ver quando a gente chegou aqui!”* (Camila).

Essa situação guarda certa semelhança com a produção *Quem viu o fantasma do Cambridge?*⁶⁸ em que as crianças da Ocupação Hotel Cambridge, criam vídeos para o blog da

⁶⁸ Disponível no link: <https://youtu.be/ZhTVVvKQZI8c> - Acesso em 05/01/2018.

Ocupação do Hotel Cambridge e apresentam o que supõem ser o terror. Criam a série de vídeos “Quem viu o fantasma do Cambridge”, entre outras produções bastante curiosas que retratam criações artísticas das crianças e entrevistas. A série de terror conta o medo das crianças e adultos da Ocupação com a aparição de 3 fantasmas que para deixar de aparecer exigem que as crianças realizem os seus desejos.

Outra interessante situação de terror no mundo adulto fez com que operárias visualizassem um demônio na Fábrica de Cerâmica São Caetano, na Grande São Paulo. Este curioso fato, levou o então trabalhador do local e posteriormente sociólogo Martins (2008) a estudar o fenômeno anos mais tarde, do ponto de vista sociológico, levando a crer que aquela aparição estava relacionada a alteração do regime de trabalho, inovações tecnológicas e pela modificação das formas de supervisão, que passaram a ser rigorosamente determinadas pela figura do engenheiro. O medo das operárias estava intrinsecamente relacionado às mudanças que possuíam dificuldade em aceitar, algo criado por operários expondo uma forma de responder e sobreviver às agruras cotidianas. Trata-se de uma elaboração refinada que permite entender o que ocorre em suas vidas e, por que não, suportá-las atribuindo algum sentido.

O medo do desconhecido, daquilo que encontraram um tanto abandonado e deteriorado e as tantas proibições de frequentar o local sem adultos certamente contribuíam para a construção do imaginário que povoava as falas das crianças e, com isso, surgem elaborações que visam dar sentido ao incompreensível, fazer compreender e sobreviver.

Pelo exposto, consideramos que a laje se configura como um local que de fato demonstrava sentimento de pertencimento às crianças, porém, optamos em não dar continuidade nas oficinas neste espaço, por realmente ser perigoso, sem muro, grade ou rede que pudessem protegê-las. Assim sendo, continuamos a seguir as suas pistas nos outros lugares que demonstravam gostar.

2.2.5. “É proibido jogar bola e andar de bicicleta no andar!”: Regras, negociações e transgressões entre o direito de brincar e os conflitos com os adultos

Por se tratar de um prédio um tanto grande muitos espaços chamavam a atenção, porém nem todos com a presença de crianças, principalmente das bolivianas que se mostravam um tanto tímidas e contidas nas moradias. No bloco B da Ocupação moravam outras crianças imigrantes de 2ª geração que frequentavam as oficinas na brinquedoteca e lá residiam com seus parentes. Ao explorar este bloco, muitas vezes em companhia das crianças do bloco A,

descobrimos extensos pátios em cada andar, com as moradias nos seus arredores. Eram pátios largos, mas esvaziados da presença infantil.

A brincadeira no interior da moradia era a resposta mais empregada por meninos e meninas, não havendo diferenciação em relação ao gênero. Marcos informou que ficava sozinho enquanto o pai e a mãe trabalhavam e era proibido de sair para brincar. O garoto, filho único, possuía algumas tarefas, como arrumar a moradia – sua cama e lavar seu prato de comida – e depois da lição de casa poderia brincar no computador ou assistir televisão. Quando estive na casa de Marcos, entrevistando seu pai, o garoto dividiu seu tempo entre assistir televisão, no caso os desenhos da TV Cultura e jogar no computador. Nas outras oportunidades que o chamei para participar das oficinas e que ele estava sozinho na residência, o garoto não ia, alegando que os pais não deixavam ele sair.

O terceiro andar do bloco A contava com uma grande presença de crianças bolivianas, porém diferentemente da relação de amizade que tinham os moradores do outro bloco, este era marcado pelas constantes brigas entre vizinhos. Mal-estar causado pelos desentendimentos das crianças que afetavam seus familiares, sendo que o principal motivo de brigas, alegado pelos pequenos, era a diferença de idade e poder que os 4 irmãos mais velhos – com idade entre 7 à 14 anos - exerciam sobre as 4 crianças mais novas – com idade entre 8 meses à 6 anos. Enquanto as crianças menores, com exceção do bebê de 8 meses, diziam que eles não os deixavam brincar, as crianças maiores diziam que os pequenos atrapalhavam. Ou seja, o fato de serem pertencentes a mesma geração não caracterizava uma relação de amizade, mas sim um afastamento justificado pelo poderio dos mais velhos.

O estopim que levou as famílias a não mais se falarem e as crianças serem proibidas de brincar juntas, foi um fato narrado pela mãe das crianças mais novas, Daniela e sua filha Julia. Elas contaram que os meninos jogavam bola com bastante agressividade no pátio até que o brinquedo entrou porta adentro de sua casa e derrubou uma panela de água quente na sua neta, de apenas 2 anos. A menina teve queimaduras na região da barriga e até o momento da pesquisa ainda estava em tratamento. O grave episódio aumentou os conflitos entre vizinhos já existentes e reforçou a proibição de crianças brincarem no pátio, como podemos ver no recado feito por moradores e afixado no mural do andar:

Figura 41



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves . Mural recados (sic) “É proibido joga bola e andar de bicicleta”

Percorrendo outros andares também notava mensagens parecidas no mural dos moradores, no qual as brincadeiras como bola e bicicleta eram tidas como perigosas pelo coletivo por causar acidentes. Ressaltamos também que a estrutura do prédio se mostra bastante precária, com paredes danificadas, fios de rede elétrica expostos e as portas/paredes das moradias por serem de madeirite eram fragilizadas, contribuindo para que o coletivo proibisse tais tipos de brincadeiras às crianças.

Porém as proibições não eram vistas com passividade pelas crianças, que mesmo reclamando dos vizinhos, ainda assim queriam continuar brincando no local, questionando as regras e procurando negociações com os pais, mães e vizinhos. Mas notamos que haviam poucos espaços destinados as negociações das crianças, pois boa parte dos seus familiares temia as represálias da coordenação que variavam em multas ou até mesmo a expulsão do local e por isso, evitavam problemas com vizinhos, assumindo uma postura percebida pela coordenadora Silmara como sendo “*na deles*” e “*sem se misturar*”. Deste modo, as crianças deste bloco tinham pouco, ou quase nenhuma oportunidade de negociação, já proibida pelos próprios parentes.

Algumas oficinas ocorreram no pátio do 3º andar, que apesar de não ter boa luminosidade, fazendo com que nos aconchegássemos próximos a janela, era um ambiente bastante tranquilo e aconchegante. As oficinas foram se moldando de acordo com as dinâmicas do dia, pois quando fazia entrevista com os familiares, optava em não chamar todas as crianças, com foco apenas naquela família, ou no grupo de crianças do andar. Quando as oficinas eram direcionadas somente às crianças, aproveitava para chamar o maior número de crianças

possíveis, reunindo as crianças de ambos os blocos. Deste modo, o pátio se constituiu como um local bastante propício aos encontros com os pequenos. Os temas das oficinas variavam de acordo com o que desejavam fazer, ora brincadeiras, conversas, fotografias e dobraduras era o que mais me pediam. Como não era tão habilidosa com as dobraduras, perguntava à eles as que desejavam e procurava estudar antes de ensinar, em alguns casos recorria a internet para consultas.

Dentre as dobraduras que me pediam estavam os origamis do pássaro tsuru, de shuriken (uma arma de arremesso, semelhante a uma estrela) e o barco de papel. Algumas crianças sabiam fazer as dobraduras e me auxiliavam com as demais. Ao contar a lenda do pássaro tsuru⁶⁹ – enquanto fazíamos as dobraduras – e a história da menina japonesa que fora contaminada pela bomba de Hiroshima, as crianças ficaram chocadas com a existência da guerra e indagaram: “*Como um país pode brigar com outro?*” (Alberto). Para eles não fazia sentido a guerra de um contra o outro, os deixando bastante intrigados. Outro diálogo que suscitou a história foi em relação aos sonhos, pois caso fizessem os 1000 tsurus, qual seria o desejo que iriam realizar?

Luiz: *Eu queria ganhar na telesena!*

Carolina: E o que você faria com todo este dinheiro?

Luiz: *Eu ia comprar pizza para todo mundo da Ocupação. Daquela que vende lá no meu bloco... que é muito boa! E também não queria mais ter que ir pra escola.* [risos]

Pedro: *Eu queria ir para a Disney e também que aqui tivesse um McDonald's..*

Julia: *Eu queria uma casa pra minha mãe e sem o meu pai, porque ele bebe muito.*

Lucas: *Eu também! Queria uma casa pra gente morar.* [Fala concordando com a irmã Julia].

⁶⁹ A lenda do tsuru conta que ao fazer 1000 dobraduras do pássaro um desejo seria realizado. Então, relatei a história de Sadako Sasaki que sobrevivente da bomba de Hiroshima, durante a segunda guerra mundial, adquiriu leucemia devido a contaminação da radioatividade e contagiada pela lenda do tsuru tentou fazer os 1000 pássaros, porém antes do término não sobreviveu.

Figura 42



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Construção do origami tsuru

Figura 43



Fonte: Desenho feito pela criança Luiz. Desenho do sonho de ganhar na Telesena

As falas das crianças evidenciam o quanto o sonho delas pode estar associado ao suprimento de necessidades básicas, como a conquista da moradia. Mas podendo estar associado ao consumo, como no caso de Luiz que deseja ganhar na Telesena, As propagandas do jogo, amplamente veiculadas nas emissoras de televisão, principalmente no SBT, colocam artistas de sucesso e conhecidos das crianças nos anúncios, prometendo dinheiro, casas e carros. O canal que traz o sorteio das cartelas do jogo, o SBT, também é bastante conhecido das

crianças por trazer uma programação infantil que gostam bastante, como as novelas: Carrossel, Chiquititas, Carinha de Anjo, entre outras. No período da manhã a emissora veicula o programa Bom Dia e Companhia que traz desenhos atrativos ao público infantil. Deste modo, o gosto pela Telesena revela que a criança é afetada pelo consumo não somente do jogo, mas do canal no qual é vendido.

Porém, ao justificar o que compraria a resposta de Luiz já revela que o sonho não é individual, mas de certo modo seria revertido para o coletivo da Ocupação, já que para a criança todos tinham que comer a pizza, que era muito boa. Novamente o consumo é trazido pela fala de Pedro, que já havia mencionado na brinquedoteca o sonho de ir para a Disney e nesta oficina repetiu o desejo e acrescentou que tivesse um McDonald's na Ocupação.

O sonho da casa, que será melhor desenvolvido no capítulo seguinte, nos é revelado pelos irmãos Julia e Lucas, no desejo de afastamento do pai alcoólatra, que possuem uma convivência dificultosa.

Em outra ida ao andar do pátio me surpreendi com o espaço repleto de entulhos amontoados. A cena fora curiosa, pois sempre que chegava me deparava com o pátio limpo e sem crianças, tendo que chama-las no interior da moradia, mas justamente neste dia as crianças já estavam do lado de fora se divertindo com o tanto de possibilidades de brincadeiras que ofereciam os materiais. Eram pedaços de madeira, galões de água e objetos antigos que o vizinho, que trabalhava com reciclagem, resolveu tirá-los para organizar sua casa e não se importava com a presença das crianças brincando com seus objetos.

A bagunça gerada no pátio gerou bastante encantamento das crianças que atribuíam novos signos aos objetos, que se transformavam com o que sua imaginação desejasse. Como pesquisadora, fora uma experiência riquíssima, por perceber que eram as crianças que conduziam a pesquisa e por mais que eu levasse propostas do que fazer, a graça da pesquisa estava no fazer junto e com elas. Nas cenas das brincadeiras, observei antena de televisão virando escudo, espadas de madeira, dentre outras que trataremos a seguir:

Figura 43



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Brincando com diversos materiais no pátio

Figura 45



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Escudo com antena de TV.

Figura 46



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Brincando com diversos materiais no pátio

Os objetos até então sem significado, que não serviam para nada, nas mãos das crianças transformaram-se e adquiriram diferentes significados em suas brincadeiras. Em meio a tantos materiais, eis que surgiu um cartão de crédito antigo que foi usado pelas crianças como fonte que alimentava os sonhos de consumo nos papéis sociais que desempenhavam, como compradores no mercado e shopping center.

As oficinas também revelavam seus desenhos e jogos preferidos, como o *Minecraft*, que aparecera nas produções dos meninos. Evidenciando que havia um padrão de desenhos seguido pelos que diziam não saber desenhar, ao imitar o do colega que “supostamente” detinha o saber. No caso dos desenhos das figuras 47 e 48, Pedro, que alegava não saber desenhar, seguia os traçados de Alberto, querendo fazer sua produção com o máximo de detalhes possíveis, só não desejou colorir o desenho:

Figura 47



Fonte: Desenho da criança Alberto. Desenho Minecraft

Figura 48



Fonte: Desenho da criança Pedro. Desenho Minecraft

A produção de Nuria contou com a produção de seu autorretrato acompanhada de sua amiga ao lado e dado de presente à pesquisadora. O desenho a seguir é de Lucas, que não sabia o que desenhar, demonstrando apenas a preocupação em experimentar as cores no papel escolhido:

Figura 49



Fonte: Desenho da criança Nuria - “*Esta é minha amiga Camila*”

Figura 50



Fonte: Desenho da criança Lucas

Ao longo das oficinas procurava disponibilizar uma grande quantidade de materiais para escolherem, como lápis de cor, giz de cera, canetinhas, folhas de papel sulfite A4 e coloridas. Podemos notar que as escolhas das cores das folhas foram bastante motivadas por estereótipos de gênero, no qual meninos optaram pelo azul e verde e as meninas pelo lilás e rosa. As cores laranja, amarelo e brancas, com tonalidade neutra, já eram escolhidas por ambos os gêneros.

Segundo GOBBI (1997) há evidências em seus estudos sobre o desenho e questão de gênero que apontam para a diferenciação entre meninos e meninas. Pois enquanto as meninas optam em retratar o ambiente doméstico, mais próximo à casa e às amigas, os meninos demonstram maior liberdade ao afastar-se do ambiente doméstico, desenhando policiais, bombeiros e personagens de desenhos, como podemos notar com o personagem do jogo *Minecraft*. Além disso, a disputa pelas cores de papel em que as próprias crianças, principalmente as maiores, segregam as cores de meninas e de meninos evidenciam que estão

seguindo estereótipos socialmente e culturalmente construídos do que é ser menino e do que é ser menina.

Assim, entre desenhos, dobraduras, fotografias e cartão de crédito, as oficinas no pátio foram bastante ricas, no sentido de demonstrarem uma infância que no seu cotidiano, brinca, expressa seus desejos de consumo e insatisfações em relação ao espaço habitado, questionando regras, desejando novas possibilidades de brincar e de alterar o ambiente, como demonstrado no sonho de ter um McDonald's no espaço. O que notamos são indícios de uma infância que está buscando seu espaço no local que habitam e neste exercício procuram dar significado ao ambiente, buscando inserir as suas brincadeiras e os seus sonhos, deixando importantes marcas que indicam o exercício por habitar e pertencer. Construindo territórios com as suas marcas e demonstrando não pertencer ao que previamente os adultos estabeleceram como “seus”, no caso da brinquedoteca, mas elegendo outros espaços na habitação a inserir o seu jeito de viverem a infância.

Capítulo 3 – Os sonhos no cotidiano da luta por habitar

Não sou nada.
 Nunca serei nada.
 Não posso querer ser nada.
 À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.
 (Álvaro de Campo, “Tabacaria”)

Figura 55



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Pixo “sonhos” na Ocupação Prestes Maia

Na larga e cinzenta Avenida Prestes Maia, no alto do antigo prédio da Companhia Nacional de Tecidos, atualmente Ocupação Prestes Maia, a escrita num pixo⁷⁰ traz um pouco

⁷⁰ Optamos no emprego da grafia pixo com o X, diferente do dicionário que traz a grafia com CH, por ser a maneira usualmente empregada pelos pichadores, autores do pixo retratado.

de colorido e reflexão aos transeuntes: sonhos. É neste endereço que encontramos as famílias de imigrantes bolivianos, com seus filhos e suas filhas, vivenciando com outras tantas famílias, as agruras de sobreviver na terra paulista. Os sonhos pixados no alto do prédio foram trazidos porta à dentro do edifício. Coincidentemente ou não, ao longo de entrevistas e conversas proporcionadas pelos desenhos e fotografias, percebemos a existência do que será aqui denominado por sonhos. Sonhos de moradia, sonhos de mudança de condições de vida, sonhos que embalaram a vinda para a cidade de São Paulo, sonhos que mantêm e embalam a luta por moradia e uma vida mais igualitária.

Ao trazer as reflexões acerca dos sonhos “acordados”, pois manifestos enquanto as pessoas estavam despertas e na perspectiva de desejos para a vida futura, tivemos a intenção de relacioná-los com a vida cotidiana dos moradores bolivianos e poder refletir sobre de que forma podem expressar reflexos de rupturas que impulsionam lutas pessoais e/ou lutas coletivas dos sujeitos da pesquisa. Em que medida os sonhos sobre os quais conversamos podem denunciar aspectos relacionados ao cotidiano da infância de meninos e meninas na busca por habitar a cidade de São Paulo, tal como nos revelar traços identitários trazidos pelo hibridismo?

As relações entre sonhos e vida cotidiana nos foram apresentadas nos estudos sociológicos de José de Souza Martins (1996), que propõem uma interpretação de sonhos narrados a partir da hipótese sociológica e não da literatura psicanalítica. O sentido da palavra sonho para o autor é concebido como fruto do universo onírico, os sonhos noturnos, que as pessoas possuem dormindo. As narrativas trazidas por ele foram potenciais reveladoras do cotidiano, como mediador da vida dos sonhadores da região metropolitana de São Paulo:

(...)o sonho como modalidade de ver a vida, de interpretá-la, e sobre o “método” de conhecimento do senso comum eventualmente empregado para estabelecer a ponte entre o mundo do sonho e o mundo da vida cotidiana. (MARTINS, 1996, p. 17).

Tais pontos de reflexão levantados pelo autor são importantes, pois mostram os fragmentos da vida cotidiana refletidos nas narrativas dos sonhos e como nos auxiliam na compreensão dos fatos sociais e do homem moderno. Neste sentido, ao utilizar a palavra sonho ao longo deste capítulo será diferente do sentido empregado por MARTINS (1996), e mesmo de Roger Bastide (2006) que em muito contribuiu para a discussão sobre uma possível sociologia do sonho, em que se busca considerar os aspectos sociais contidos nos sonhos das pessoas. Nesse texto faremos referência àquele sonho que temos acordados, na perspectiva de desejo e esperança de uma vida futura:

Enquanto o ser humano se encontrar em maus lençóis, a sua existência tanto privada quanto pública será perpassada por sonhos diurnos, por sonhos de uma vida melhor que a que lhe coube até aquele momento. (BLOCH, 2005, p. 15)

A reflexão sobre o que desejamos, mas ainda não possuímos, ou seja, a perspectiva da falta para Ernst Bloch (2005) pode ser um combustível na busca do desejável, que é a esperança de algo que não existe, mas poderá vir a ser. O princípio de esperança poderá mover mudanças futuras, propor projetos, porém também conter o medo que freia a eventual realização dos sonhos.

Ao trazer as esperanças de uma vida futura que carregam os sujeitos desta pesquisa, buscamos os desejos e esperanças que reflitam seu cotidiano, assim como as brechas que trazem rupturas com este. De maneira suplementar ao capítulo anterior que trouxe as questões enfrentadas nas buscas das crianças imigrantes bolivianas de 2ª geração em ocupar espaços, procura-se significar o habitar na moradia. Porém, no que tange a apropriação dos espaços da cidade, trazendo, agora, alguns dos lugares preferidos, tal como a participação em festas populares pelos olhares das crianças e adultos imigrantes bolivianos.

Para Lefebvre (2015) é fundamental ressignificar o habitat a em habitar a cidade, ou seja, em transformar o simples morar destituído de significado em pertencer, usufruindo de seus usos, com o intuito de possuir o direito à cidade:

O humilde habitante tem seu sistema de significações (ou antes seu subsistema) ao nível ecológico. O fato de habitar aqui ou ali comporta a recepção, a adoção, a transmissão de um determinado sistema, por exemplo o do habitat pavilionista. O sistema de significações do habitante diz das suas passividades e das suas atividades; é recebido, porém modificado pela prática. É percebido. (LEFEBVRE, 2015, p. 111).

O habitat pavilionista, uma forma de habitação tipo pavilhão, proliferou nos arredores de Paris, em comunidades suburbanas e que fora duramente criticado pelo autor, por ser um projeto idealizado por arquitetos, sem diálogo algum com as pessoas que passaram a habitá-lo, havendo a “redução do habitar para o habitat” (Idem, 2015). O modelo de habitat, segundo Lefebvre começa a ser instituído com uma prática bastante conhecida pelos moradores da cidade de São Paulo, e que em Paris consistiu nas reformas do barão Haussmann, que consistiu em expulsar o proletariado do centro urbano, remodelando avenidas. Na III República o modelo foi consolidado, e:

Até então, “habitar” era participar de uma vida social, de uma comunidade, aldeia ou cidade. A vida urbana detinha, entre outras, essa qualidade, esse

atributo. Ela deixava habitar, permitia que os cidadãos-cidadãos habitassem. (Idem, 2015, p. 23).

Deste modo, para haver o direito em habitar à cidade, Lefebvre defende o pensamento utópico, o ingresso no universo do possível como tarefa fundamental para pensá-lo levando em consideração o seu valor de uso, não somente o valor de troca. Pensar utopicamente a cidade é apropriar-se dela, é ressignificar espaços de maneira criativa e poética:

Que a imaginação se descobre, não o imaginário que permite a fuga e a evasão, que veicula ideologias, mas sim o imaginário que se investe na apropriação (do tempo, do espaço, da vida fisiológica, do desejo). (2015, p. 114).

A essa noção somamos o sentido dado por José Teixeira Coelho Netto (1980) ao conceituar o termo “utopia”, que chamará a atenção para a importância da *imaginação utópica* não como algo fantástico ou próprio do delírio, mas num primeiro momento orientada por fatores subjetivos, no âmbito do indivíduo, seguida por fatores objetivos, possibilidades reais de acordo com a tendência social da época. Assim, não é um simples sonho utópico, mas uma imaginação utópica concreta alimentada pelas diferentes formas de vida. Nesse caso específico, pelas condições de vida das famílias e crianças:

Essa imaginação exigente tem um nome: é imaginação utópica, ponto de contato entre a vida e o sonho, sem a qual o sonho é uma droga narcotizante como outra qualquer, e a vida, uma seqüência de banalidades insípidas. É ela que, até hoje pelo menos, sempre esteve presente nas sociedades humanas, apresentando-se como elemento de impulso das invenções, das descobertas, mas também das revoluções. É ela que aponta para a pequena brecha por onde o sucesso pode surgir, é ela que mantém em pé a crença numa outra vida. Explodindo os quadros minimizadores da rotina, dos hábitos circulares, é ela que, militando pelo otimismo, levanta a única hipótese capaz de nos manter vivos: mudar de vida. (1980, p.82).

O autor traz a importância da imaginação utópica que materializa desejos, remexendo as passividades e inconformismos do destino. Em alguns casos, o homem pode querer e possuir o desejo, mas não concretizá-lo por temer o futuro (IDEM). Assim, conclui:

(...) o homem, pela vontade consciente de alguns e pela omissão da maioria – e como demonstra a insânia nuclear, a “pacífica” e a “militar” -, vem demonstrando, se não uma tendência para o suicídio, pelo menos uma resignação diante da possibilidade do aniquilamento total, que o sufocamento da imaginação utópica só faz aumentar. Nesse quadro, fazer agitar a idéia multicolorida da utopia é uma obrigação cotidiana indispensável ao reatamento dos laços com um passado ocasionalmente generoso (porque utópico) de que somos resultado, e necessária como energia, hoje um tanto carente, para a movimentação do projeto que, só ele, pode nos resgatar. (IDEM, p. 84).

Recuperar o conceito de utopia se faz necessário nos dias atuais, em que a resignação e o medo nos calam diante dos acontecimentos cotidianos. Falar dos sonhos, recuperando as potencialidades da imaginação utópica concreta é também falar das lutas por moradias no centro da cidade e que, por vezes, rompem com o cotidiano esperado em que “todo dia ela faz tudo sempre igual”, como na canção de Chico Buarque. Para Coelho Netto a utopia não morreu, sendo necessário apenas o saber, fornecido pela história e a coragem da imaginação utópica.

Mesmo optando por trabalhar com o termo sonhos, ao longo das entrevistas e oficinas com as crianças, procuramos trazer em todos os momentos em que a palavra foi abordada as relações com a dimensão utópica, que impulsiona lutas, conquistas e projetos. Deste modo buscamos compreender em que sentido os sonhos para os entrevistados se constituem como um motor, ou se estes sonhos são freios, trazendo o medo e estagnação às lutas.

3.1. “Tal pai, tal filho”: o sonho da casa

“Meu sonho é morar numa casa de 3 andares!” (Alberto, durante diálogo na brinquedoteca)

“Toda a gente/e tem um sonho... Meu sonho é ter minha casa mesmo. Uma casa própria... Às vezes eu fico a pensar... meus filhos tá crescendo, não vai curtir a casa que eu quero, entendeu... porque eles já crescem e vão embora... aí você fica com o sonho ali... mas este é o meu sonho.” (Marta, Entrevista em 13/02/2017)

Uma das perguntas que mais ansiava em fazer ao longo das entrevistas semiestruturadas era: “Qual o seu sonho?”. Neste momento notava não somente o falar, mas que aquele era acompanhado por suspiros e olhares que vagavam em busca deste sonho que quase sempre estava na ponta da língua para ser pronunciado. Com as crianças os diálogos sobre sonhos foram amplos, caminhando por diferentes circunstâncias e ocasiões, porém por alguns momentos persistia na resposta: a casa. Mas a pergunta que tanto pensava em fazer, importante ao longo da pesquisa, tornou-se quase desnecessária uma vez que podia sentir essa mesma dimensão nos anseios mencionados em diferentes ocasiões, inclusive pelas crianças nas conversas, brincadeiras, andando pela ocupação e em alguns de seus desenhos.

Não é de se estranhar que em um contexto em que todos os entrevistados evidenciam em suas trajetórias as inúmeras dificuldades de moradia na cidade de São Paulo, a casa esteja presente como projeto de vida futura, surgindo marcante nas 10 entrevistas feitas com as 10 famílias participantes. Casa compreendida como local de acolhimento a todos, e em que as

condições de vida deixem de ser tão precárias quanto as vividas nesse momento em que moram na Ocupação. As trajetórias dos imigrantes até a chegada à Ocupação, como já abordado no primeiro capítulo deste trabalho, foram permeadas por inúmeras dificuldades relatadas nas entrevistas semiestruturadas, como: ficarem presos em trabalho-casas, sem a liberdade de poderem sair; a moradia em cortiços e pensões que além de terem um alto custo, cobram um valor a parte por cada criança que a família levar; as dificuldades em alugar imóvel que variam do alto custo até o fato dos imigrantes terem dificuldades em relação à documentação pessoal e em conseguir fiadores; às tragédias ocorridas pela precarização dos casas, como no caso de Marta que perdeu sua filha, pertences pessoais e todos os documentos em um incêndio na casa em que morava; o despejo por falta de pagamento; o alto custo de aquisição de imóvel próprio, principalmente no centro da cidade de São Paulo; a falta de lugares em abrigos e centros de acolhida; e os percalços de quem enfrentou a moradia nas ruas da cidade. Ou seja, por mais que nem todos passaram pelas mesmas situações em relação à habitação na cidade, as dificuldades que envolvem o morar na capital paulista são partilhadas por todos, que agora compartilham a mesma luta da conquista da tão sonhada casa.

Ao abordar em sua pesquisa os migrantes que chegaram à cidade de São Paulo a partir da década de 1950, principalmente vindos da região nordeste e sudeste (Minas Gerais e cidades do interior de São Paulo), Eder Sader (2001) também constatou que o sonho da casa própria era um projeto familiar. Para o autor, em uma metrópole capitalista o trabalhador enxerga seu trabalho como um sacrifício necessário para a obtenção do salário para que possa viver, logo, o tempo passado fora da esfera da produção, como o na moradia, ser valorizado como o tempo de vida.

No caso dos imigrantes bolivianos e seus filhos, notamos percursos um tanto semelhantes aos dos migrantes vindos à terra paulista. A experiência com o trabalho só para ganhar dinheiro é a única opção que possuem para ingressar no país, mesmo não sabendo executar o serviço e sem gostar do que fazem. Assim, a moradora Marta relatou que desde a chegada ao Brasil trabalhou como costureira mesmo sem gostar de costurar: *“Para mim foi muito difícil. Porque você levanta cedo para trabalhar, não tem um horário para parar de trabalhar. Muito ruim.”* (Entrevistada em 13/02/2017). Atualmente a maneira encontrada por ela e seu marido para saírem do ciclo da costura foi a venda de açaí e bebidas na rua 25 de março, que lhes permitem ao menos ter mais flexibilidade em relação ao horário de trabalho.

As moradias precárias foram alternativas encontradas pelas pessoas de baixa renda para residir no centro da cidade, evitando os problemas como falta de transporte público e a

precariedade na estrutura de bairros periféricos, como apontado por Kowarick (2009). Segundo o autor, principalmente da década de 1970 as famílias passam a morar em cortiços, que se caracterizam por terem ambientes insalubres e superlotados. Outra parte da população de baixa renda morava em favelas localizadas em regiões periféricas da cidade, cujas condições são semelhantes ou agravadas pela falta de saneamento básico. Ao longo dos anos, as casas em favelas foram sendo reformuladas e remodeladas, ganhando cômodos e proliferando o modelo de autoconstrução de moradias.

Para Sader (2001) a moradia era bastante valorizada pelos migrantes, pois era nela que poderiam descansar e exercitar a liberdade de fazerem atividades opostas ao trabalho. Como podemos compreender: ter um funcionário descansado é fundamental para manter a engrenagem do capital funcionando, logo as casas têm uma função relacionada à reprodução do capital. Ao relembrar as trajetórias com os bolivianos entrevistados, observamos que em muitos casos o tempo destinado ao descanso e ao ócio sequer era exercitado, por residirem nas próprias oficinas de costura que trabalhavam, com os horários de trabalho rigorosamente controlados pelos patrões, ou por eles mesmos, já que devido ao salário ser contabilizado por peças costuradas, afinal, quanto mais costurassem, mais ganhariam. Nestes intensos períodos de trabalho as crianças ficavam confinadas com seus pais, brincando entre as máquinas de costura, como Marcos, filho de Jonas que saiu do trabalho do pai apenas após os dois anos de idade: “*Aí, eu falei para ele que eu gosto de me divertir, mas aqui não tínhamos como sair...dois anos aí já, não conheço ninguém, só aqui... meu filhinho já estava bem grandinho, já tava.*” (Jonas, entrevista em 08/05/2017). Após esta conversa com o patrão, Jonas conseguiu uma cópia da chave do portão para sair com a esposa e o filho, tal como matricular o filho na creche.

Mas, segundo o rapaz os patrões não gostavam muito das crianças, que eram vistas como as que atrapalhavam o serviço dos pais:

Jonas: (...) *pra você trabalhar na situação de costura de boliviano, eles compra bolacha, eles compra gelatina, eles compra pirulito, qualquer bala, qualquer uma coisa para dar pra eles não ficarem atrapalhando, sabe, a costura. Por que atrapalha e você se atrasa.*

Carolina: Era perigoso para as crianças ficarem neste ambiente?

Jonas: *Enrolar o cabelo na corda da máquina...*

Carolina: Você já presenciou algum acidente?

Jonas: *Já, já, si... eu tinha a filha do meu amigo. Quando a gente veio, ela ficou bem perto dali, da máquina e quando ele pisou, a correia, ele tava girando e sua mão foi mordida pela correia. Só que o dedinho dela não soltou. Só cortou assim, e a pele arrancou...aí eu já vi já. Meu filho, ele tinha o cabelo bem comprido, mas só que ele é uma pessoa bem tranquila...ele não é... se você fala ele entende, se você fala para ele que ele vai ler, ele escuta, aí pega o jornal ou o livro, ele se senta e começa ler. Eu digo pára e ele pára, quer*

brincar? Pode brincar. Ele fala 'pai, posso fazer isso' e eu falo 'pode, vai' 'não, não pode.' E ele 'tá'. (Entrevistado em 08/05/2017).

A trajetória da família de Marcos revelou que a presença das crianças nas oficinas de costura era tida como um problema pelos empregadores que só queriam que ficassem quietos com as guloseimas, não se importando com os perigos de acidente que corriam confinadas nestes locais. Ao longo de alguns anos a família trabalhou e morou em mais algumas oficinas de costura até romperem com este ciclo, indo dormir nas ruas até conhecerem a FLM através de uma manifestação. A família participou de uma nova ocupação na Av. São João até chegarem à Prestes Maia, onde residem até o presente momento, mas com o sonho de terem uma moradia fora da Ocupação, para montar um negócio com as máquinas de costura que possuem e terem um carro.

A entrevistada Lígia com 19 anos, nascida na Bolívia e vinda ao Brasil com sua mãe aos 2 anos de idade e atualmente mãe de duas crianças, respondeu à entrevista, relatando-nos seu olhar em relação as condições de trabalho, que acompanhava junto de sua mãe:

Eu ficava escondida debaixo da mesa, eu tinha medo. Eles eram bravos [se refere aos coreanos]. Na época a gente não tinha brinquedos, eu não tinha brinquedos... na época era tudo mais... como eu posso dizer... era tudo mais trancado. Um trabalho escravo, sabe, para a minha mãe. A minha mãe trabalhava em casa, tinha que fazer as coisas na minha casa... não tinha final de semana para sair e ir no parque... para distrair a mente nada. E eu ficava com a minha mãe trabalhando. (Lígia, entrevista em 10/04/2017)

Podemos notar que preocupação em adquirir a casa após tantas agruras enfrentadas com a moradia na terra paulista esta intrinsecamente ligada à aquisição de um espaço coletivo de unidade doméstica, que culminaria no bem estar da família:

Contraposta às tendências individualizadoras dominantes na vida urbana, a família é sede de uma experiência coletiva. Contraposta ao anonimato das relações de troca e da burocratização dominantes na vida urbana, a família é sede de outros valores e princípios de funcionamento que não lhe são redutíveis. Não se trata aqui de nenhuma idealização romântica da família, quando se sabe o quanto experiências coletivas e relações personalizadas vividas em instituições hierarquizadas podem ser mais opressivas que as vividas no anonimato da individualização. Mas o que nos interessa aqui é, em primeiro lugar, assinalar a especificidade da dinâmica familiar sob o capitalismo; em segundo lugar, assinalar que os trabalhadores se apoiam nessa instituição para firmar suas identidades. (SADER, 2001, p. 101)

A preocupação com o bem estar da família está presente nas narrativas dos bolivianos, que apontam para a reprodução de um lar idealizado como correto na moradia ocupada. É neste

lar que as regras de convivência coletiva no domínio do privado passam a ser ditadas, principalmente direcionadas às crianças. Como vimos no capítulo 2 existem algumas proibições em relação ao brincar das crianças bolivianas de 2ª geração, devendo este ser preferencialmente em casa ou na casa de algum amigo conhecido pela família, tendo proibições de ficarem nos corredores e em outros espaços sozinhos, como pudemos notar no desconhecimento em relação à brinquedoteca. Além de temerem as regras de convivência da Ocupação regulada por multas, as famílias manifestam certo receio de seus filhos se aproximarem dos perigos que envolvem a convivência nem sempre harmoniosa com os outros vizinhos do edifício, preferindo por vezes o confinamento aos perigos externos ao domínio do privado. Em relação às crianças brasileiras, Violeta, Sônia e Glória relatam:

“Eles [referência aos brasileiros] falam alto, as crianças não tem limites. Elas nascem e a mãe deixa fazerem tudo. Nós não deixamos, desde pequenos ensinamos.” (Violeta, diálogo na brinquedoteca em 19/01/2017)

“São diferentes...Que a gente tem uma maneira de como os nossos pais educavam a respeitar os outros. Eu educo assim desta maneira, como a minha mãe educou eu. A respeitar a família, a respeitar os mais velhos. Aí, dependendo da idade eu falo para eles sempre “se o menino é mais maior, você tem que respeitar por que é mais maior, não pode...o mais pequeno também tem que respeitar”, eu falo assim. As crianças brasileiras respondem, já falam palavrão. Meus filhos nunca falam isso.” (Sônia, entrevista em 20/02/2017)

“Muito liberal, muito liberal... las crianças pequenas, crianças de 10 anos batendo em la porta, já pensam em namoro... em Bolívia no. Em Bolívia é mais firme, tem mais estudo, mais preparação a la... Alunos bolivianos são mais tímidos. A educação lá es diferente, pois tem que respeitar o adulto, ao pai e ao maestro. És bem isso a educação, você tem que respeitar pai, e o adulto, que és maior e mais velho. Respeitar e ser mais educado. Aqui no, você fala com um menino e fica brigando com você, falando palavrão...isso eu não acho... desculpa.” (Glória, entrevista em 13/02/2017)

A diferenciação do espaço da casa, ou seja, do domínio das famílias, ao espaço externo à moradia, carregado dos medos que envolvem o desconhecido esta presente nas falas das famílias entrevistadas, que se confinam em seus núcleos familiares ou se aproximam apenas dos vizinhos de mesma nacionalidade, formando grupos de convivência com os conterrâneos. A pesquisadora Helene (2008) ao estudar as ocupações urbanas, dentre elas a Prestes Maia antes da recente Ocupação que pesquisamos, também notou a grande presença de imigrantes bolivianos em um andar específico, em que chamará de território definido e delimitado por uma

rede de relações em que os frequentadores não necessariamente se conhecem, mas se reconhecem como portadores dos mesmos símbolos (Idem).

Todas estas características do espaço da rua se opõem, segundo Roberto Damatta, ao universo da casa: enquanto a rua designa o espaço da política, da heterogeneidade, dos estranhos, locus dos perigos e contradições; a casa é o local dos laços de sangue, do domínio privado, das regras particulares e onde a contradição não é permitida. Em cada uma dessas “esferas de significação social” se assumem distintos padrões de comportamentos, gestos, assuntos e papéis sociais (1985: p. 41-45). DaMatta usa a oposição entre a rua e a casa para designar os traços característicos da sociedade brasileira, onde, segundo ele, a vida social “transcorre num ritmo feito de tensões e compensações”, de maneira que aquilo que o cidadão não tem no universo público, ou no mundo da rua, se compensa no ambiente doméstico, e vice-versa, aumentando ainda mais a oposição casa-rua (1985, p. 76-77, apud, HELENE, 2008, p. 3)

A demonstração do medo da rua pelos familiares é evidenciado em relação ao país de destino, o Brasil em oposição a uma vida diferente no país de origem:

Não tem esta coisa como tem com adolescente aqui, muito liberal. Lá, as crianças de diverte muito, brincadeira de bola... criança gosta muito de bola lá. Joga muita bola, vôlei... o tipo de atividade que a criança ocupa a mente. Aqui não, eles ficam presos. Se vai numa pracinha com seu filho tem um monte de rapaizinhos fumando, se drogando. A gente tem vontade de ir embora, só que assim, se a gente vai embora, a gente tem que ir com dinheiro, pra fazer alguma coisa lá. Porque não adianta ir embora e passar fome lá. Então, não adianta você querer, só querer... (Marta, Entrevistada em 13/02/2017)

O medo da violência como regulador da vida das pessoas é expressão da lógica dos condomínios, como nos aponta Dunker (2017). O enclausuramento que ergue muros ao longo da cidade e nos seus arredores, como Alphaville na grande São Paulo, é visto pelo autor com objetivo militar de impedir a entrada, ocultar a presença de recursos estratégicos e facilitar a observação do inimigo.

O temor acaba por dominar também as famílias bolivianas, que temem as drogas e a educação brasileira por não ser tão rígida quanto à boliviana, fatos que alimentam os discursos sobre uma educação centralizada nos valores que compõem a identidade destas famílias. Ao optar em realizar as entrevistas principalmente no período da tarde, devido ao meu trabalho como educadora, notei que a maioria dos entrevistados que estavam na casa durante este período eram mulheres⁷¹. E ao questioná-las, explicaram que optaram juntas de seus

⁷¹ Com exceção de Jonas, que num primeiro momento de diálogo estava desempregado e por isso, acompanhou o filho na brinquedoteca e num segundo momento já estava trabalhando, porém havia saído mais cedo para ir em

companheiros a não trabalhar para se dedicarem aos cuidados com as crianças, até que elas crescessem. No caso de Sônia e Daniela além de cuidarem dos filhos, também dedicam cuidados aos netos que possuem idade semelhante aos seus filhos mais novos. O sonho da casa própria vem envolvido com o medo/pesadelo promovido pelas condições de vida fortemente violentas e agressivas contra o ser humano que aqui vivem. Interessante, pois o medo e a violência tornam-se elementos reguladores do sonho de cada um.

Enquanto alguns sonham com a conquista da casa no Brasil, outros desejam que esta casa seja na Bolívia, como quando Marta se refere ao sonho do imóvel no país de origem, porém notamos que não retornaria sem ter conquistas materiais, sem dinheiro. A imagem que desejam passar aos parentes e amigos que se encontram na Bolívia é de que saíram do país para vencer, sendo vergonhoso retornar sem dinheiro e recursos à terra natal, como identificado na população migrante paulista: “Embora o retorno seja o grande sonho, muitos acham vergonhoso ‘voltar sem ter vencido na vida’.” (SADER, 2001, p. 91).

O sonho da casa não é o sonho de qualquer casa, mas da casa idealizada como aquela que condiz com os padrões dominantes. Preferencialmente deve ser própria, mas se for de aluguel não há problemas. Deve seguir padrões que se opõe a moradia ocupada, como os banheiros e pias coletivas, tal como o fato de possuírem apenas 1 cômodo a ser dividido por toda a família. Demonstram o desejo da privacidade:

Sônia: *Queria o melhor para eles... eu não me sinto assim, realizada com eles, por que para você morar num lugar desse aqui, acho que nem vou valer...*

Carolina: Mas o que te deixa mais chateada de morar aqui?

Sônia: *Acho que é assim, a gente não tem liberdade. Tipo assim, ficar com o marido [pequena pausa e suspiro]. As crianças também não tem um lugar só para eles.*

Carolina: Vocês compartilham o cômodo, como é?

Sônia: *Tem que compartilhar assim, todos os lugares. É um cômodo. Tem o beliche e tem uma que dorme comigo ainda, então, não tem lugar. Tem minhas coisas que ocupam espaço, tem as minhas máquinas. (Sônia, entrevistada em 20/02/2017)*

A importância atribuída à casa, para Sônia, não é satisfeita com a moradia no edifício ocupado, pois a divisão de um cômodo para a família que é extensa impede que algumas atividades cotidianas sejam desempenhadas de acordo com os seus desejos. O desabafo tímido da mulher, podemos supor que esconde o desejo do sexo, que é reprimido para não ser manifestado na frente dos filhos. Além disso, ela questiona o fato de não ter mais espaço para

uma consulta médica. O outro homem entrevistado, Carlos, no dia da entrevista coincidentemente havia saído mais cedo do trabalho.

guardar seus pertences, que ficam entre as máquinas de costura, objetos das crianças, do marido e junto aos alimentos.

Semelhante problemática foi abordada por Friedrich Engels (2008) ao analisar a classe trabalhadora inglesa em meados dos anos 1840, passando pelas condições precárias vividas. Em algumas cidades visitadas por Engels como Bristol das 2.800 famílias operárias que visitou 46,8% delas vivia em apenas um único cômodo:

As habitações dos pobres são em geral muito sujas e aparentemente nunca são limpas; a maior parte das casas compõe-se de um só cômodo que, embora mal ventilado, está quase sempre muito frio, por causa da janela ou da porta quebrada; quando fica no subsolo, o cômodo é úmido; frequentemente, a casa é mal mobiliada e privada do mínimo que a torne habitável: em geral, um monte de palha serve de cama a uma família inteira; ali deitando-se, numa promiscuidade revoltante, homens, mulheres, velhos e crianças. Só há água nas fontes públicas e a dificuldade para busca-la favorece naturalmente a imundice. (The Artizan, 1843, apud, ENGELS, 2008, p. 79).

A condição do edifício ocupado, assim como as observações citadas por Engels, demonstra a precariedade do imóvel que possui instalações elétricas irregulares, paredes e janelas quebradas, em alguns casos sendo vedadas apenas com um pedaço de madeirite, a presença de mofo/umidade e uma grande variedade de insetos. Mesmo os moradores tendo retirado uma quantidade significativa de lixo e entulho ao ocuparem o prédio e mantendo organizações periódicas de limpeza, os tantos anos de abandono comprometem parte da estrutura que é bastante precária.

Para Carlos A.C. Lemos (2017) o espaço da casa cresce de acordo com a gradação das classes sociais e quanto menor o cômodo, mais este superpõe as práticas de domesticidade “De modo geral, podemos afirmar que todas as residências proletárias a tendência sempre foi a aceitação da sobreposição das atuações de serviço e de estar, de lazer.” (p. 243). Esta sobreposição de serviços, devido ao tamanho reduzido da planta da casa é gerador de incômodo por parte das famílias entrevistadas, conforme identificado nas pesquisas do mesmo autor:

(...) verificamos significativa aversão do proletariado às habitações coletivas; por variados motivos. Em princípio não gostam da existência de áreas comuns de uso coletivo porque de antemão já sabem que serão malcuidadas. Lamentam a falta de quintais exclusivos para cuidar das criações de animais domésticos e para usar no trato de roupas lavadas nos varais ao sol e nos couradouros cimentados. De mais a mais, ficam impossibilitados de aumentar sua área construída, providência usual quando moram no seu pedaço de chão. Aliás, tem certo interesse esse fato de aceitabilidade ou não de habitações coletivas pelas variadas camadas sociais.” (LEMOS, 2017, p. 244)

Segundo Bonduki (1994) a intervenção estatal na questão da habitação social inicia no período de Vargas (1930-1954), sendo a partir do ano de 1937 que o Estado de São Paulo inicia em grande escala a produção de conjuntos habitacionais das carteiras prediais dos Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAPs), seguida pela instituição da Fundação da Casa Popular em 1946. Para o autor, a partir deste governo é que a questão da habitação passa a ser tratada como interesse do Estado.

Outros programas habitacionais são propiciados posteriormente, como o Banco Nacional de Habitação - BNH (1964) e as Companhias Metropolitanas de Habitação (Cohabs), que segundo Neuhold (2009) foram políticas que não abarcaram a área central da cidade de São Paulo, sendo projetos de habitação construídos longe destas áreas e que vão propiciar o surgimento de movimentos de moradia de sem-tetos, como o Programa de Atuação em Cortiços (PAC) e a Unificação das Lutas de Cortiços (ULC).

O símbolo da aquisição da casa por Sônia e por tantos outros moradores e crianças que conversamos não é a casa de 1 cômodo e em condições precárias, mas uma casa idealizada com espaço amplo, para se possível montar um negócio próprio e para que as crianças tenham espaço para brincar no ambiente doméstico, aos cuidadosos olhares da família. Como o menino Alberto nos contou, ele sonha em ir para uma casa de 3 andares com muito espaço para que possa realizar as suas brincadeiras. Segundo o menino “Não gosto daqui. Tem muita gente. Antes eu morava numa casa de 2 andares e era melhor”, diz.

O desejo de querer uma casa com espaço para brincar expressa uma insatisfação das crianças com a falta de espaços na Ocupação em que possam brincar livremente, principalmente de jogar bola e andar de bicicleta, proibições devido às regras de convivência. Além disso, os medos dos familiares de que as crianças possam se envolver em atritos com a vizinhança, ou de levar uma multa faz com que as brincadeiras ocorram no âmbito do espaço privado, no qual estão sob a vigilância dos adultos. Tal insatisfação com as regras dos adultos que incidem sobre o espaço, expressa alguns outros desejos que revelam a ruptura com o cotidiano: “*Gostaria que aqui tivesse um Mc Donald’s.*” (Luiz) e “*Que aqui tivesse um parquinho... uma piscina.*” (Pedro).

O espaço que as crianças desejam composto por parquinho e piscina revela que gostariam de interferir no espaço habitado, interferência essa que poderia torná-lo mais agradável, mas que não podemos deixar de observar que se trata de seguir alguns padrões de habitação tão vendidos pelas grandes construtoras compondo o mercado imobiliário e ao

imaginário de futuros desejosos compradores/as. A compra da casa não implica apenas um maior conforto, mas também, certamente uma mudança no status, passando a compor junto a outros grupos e receber o tratamento correspondente ao grupo. Tanto a piscina, quanto o parquinho presentes nos novos moldes de condomínios clubes, que proliferam na cidade, inclusive na região do centro e centro expandido da capital paulista. Com propagandas na televisão e panfletos espalhados por toda a cidade, é possível que as crianças também estejam consumindo e incorporando nos seus desejos um novo jeito de morar. A inclusão da rede de lanchonetes Mc Donald's na Ocupação também nos revela um desejo em relação ao consumo das guloseimas, brindes e um modo de ser criança, idealizado pelas próprias crianças: frequentar o restaurante e morar num condomínio com piscina e parque.

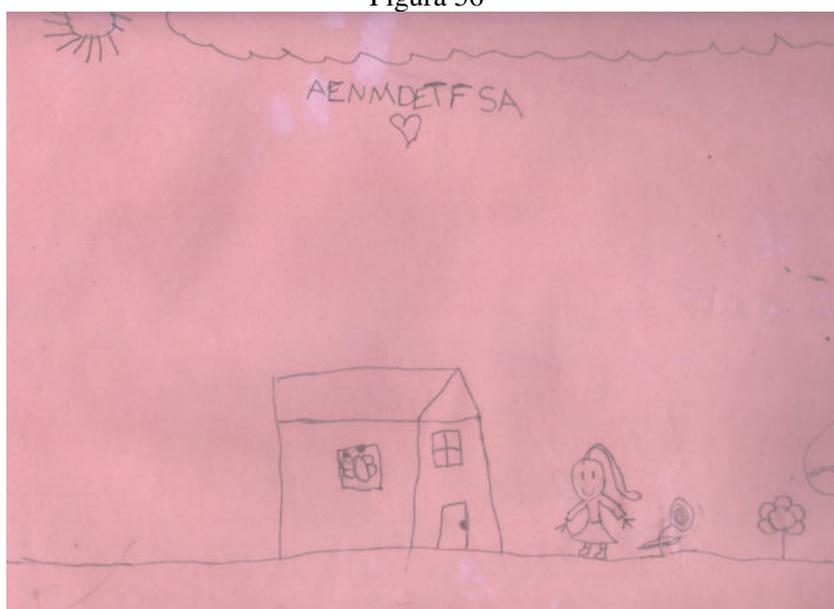
A seguir traremos a sequência de desenhos e uma dobradura, feitos pelas crianças imigrantes bolivianas que também revelam por meio de seus desenhos⁷² acompanhados de suas falas, o sonho de ter uma casa, assim como o experimentar desenhar qual é a casa dos seus sonhos. Como é o traçado desta casa, o que ela tem?

Julia: *Tia, queria fazer um desenho pra você! Com um jardim, árvore, casa, nuvem, sol e uma menina.*

Carolina: Quem é esta menina?

Julia: *A Ariane! [se refere a uma amiga da escola]*

Figura 56



Fonte: Desenho feito por Julia. A casa.

⁷² Alguns desenhos foram alterados para remoção dos nomes das crianças, buscando preservar suas identidades.

Figura 57



Fonte: Desenho feito por Julia. Castelo

Figura 58



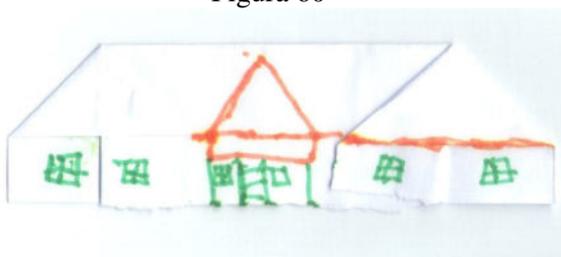
Fonte: Desenho feito por Camila. Casa

Figura 59



Fonte: Desenho feito por Denise. Castelo.

Figura 60



Fonte: Dobradura da Casa feita por Luiz (2017)

Com grandes castelos, ou apenas com casas, as crianças dão destaque aos espaços externos, floridos, ensolarados e sem outros imóveis ao redor, num cenário permeado pela natureza. Deste modo, nos sugerem o desejo de uma casa, que vem acompanhada por crianças felizes e realizadas. O sonho de um espaço maior esteve presente na fala da filha de bolivianos e agora também mãe de duas crianças, Lígia:

Para os meus filhos... eu queria tudo diferente do que eu tive para eles. Tudo o que eu não tive eu gostaria de dar para eles. Tipo uma moradia, espaço, coisa que é necessário para eles. Toda criança gosta de um espaço para se divertir, sem ninguém ficar falando nada pra você. (Lígia, Entrevistada em 10/04/2017)

A partir desta fala, Lígia retrata o seu modelo ideal de moradia com espaço para que as crianças possam se divertir “sem ninguém ficar falando”, após uma sequência de desentendimentos com vizinhos do andar. Tamanha insatisfação, também é um gatilho para o sonho da casa.

Assim, é evidente que um local de moradia diferente da Ocupação apareça na resposta à pergunta “Qual é o seu sonho?”:

“No, daqui dentro. Eu quero um lugar que nem sempre teve, com um quarto para eles, uma casa boa aqui perto.” (Sônia, entrevista em 20/02/2017)

“Ah, sim...tenho (suspiro). Tenho muitos! (risos). Acho que todos, né. Nós sempre falamos de ter uma casa aqui. No uma casa grande...acho que um terreno. Yo ficaria feliz, assim, com lugares como este, para construir.” (Violeta, entrevista em 20/02/2017)

“Sonho em ter uma casa aqui no Brasil. Para as crianças ficarem mais soltas e ter mais liberdade.” (Lourdes, entrevista em 13/02/2017)

“Um sonho? Ter uma moradia para meus filhos, digno, morar digno na casa própria para mim. Talvez alguma vez voltar a Bolívia quem sabe. Por que meus filhos são brasileiros também, ficam a lá cá.” (Glória, entrevista em 13/02/2017)

“Eu quero tener só o meu cantinho, minha casa. Tener a minha casa, onde eu possa chegar descansado do trabalho. E viver minha vida, né? Mas eu pretendo fazer a minha vida aqui no Brasil... Bolívia não! E tener também uma lojinha pequena, tipo assim... com biscoitos, bolacha...tipo uma doceria.” (Jorge, entrevistado em 29/05/2017)

“Todo mundo tem um sonho de ter sua própria casa. Eu já tenho um sonho de ter a minha casa, para os meus filhos.” (Adriana, entrevista em 29/05/2017)

“Tirar a minha mãe daqui. Ir para uma moradia mais digna. Não gostaria que a minha mãe sofresse. Ela já sofreu muito... não gostaria disso pra ela. Ela tá doente. Meu único sonho mesmo é ver a minha família inteira feliz.” (Lígia, entrevista em 10/04/2017)

Ao mesmo tempo em que o grande sonho revelado é saída da Ocupação para uma moradia em que a situação da família seja mais confortável, muitas falas demonstram a gratidão em relação às lideranças que foram as únicas a auxiliarem nos momentos de dificuldade, oriundos de despejos, após perderem tudo num incêndio, com a saída de moradias em que eram mantidos trancafiados ou até mesmo na dificuldade em pagar as despesas com aluguel de casas ou cortiços. Quando a vontade de romper com o sofrimento é maior do que o medo é que há o enfrentamento e ingresso nos movimentos de luta urbana:

O dono de lá do Guarulhos, ele falava assim ‘se você sair daqui, onde você vai dormi, onde você vai comer? Você vai ter que pagar aluguel, você vai ter que pagar uma coisa, vai ter que pagar a outra’... e isso entrou na minha cabeça, mas chegou um momento que quando eu sai de lá, daquele homem que eu processei, que não me pagou nada e eu sai com 20 reais. (Jonas, Entrevista em 08/05/2017)

O rompimento com o trabalho exaustivo seu e de sua esposa foi o estopim para que Jonas iniciasse uma nova fase, em que sem dinheiro para comer, dependia da ajuda do coletivo da Ocupação, que contava com a alimentação na cozinha comunitária e com o auxílio de pessoas que o indicaram para um novo emprego. Jonas conta que a partir do ingresso na

Ocupação, onde passou a pagar apenas a taxa, conseguiu ter mais dinheiro para realizar outros desejos, como o de estudar até se tornar eletricista. Atualmente auxilia na Ocupação prestando serviço como eletricista, mas ainda não conseguiu o desejado emprego na área. Sua esposa faz administração no SENAI, mas possui o sonho de fazer o curso de técnico em enfermagem. Segundo o rapaz a possibilidade de estudar foi apenas após a pertencer à MMLJ, por isso, fala que mesmo conquistando a sua casa vai permanecer auxiliando as outras famílias do movimento.

Deste modo, as famílias estão sonhando com a casa como alternativa as dificuldades enfrentadas no país de destino, cujo destino não foi conforme o planejado. A casa reflete o símbolo de segurança e uma melhor condição de vida não somente aos adultos, que vendo o sonho da casa cada vez mais longe passam a depositar as esperanças de um futuro melhor aos filhos, cobrando o empenho nos estudos.

3.2. Conversando sobre sonhos

Os sonhos para as crianças imigrantes bolivianas de 2ª geração são um misto de imaginação, brincadeira, desejo e criação. Por meio das conversas com elas sobre os seus sonhos, na perspectiva de vida futura, elas demonstram que estes desejos possuem conexão com a vida cotidiana e em alguns momentos apresentam também críticas e rupturas com estes modos de viver.

Em uma perspectiva sociológica buscamos compreender quais são os sonhos acordados, na perspectiva de desejos que as crianças possuem e não os sonhos dormindo, inspirada nos estudos de Bloch (2005), Coelho (1980), Lefebvre (2015), Martins (1996)⁷³ e Sochaczowski (2012). Através dos artefatos desenhados pelas crianças e de suas falas, trazemos estes sonhos e a partir deles propomos algumas reflexões sobre qual relação possuem com a vida cotidiana e com o imaginário das crianças. De que modo, são resignados ou revelam que as crianças estão

⁷³ Como já nos debruçamos anteriormente referente aos sonhos, utilizamos a categoria de sonhos acordados e não de sonhos tidos no momento da vigília, assim como trazidos nos estudos de Bastide (2006) e Martins (1996). Porém, nos aproximamos das discussões dos autores, que desencadearam análises de cunho sociológico principalmente que relacionam os sonhos a cotidianidade na vida dos sonhadores. Bastide (2006) procura compreender como o mito da negritude está presente nos sonhos de pessoas negras em uma sociedade organizada, controlada e dirigida por brancos. Enquanto Martins (1996) a partir da proposta aos estudantes de sua disciplina que trouxessem sonhos de pessoas comuns, elaborou reflexões que se afastavam dos estudos psicanalíticos, como de Freud, balizando suas análises em pressupostos sociológicos.

nos propondo rupturas criativas do cotidiano, como nos sugere em seus estudos Lefebvre (2015).

Iniciamos as reflexões com o desenho de Marcos, que foi feito em sua própria moradia após entrevista realizada com seu pai Jonas. A partir da simples pergunta “Qual é o seu sonho?”, Marcos respondeu de imediato, “*Ser policial.*”, expressando seu desejo por meio do desenho a seguir:

Figura 61



Fonte: Desenho feito por Marcos. Sonho em ser policial ou bombeiro

A resposta de Marcos, tal como seu desenho me incomodaram e me surpreenderam enquanto pesquisadora, já que minutos atrás o pai da criança expôs que antes de morar na Ocupação Prestes Maia fora preso durante a truculenta desocupação do antigo Hotel Aquarius, conhecido por “Espigão” que estava localizado na Av. São João, região central da capital paulista no ano de 2014:

Chegou na hora e a gente não queria sair de lá, né. Mas a gente se preparou, com cocô, coisas que, bom, pra nós era mais ou menos enfrentar as polícias. Seis horas da manhã, cê sabe que a São João tava cheia de polícia, né. E o despejo já era para ser 7 horas, já, mas a gente resistimos até as... acho que saímos 3 horas da tarde. Não me lembro muito bem, 2 ou 3 horas da tarde eles conseguiram entrar. Arrombaram a porta com o carro blindado, né, aí eles começaram a entrar e a gente foi preso. Todo mundo pegaram o ônibus,

entraram no ônibus da polícia e fomos presos. Eu me lembro muito bem aqui na avenida rio branco tem uma delegacia, né de polícia. A gente tava rodeado de polícia, armado... nossa, meu! Não é fácil a gente lá. Só que... eles foram...tipo assim, eles também reagiram como policiais, né. Mas não com agressão, né. Não pegaram a gente e começaram a bater, eles não foram assim. Eles pegaram a gente e eles só falavam, pra descer, pra descer, pra descer. Em nenhum momento eles bateram lá em cima, ou fizeram alguma coisa, não. (Jonas, entrevista em 08/05/2017)

O garoto demonstrou conhecimento do que havia ocorrido com seu pai e de se lembrar do dia da reintegração de posse. Ao questionar se havia ficado com medo dos policiais, ele respondeu *“Não fiquei com medo. Estava com a minha mãe e fomos para outro prédio.”* [o garoto se refere ao prédio dos Correios, localizado na rua Libero Badaró, na região central de São Paulo]. Após Marcos “terminar” o desenho do policial e me entregar, a criança pede a folha novamente e diz *“Será que cabe um outro desenho aqui?”* e notando que não havia terminado, devolvi a folha para a criança que continuou o desenho e completou *“Na verdade, não sei se quero ser policial ou bombeiro.”*, e ao lado do policial surge o desenho de um bombeiro, seu outro sonho possível.

O sonho de Marcos estava relacionado ao sonho de uma possível profissão, também presente nas falas que povoam o imaginário de Julia e seu irmão Lucas:

Julia: *Aí, meu sonho é ser cozinheira.*

Carolina: Igual estas pessoas que cozinham na televisão?

Julia [demonstrando certa estranheza a minha fala]: *Não. Igual as tias da escola!*

Carolina: As merendeiras que trabalham cozinhando na escola?

Julia: *É sim!*

Carolina: E você, Lucas, qual é o seu sonho?

Lucas: *Ser jogador de futebol, tipo o Neymar e o Messi.*

Nos desenvolvimentos dos diálogos e por meio do desenho de Marcos, notamos que os sonhos não estão descolados da vida cotidiana e da imitação das possibilidades que vislumbram no universo adulto. A admiração causada no olhar dos pequenos ao policial, bombeiro, cozinheira e jogador de futebol nos demonstram o quanto esta possibilidade de sonhar o que “eu vou ser quando crescer” está ligada a estes personagens do mundo adulto que causam tanta admiração por parte delas, assim como revelam que estão inseridas numa estrutura social e num universo simbólico que é apreendido e reproduzido por meio de suas linguagens e modos de vida:

A participação das crianças nas rotinas culturais é um elemento essencial da reprodução interpretativa. O caráter habitual, considerado como óbvio e comum, das rotinas fornece às crianças e a todos os atores sociais a segurança e a compreensão de pertencerem a um grupo social. Por outro lado, essa

previsibilidade muito fortalece as rotinas, fornecendo um quadro no qual uma ampla variedade de conhecimentos socioculturais pode ser produzida, exibida e interpretada. Dessa forma, rotinas culturais servem como âncoras que permitem que os atores sociais lidem com a problemática, o inesperado e as ambiguidades, mantendo-se confortavelmente no confinamento amigável da vida cotidiana. (CORSARO, 1992, apud, CORSARO, 2011, P. 32)

O habitual da vida cotidiana é reproduzido pelas crianças que dão apontamentos de suas rotinas por meio de seus sonhos, como: frequentar à escola, assistir os jogos do Messi e Neymar e ter o contato com policiais, que diariamente estão com a cavalaria montada na Rua, Brigadeiro Tobias (fundo do prédio da Prestes Maia) ou participando da reintegração de posse do prédio onde morava. Cotidiano este, revelado por meio destes sonhos que materializam artefatos, como os seus desenhos, falas e brincadeiras ao reproduzirem o modo de vida adulto, como o cozinhar, jogar futebol e brincar de ser policial. Neste sentido, podemos afirmar que neste processo de construção as crianças estão reproduzindo e interpretando o mundo ao seu redor: “(...) as crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações.” (CORSARO, 2011, p. 31).

Ou seja, os sonhos revelados para além de apontar uma reprodução do cotidiano, apontam um desejo que povoa o imaginário e dá asas as suas brincadeiras de imitar o universo adulto, mas com uma pitadinha diferente, em que ousam acrescentar também os seus modos de ver e sentir o mundo ao redor.

Achar um cartão de crédito em um amontoado de objetos aparentemente sem valor algum, que estavam sendo organizados por um catador de materiais e morador da Ocupação, foi ressignificado pelo olhar das crianças que inseriram o objeto em suas brincadeiras como um novo brinquedo, que deu asas as suas brincadeiras e a uma importante roda de conversa sobre sonhos. A partir da presença do cartão de crédito, as crianças brincavam e revelavam sonhos ligados ao consumo, como viajar para Disney, comprar uma casa e ganhar na Telesena para comprar pizza para todos os moradores da Ocupação.

Novamente os sonhos demonstram que as crianças estão inseridas em uma estrutura social e sendo afetadas pelas sociedades e culturas que integram (CORSARO, 2011). Ganhar na Telesena demonstra traços de uma infância que assiste televisão e especificamente o SBT, canal que veicula os sorteios e faz propagandas dos jogos, que além do dinheiro, sorteia casas e carros. A emissora possui tantas denúncias relacionadas ao abuso de propagandas destinadas

ao público infantil que foi alvo de processos e punições, segundo Karen de Cássia Silva (2016). Em sua pesquisa a autora identificou que a novela exibida pela emissora “Carrossel” tornou-se campeã de vendas chegando a duzentos itens licenciados e um CD de trilha sonora que vendeu 120 mil cópias (SILVA, 2016). As propagandas estavam embutidas ao longo da trama, em diálogos dos personagens que pretendiam enaltecer marcas e produtos. Transcendendo a tela da televisão o abuso da emissora em relação a publicidade dirigida à infância atinge os canais de internet, como *Youtube* e o Portal do SBT.

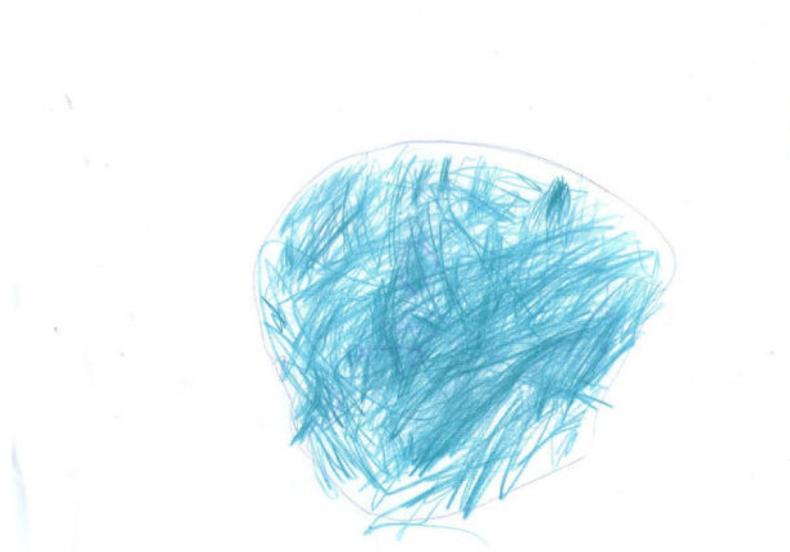
Ao ver a propaganda do jogo nos intervalos comerciais da emissora, a criança vislumbra em seu imaginário não somente um jogo, mas os sonhos que este vende. Sonhos veiculados por uma indústria cultural que incute nos pequenos desde cedo a importância de possuir recursos para ser respeitado.

Como já abordado no item anterior o sonho da casa é compartilhado por todas as crianças que estão vivenciando com seus familiares as agruras dos problemas de moradia e passam a reproduzir este sonho do coletivo de onde moram. As crianças mesmo tão pequenas, como a Julia com 6 anos, que foi umas das crianças que insistentemente queria desenhar a sua casa, aponta por meio de sua fala que a conquista da casa também é para resolver uma problemática de ordem pessoal, que seria o afastamento do pai alcohólatra.

A interferência no espaço ocupado, como no sonho de ter uma lanchonete da rede McDonald’s na Ocupação e uma piscina expressa um desejo e uma vontade em modificar o espaço habitado, de modo à ressignificá-lo de acordo com o que valorizam e atribuem sentido, mesmo este estando relacionado a um tipo de consumo de padrão alimentício e de moradia. O pensamento da criança ao trazer a rede de lanchonetes não vê problema algum com o feito, já que há a presença de diversas redes comerciais no edifício, como pequenos mercados e pessoas que oferecem seus serviços, vendendo pizzas, lanches, sorvetes, entre outros. Deste modo, acredita ser um sonho possível e realizável em seu imaginário.

O menino Lucas começou seu desenho com uma forma circular tímida, que aos poucos foi ganhando contorno e preenchimento. Ao notar que eu o observava ele respondeu de pronto: “*Você não perguntou o meu sonho? Eu queria uma piscina aqui no pátio. Desse jeito!*”.

Figura 62



Fonte: Desenho feito por Lucas. Sonho da piscina na Ocupação

Ter uma piscina na Ocupação, como sonhado e desenhado por Lucas se mostrava como uma nova possibilidade de brincadeira e também denunciava a falta de espaços de lazer questionado pelas crianças, devido às proibições. A indignação por não poder utilizar estes espaços da maneira que desejavam, deu asas à imaginação de Lucas que resolveu criar uma nova possibilidade de lazer, que faria sentido não só para ele, mas para as demais crianças que moravam no coletivo. O sonho de Lucas revelava que a partir do seu desejo de brincar ele transgredia as regras de uso coletivo do pátio e mesmo que timidamente expunha por meio do seu tracejado a criação e ressignificação do espaço habitado.

Neste sentido, Lucas, de apenas 4 anos, se comportou como um pequeno urbanista que pensou para além do domínio do privado, sua casa, e viu no espaço do pátio, de uso público e coletivo uma nova possibilidade de lazer para todas as crianças. A criança, como num exercício de direito à “Ocupação” pensou em ressignificar o espaço coletivo e de fato enxergar um valor de uso e se sentir habitando aquele espaço, nos sentidos que atribui Lefebvre (2015) em o direito à cidade e à vida urbana: ““o urbano”, lugar de encontro, prioridade do valor de uso, inscrição no espaço de um tempo promovido à posição do supremo bem entre os bens, encontre sua base morfológica, sua realização prático-sensível.” (p.118). Para Lucas e as outras crianças o principal sentido atribuído ao habitar a moradia esta relacionado com o brincar em suas múltiplas linguagens, sendo o brincar um sonho revelado e reivindicado dentre os outros.

Além de expressar os desejos de brincar da criança, o sonho da piscina também é revelador de um tipo de moradia idealizada de condomínios fechados que são praticamente

clubes, amplamente divulgado em comerciais de televisões e em panfletos distribuídos nas ruas. São condomínios que funcionam como enclaves fortificados e que possuem uma grande infraestrutura em seu interior, impedindo que as pessoas saiam e encontrem com os outros. A ideia defendida na construção de cada vez mais enclaves fortificados na cidade é justamente evitar estes possíveis encontros com a heterogeneidade, difundindo um espaço homogêneo e de segregação espacial (CALDEIRA, 2011). O entorno da Ocupação Prestes Maia, possui alguns condomínios de alto e médio padrão que trazem esta ampla estrutura de lazer. No caso da criança, ela apenas absorve este modelo que está sendo transmitido a todo o momento, mas trazendo a sua interpretação de que o seu sonho não é residir neste tipo de condomínio e sim, ter uma piscina.

Ao nos referirmos ao sonhar, não poderíamos deixar de mencionar os sonhos das miniaturas da festa de *Alasitas*, que é parte da cultura dos bolivianos, cultivado e passado à 2ª geração de imigrantes moradoras da Ocupação, que está brincando e participando da comemoração com sua família:

Figura 63



Fonte: Fotografia tirada por Carolina Abrão Gonçalves. Dinheiro de *Alasitas*

Os dinheiros trazidos na imagem acima são cópias reproduzidas em papel e dados à mim por Daniela, mãe que fora entrevistada ao longo da pesquisa e mostrou-me uma sacola com outras notas. A moça, enquanto dava as notas para as crianças verem e brincarem, me

contava que algumas foram adquiridas antes de viajar ao Brasil, enquanto outras compradas na festa de *Alasitas* já no país, realizada no Memorial da América Latina. A festa de caráter religioso, católico, é uma oferenda ao Deus Ekeko e realizada todo o ano na Bolívia e também no Brasil, no qual os participantes compram as miniaturas que materializem desejos que possuem, como: casas, carros, dinheiro, utensílios domésticos, passaportes, diplomas, entre outros. Diferente das outras crianças da Ocupação que acreditam nas oferendas ao Deus Ekeko, os filhos de Daniela possuem contato com a cultura apenas por parte do pai, já que a moça me confidenciou que estava frequentando uma igreja de Testemunhas de Jeová e não poderia mais manter a cultura, por isso que aos pouco e escondida do marido, se desfazia dos símbolos que a ligavam a festa e deixava apenas com que as crianças utilizassem como brinquedos e não como representantes das oferendas.

Para além do sonho da casa própria ou alugada, que se apresentou como o sonho principal dos familiares das crianças, alguns trouxeram outros sonhos, como o de Lourdes “*Meu sonho é arrumar meus dentes*”. [evitando mostrar os dentes, a moça relata ter apanhado do pai e irmão na Bolívia por conta de um namorado. Para afastá-la do rapaz ela veio ao Brasil morar com uma tia, mas ainda não conseguiu arrumar os dentes que perdeu.]. Assim como Lourdes, a boliviana Sônia timidamente revelou um sonho de ordem pessoal:

Sônia: *Tenho...que queria ser escritora, gosto muito de escrever.*

Carolina: E o que a senhora escreve?

Sônia: *Poemas, assim... pensamentos. Escrever, é o que queria ser.*

Carolina: Você tem algo escrito que possa mostrar, ou é pessoal?

Sônia: [risos] *É pessoal...tenho vergonha.*

As duas mulheres foram as únicas que expressaram o desejo da conquista da casa e complementaram com um desejo de realização pessoal, em que expuseram o sonho de resgate da autoestima perdida na Bolívia e o sonho de ser escritora.

Nas demais entrevistas ao questionar se possuíam algum sonho além da conquista da moradia, as respostas das mulheres indicavam que estas estavam resignadas, não se considerando merecedoras de um desejo pessoal. Para elas, os filhos ocupavam este lugar de destaque e tornavam-se protagonistas de seus sonhos, como podemos notar nas falas a seguir:

Violeta: *Que meus filhos estudem, sejam profissionais é esse mi sonho. Sempre falo para a Nuria “você vai ser doutora, né” e “si”, fala ela “eu vou cuidar de você” ... (suspiro) “vai ser doutora, Nuria”.*

Carolina: Possui algum sonho pessoal, de realização sua?

Violeta: *No... sonho dos meus filhos.*(Entrevista em 20/02/2017)

Olha, eu desejo para os meus filhos, como mãe e pai, ver em seus filhos meninos que tenham uma profissão, um estudo... mas como, se o estudo aqui... A gente quer o melhor... a gente trabalha na rua e é tão ruim...que o futuro de seus filhos sejam o mesmo que o dos pais, isso é muito ruim. Então, a gente pensa em um futuro melhor, uma escola melhor... e só pensa né...por que você ter uma profissão, não vai estar correndo da polícia e estar na rua. Você tem um estudo, você tem um teto, só mexendo em computador... não é? (Marta, entrevista em 13/02/2017)

Ir a lá também, conhecer seus avós, sua família, por que eles não conhecem a minha família, nunca foram. Não conhecem os avós, no conhecem nada. Se deus quiser me ajudar a conseguir que fique a lá cá ou fique a lá. Eles tem vontade de conhecer suas avós e suas tias. (Glória, entrevista em 13/02/2017)

O desejo relacionado a realização profissional e estudos dos filhos, tal como o desejo de viajar para conhecer a família até então desconhecida expressam que as dificuldades por quais passam as famílias em relação ao trabalho, moradia e financeiras fazem com que estas depositem na futura geração, a 2ª, os desejos de melhoria de vida. É como se quisessem romper com uma reprodução dos modos de vida. A espoliação é tamanha que pouco resta o que desejar a si próprio, os sonhos passam a ser de conquista coletiva, já que a casa é pensando na proteção e segurança da família e os esforços enfrentados no trabalho precarizado, que rende poucos recursos, são destinados aos filhos que sofrem uma grande pressão da família em estudar e se tornar um profissional reconhecido.

Os sonhos das famílias esboça um sonho resignado, como trazido por Bloch (2005) que identifica que ou se tornam combustíveis para concretização de lutas, ou os sonhos mostram a resignação, a perda da esperança. No caso dos familiares das crianças, esta perda de esperança em relação as suas vidas pessoais é demonstrada por meio das falas e somente é recuperada ao mencionarem o desejo de conquista em relação aos filhos. A única fala que demonstrou uma preocupação de realização pessoal não resignada foi a de Sônia, que mesmo com vergonha do que escreve ainda almeja ser uma escritora.

Assim, relembro a trajetória da escritora Carolina Maria de Jesus reconhecida tardiamente e apesar da vida sofrida, amava os livros e alimentava de sonhos as páginas de seus diários retratando a vida na favela do Canindé, na zona norte de São Paulo. As falas de Carolina, além de retratar o cotidiano da favela mostravam os altos e baixos da sua vida como mulher e mãe, na luta em criar os filhos e ser feliz “Eu estava tão triste! Com vontade de suicidar. Hoje em dia quem nasce e suportava vida até a morte deve ser considerado herói (...)” (JESUS, 2010, p.103). Em outra passagem na mesma página a escritora, demonstra um sentimento semelhante

ao das mães que ao perderem a esperança, vem a mesma apenas no sorriso dos filhos “Fiquei olhando a minha filha sorrir, porque eu já não sei sorrir” (Ibdem.).

Mesmo que trazendo a resignação, reafirmo a importância de trazer o sonho na perspectiva de desejos como potenciais reveladores da vida cotidiana das crianças e de suas famílias. Os sonhos acordados das crianças imigrantes bolivianas de 2ª geração expressam uma infância que está reproduzindo e interpretando o mundo ao seu redor, num processo de reprodução interpretativa:

(...) as crianças não se limitam a imitar ou internalizar o mundo em torno delas. Elas se esforçam para interpretar ou dar sentido a sua cultura e a participarem dela. Na tentativa de atribuir sentido ao mundo adulto, as crianças passam a produzir coletivamente seus próprios mundo e culturas de pares. (CORSARO, 2011, p. 36).

Estão expressando seus cotidianos, em contato com a cultura escolar, do consumo e do país de origem de seus pais, enquanto deixam as marcas de suas expressões e desejos de rupturas criativas, mostrando que ser criança permite imaginar e expressar seus sentimentos.

3.3. “A Bolívia é aqui?”: a busca por habitar na cidade de São Paulo

A busca das crianças e seus familiares bolivianos por habitar a cidade de São Paulo evidenciou um caminho que reflete seus cotidianos, revelando os lugares frequentados e “pedaços” de congregações dos imigrantes, do mesmo que revelou conflitos e tensões identitárias, que abordaremos ao longo deste item.

A observação em diferentes espaços da Ocupação e em alguns momentos do lado externo do prédio, principalmente no trajeto da pesquisadora até a estação Luz da CPTM, proporcionaram ricos elementos representativos da vida cotidiana de crianças moradoras da Ocupação, anunciando as presenças e ausências em espaços públicos do domínio da rua. Não havia grande movimentação de crianças na calçada em frente ao prédio por ter muita circulação de pessoas e dar acesso a uma movimentada avenida, mas muitas atravessavam as ruas e escolhiam um pátio ao lado da estação da Luz, que tinha uma espécie de praça para brincarem principalmente de jogar bola. Porém a presença no local era apenas de crianças brasileiras e em nenhuma das idas até a Ocupação ao longo da pesquisa observei a presença de crianças imigrantes no ambiente.

Para além da moradia, as crianças nos revelam a relação com a cidade que vai além do prédio da Prestes Maia. Em uma oficina em que levei fotografias de pontos turísticos da cidade, principalmente daqueles próximos a Ocupação, as imagens suscitaram falas e diálogos, como sobre o incêndio no Museu da Língua Portuguesa ocorrido no final de 2015 e a lembrança de ir ao coreto no Parque da Luz:

Carolina: tem algum lugar aqui perto que vocês vão brincar?

Luiz: *O parque da Luz.*

Denise: *A pracinha. Eu gosto daquela pracinha.*

Carolina: E tem brinquedos no parque da Luz?

Denise: *Tem. Tem gangorras, tem um negocinho lá.* Carolina: Este lugar vocês conhecem? [apontando para fotografia do parque do Ibirapuera]

Denise: *Eu já fui no parque Irapuera...* [Referência ao parque do Ibirapuera]

As crianças nos deram apontamentos de que estão circulando com seus parentes pela cidade de São Paulo, saindo do domínio do privado para passear em família, escolhendo locais públicos, como a Praça da Luz e o parque do Ibirapuera. O desenho de Luiz retrata um momento vivido no carnaval de rua no centro da cidade de São Paulo, em que a criança se retratou todos com os olhos vermelhos, pois segundo ele “*arderam muito com a espuma*”:

Figura 64



Fonte: Desenho feito por Luiz. Desenho do Carnaval

Figura 65



Fonte: Desenho feito por Lucas. Desenho da Praça Kantuta

A Praça Kantuta lugar eleito por Lucas para ilustrar o seu desenho, vem acompanhada por suas falas que descrevem o local e principalmente a brincadeira preferida, o pula-pula repetida incansavelmente pela criança que de tão feliz relatando o que gosta de fazer no lugar, não fala apenas com a boca, mas levanta-se, anda, faz movimentos demonstrando o quanto gosta das brincadeiras e vivências que proporciona o lugar, bastante frequentado por sua família. Assim Lucas descreve o que podemos chamar de “pedaço” por Magnani (2002):

Quando o espaço – ou um segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebia o nome de “pedaço” (MAGNANI, 2002, p. 21)

É certo que o “pedaço” de Lucas e de outros bolivianos na cidade de São Paulo é a conhecida Praça Kantuta, que reúne nos finais de semana um grupo bastante extenso de imigrantes, que também frequentam lugares como a Rua Coimbra e as festas típicas ocorridas no Memorial da América Latina. São nestes espaços que os “pedaços” dos bolivianos se estabelecem:

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 1998, p. 116, apud, MAGNANI, 2002, p. 21).

Este “pedaço” ou território dos bolivianos na cidade de São Paulo é constantemente afirmado e reafirmado nas falas das crianças e de seus familiares. Outras falas são suscitadas a

partir de fotografias⁷⁴ destes lugares frequentados por bolivianos na cidade, que foram expostas ao longo de uma roda de conversa na brinquedoteca, em relação à Praça Kantuta, diziam as crianças “*Jogamos pebolim lá com outras crianças*”, “*Vejo o meu pai dançar na Kantuta*”; e outros passeios, como ao Memorial da América Latina “*Lá é onde tem a festa das miniaturas. A comemoração ao Deus Ekeko*”.

Um destes importantes “pedaços” da cidade que congregam a comunidade boliviana não é um espaço ausente de conflitos:

Vale lembrar que antes de 2002 os bolivianos ocupavam a praça Pe. Bento, localizada em frente à igreja Matriz do Pari. Com o aumento dos frequentadores, os conflitos começaram a ocorrer e os bolivianos passaram a ser acusados de sujar o local, atrair assaltantes e o tráfico de drogas. Incomodados com esta presença os moradores fizeram um abaixo assinado pedindo a remoção destes intrusos, inclusive, colocaram uma faixa na praça com a seguinte mensagem: “A praça é nossa! Exigimos respeito estamos aqui há mais de cem anos”. Depois de um longo processo de negociação a prefeitura ofereceu aos bolivianos um outro local no mesmo bairro, denominado então por eles de Praça Kantuta, nome de uma flor do Altiplano que tem as três cores da bandeira boliviana, o vermelho, o amarelo e o verde (SILVA, 2003:232, apud., SILVA, 2012, p.22).

Figura 66



⁷⁴ Foram utilizadas na dinâmica, três fotografias, sendo uma da Praça Kantuta, uma da Rua Coimbra e outra do Memorial da América Latina, todas localidades pertencentes à cidade de São Paulo.

Fonte: Fotografia tirada por Márcia Aparecida Gobbi em viagem pela Bolívia – Flor Kantuta

O conflito em torno da Praça Kantuta reflete algumas das tensões enfrentadas por imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo, se assemelhando ao conflito retratado por Norbert Elias e John L. Scotson (2000). O grupo de bolivianos, assim como os *outsiders* na cidade com nome fictício de *Winston Parva* sofrem com a diferenciação feita pelos que já residiam na cidade, os estabelecidos. No caso da obra de Elias e Scotson, não havia distinção de classe social, nacionalidade, ascendência étnica ou racial, credo religioso ou nível de instrução entre os *outsiders* e estabelecidos, a diferença central encontrada pelos autores, causadora de conflitos era o fato dos moradores mais antigos da cidade (estabelecidos) não aceitarem a presença de novos moradores (*outsiders*). Em nosso estudo, os bolivianos também são os novos residentes que passam a morar na cidade de São Paulo, mas que como imigrantes, ainda trazem as diferenças em relação a nacionalidade, classe social e costumes culturais, diferenças estas fortemente marcadas pelos discursos sobre a comunidade, em alguns casos expressando a xenofobia. E notamos certo receio da comunidade boliviana em confirmar estes discursos, como no relato de Jonas:

Na praça Kantuta é a partir das 11 da manhã até as quatro, cinco...porque tem um limite que a prefeitura coloca, né. Você não pode ficar até mais tarde, por motivo dos assaltos. Porque os assaltantes, eles sabem que os bolivianos, estrangeiros, eles não tem conta, né...no banco. E eles andam com dinheiro e a maioria são assaltados a lá. E tem aqueles rapazinhos que...eles entram bem jovem, né. Trabalha, ganha seu dinheiro e começa a beber, ficam bêbados e são roubados, né. Às vezes a gente não tem um pensamento bem na frente, do que você precisa, do que que você quer no futuro, só pensa na hora, né. É por isso que a comunidade, meus parentes, eu penso também, que eles fazem coisas erradas, tá fora do outro país. E tem pessoas muito boas, e eles estão manchando aquela imagem. Fazendo seus pais, os seus parentes, fazendo ficar mal. Olharem de outro jeito, é isso...mas a gente vai para compartilhar bons momentos e ter aquelas conversas com eles. Às vezes a gente fala, ‘ô, vem cá, você tava bêbado lá, tava bebendo. Não faz isso não, tal, pare com isso. Você tá jovem, tem mãe, tem pai. Guarda seu dinheiro’, a gente fala. Tem os representantes da Rua Coimbra, ele é...o cara é uma boa pessoa. Ele ajuda também. Quando ele soube de uma... falam para ele assim ‘naquela casa tem trabalho escravo’, ele denuncia, denuncia. (Jonas, Entrevistado em 08/05/2017)

Mesmo sabendo que em muitos casos a presença do grupo de estrangeiros traz certo incômodo por parte daqueles já estabelecidos, há um esforço por parte da primeira geração de imigrantes em manter uma imagem positiva do grupo para os demais, como já expresso na fala de Jonas, já que um “deslize” cometido por um, seria tomado por toda a comunidade. A feira da Praça Kantuta, antes conhecida como um espaço somente dos bolivianos aos poucos passa

a ganhar repercussão nas páginas gastronômicas e culturais dos jornais de ampla circulação, passando a ser escolha de passeio de algumas famílias nos finais de semana. Devido a este fato, os bolivianos confidenciam que a Praça esta ficando muito cara, sendo preferido ir à Rua Coimbra, que possui os produtos típicos por um menor preço.

Em “A ordem do discurso” (FOCAULT, 1971) atrelou o discurso ao poder, expressou que para ocorrer a manutenção do poder há a necessidade da construção dos discursos, que racionalmente elaborados consolidam verdades. As oposições entre verdadeiro e falso, criminosos e honestos, loucos e sãos. Os diversos discursos sociais muitas vezes se apropriam deste binarismo, baseados na oposição entre verdadeiro e falso, sendo o primeiro termo sempre privilegiado em relação ao segundo, que ocupa a posição negativa (DUSCHATZKY e SKLIAR, 2001, p. 123). A história nos mostra o quanto os discursos tidos como portadores de uma única verdade, podem ser perigosos. Os autores Duschatzky e Skliar (2001) nos chamaram a atenção sobre as novas roupagens dos travestismos discursivos, que muitas vezes estabelecem o discurso da tolerância construído sobre a exclusão da diferença. Para os pesquisadores as pluralidades questionam sobre a hegemonia da normalidade:

Está claro que não seríamos justos se acreditássemos que o ódio ao estrangeiro é igual à tolerância, ou que a aceitação do multiculturalismo é o mesmo que dividir o mundo em culturas, de um lado, legítimas e, de outro, bárbaras. (Idem, p. 120)

Deste modo, é necessário tomar cuidado com os discursos que assumem uma bonita roupagem pregando o multiculturalismo, porém incutindo a segregação de culturas legítimas de um lado e bárbaras de outro, como nos chama a atenção o autor.

Georg Simmel (1973) identificou que as pessoas que vivem na metrópole apresentam atitude *blasé*, de indiferença em relação ao outro, exercendo o poder de discriminar. Assim como Elias e Scotson (2000) o sociólogo insere em sua pesquisa os grupos consolidados que não permitem a presença de outros:

A primeira fase das formações sociais encontradas nas estruturas sociais históricas bem como contemporâneas é a seguinte: um círculo relativamente pequeno firmemente fechado contra círculos vizinhos, estranhos ou sob qualquer forma antagonísticos. (Idem, 1973, p. 18)

Os grupos de bolivianos, os “outros”, comungam experiências comuns em relação às questões relacionadas: a ilegalidade ou legalidade, dificuldade com o idioma, religião, costumes. Como forma de “escaparem” da residência, que muitas vezes é a própria oficina de costura e no caso dos moradores da Ocupação Prestes Maia, por necessitarem de espaços que

comunguem as suas culturas com seus conterrâneos é que notamos que muitos frequentam estes territórios, lugares de pertencimento, como mencionado por Paiva (2013). Em entrevista, Jonas relata alguns de seus locais preferidos na cidade:

Jonas: Tem, ali no Barra Funda, no Memorial. A gente faz o carnaval e a gente celebra uma festa que cai no meu aniversário, que é o dia das Alasitas.

Carolina: Das miniaturas?

Jonas: Sim, e tem o dia da independência da Bolívia. São essas 3 datas. E tem a comunidade Kantuta e a comunidade da Rua Coimbra.

Carolina: O senhor costuma frequentar?

Jonas: Sim, eu frequento muito, porque eu sou um integrante da fraternidade dos tinos, eu danço, sim. Eu danço a cultura boliviana. A gente vai para a praça Kantuta, para fazer os...combinar o que a gente vai dançar. Tem apresentação na rua Coimbra, no sábado e as vezes no domingo, na Kantuta. (Entrevista em 08/05/2017)

As importantes conquistas de mulheres e homens bolivianos em relação a estes territórios culturais na cidade de São Paulo são fundamentais e demonstram um reconhecimento e ganho em relação às políticas públicas, mesmo com questões tão polêmicas, como a mudança de encontro para a Praça Kantuta, assim como presentes nas discussões em torno dos direitos dos imigrantes no país.

As dificuldades em relação ao idioma e os choques culturais enfrentados por aqueles que chegam a uma pátria diferente da sua e sentem-se inseguros, com medo de serem enganados. Durante a entrevista de Violeta, 40 anos, nascida em La Paz e criada desde a adolescência na Argentina, local em que os pais trabalhavam no ramo de confecções, a moça demonstra muita dificuldade em falar o português e confessa que isso deixou-lhe enclausurada em casa, com medo e desconfiança dos brasileiros:

Trabalhei, antes de morar aqui no prédio trabalhava muito em uma casa, mas eu não saía muito porque não falava nada, não sabia. Meu marido que levava na escola, que ajudava filhos, ia nas reuniões. Eu tinha muito medo de sair, porque não falava português, não falava. Uns 3 anos que eu ficava fechada em casa e não saía. Então quando eu vinha morar aqui, também tinha muito medo de las personas. Mas já me fui acostumada e eu comecei um pouco melhor a falar...mas todos falavam: Você está presa? Mas não fala nada, é por que eu sempre ficava em casa. Não gostava muito de sair. (Violeta, entrevistada em 20/02/2017)

Segundo Violeta, mesmo com a dificuldade ela começou a superar o medo após começar a morar na ocupação e ter contato com a vizinhança de bolivianos, que é bastante volumosa no andar em que reside. Atualmente ela cuida dos filhos enquanto o marido trabalha, mas conta-

nos e mostra-nos orgulhosa as flores de papel que faz, aprendidas a partir de um curso de artesanato feito na cidade São Paulo.

Um problema relatado nas entrevistas com os bolivianos na cidade de São Paulo é a violência, principalmente com um crescente número de assaltos, como o caso que envolveu a morte do menino Brayan. Os imigrantes possuem o hábito de guardarem dinheiro em casa, por costume e também por não possuírem conta bancária, atraindo o interesse de assaltantes. No caso do menino Brayan, ele foi assassinado após a família já ter entregado a quantia em dinheiro aos assaltantes, mas estes irritados com o choro da criança à mataram (SAKAMOTO, 2014b)⁷⁵. A moradora da Prestes Maia, Glória, relata este medo da violência, reclamando que aquela é uma região com muitos assaltos:

Toda a minha família esta lá. Se deus quiser tô voltando para a Bolívia, fico pensando que aqui não dá, eu tenho medo de la gente a cá. Dá medo sair a cá, tem muita violência. Criança pequena vir assaltar você... já fui assaltada a cá. Já fui assaltada 3 vezes. Eu tenho medo de sair agora. (Glória, entrevistada em 13/02/2017)

Os sentimentos de medo e insegurança estavam constantemente presentes nos relatos que se misturam com situações de violência, principalmente no trabalho, mas que se expandem à cidade:

Por certo, a herança nefasta dessas escravidões ainda se faz sentir no cotidiano da cidade, discriminando tudo aquilo que vem de lugares considerados periféricos, como é o caso de imigrantes oriundos de países pobres e com tradições culturais indígenas, entre eles os bolivianos. Tais estranhamentos que aqui foram remarcados, como nos casos dos episódios da Praça do Pari e do Parque do Trote, e por que não acrescentar a recente onda de bullying contra crianças bolivianas constatadas em algumas escolas da capital paulista, não são casos isolados e uma exceção na história de São Paulo. São, na verdade, uma expressão de que nela como em qualquer outra metrópole a multiculturalidade é marcada por tensões e resistências. (SILVA, 2012, p. 31-32)

O imigrante pobre, que vem em busca de empregos e ingressa no trabalho precarizado é visto do ponto de vista da falta. Ausência de práticas sociais que o mostrem compondo a cidade, os locais de trabalho, as relações. Falta esta que demonstra a relação entre grupo social e problema social, por exemplo: imigrante e emprego, imigrante e habitação, imigrantes e filhos

⁷⁵ SAKAMOTO, Leonardo. Pais de menino boliviano morto em SP contam como é difícil retomar a vida. Publicada em 12/05/2014. Disponível no site: Uol Notícias. Acesso em: 13/02/2017.

de imigrantes (SAYAD, 1998). Ou seja, são vistos a partir da ótica dos problemas sociais que carregam, sendo a desigualdade de direitos geradora de outros tipos de desigualdades:

A discriminação de direito (entre nacional e não-nacional) pede reforço às discriminações de fato (ou seja, às desigualdades sociais, econômicas, culturais) e, em troca, estas encontram uma justificativa e atribuem a si mesmas uma legitimidade na discriminação de direito: esta lógica circular, segundo a qual as situações de fato e de direito se sustentam mutuamente, encontra-se no princípio de todas as segregações (escavidão, apartheid, colonização, imigração etc.) e de todas as dominações (o escravo, o negro, o colonizado, o imigrante, a mulher etc.) geradoras de racismo, a igualdade de direito sendo recusada usando-se como pretexto as desigualdades de fato, e a igualdade de fato, por sua vez, torna-se impossível devido à desigualdade de direito. (Idem, p. 58)

Sayad (1998) constatou no caso dos imigrantes na França que em alguns casos mesmo que desejosos em permanecer no país não manifestam esta vontade, por receio de sofrerem represálias dos demais habitantes. Em uma sociedade hostil, acabam assumindo o status de provisoriedade, mesmo sendo definitivos. A sociedade de imigração define ao trabalhador estatuto de provisoriedade, negando-lhe a presença reconhecida como permanente/ presença “tolerada”.

As questões em torno dos direitos entre ilegalidade e legalidade de bolivianos no Brasil foi abordada por Magalhães e Schilling (2012). Em relação ao direito de estudar, a pesquisa traz um panorama histórico dos conflitos em torno do direito. Segundo as autoras, o Estatuto do Estrangeiro (Lei 6815/80) trazia como premissa que as escolas só poderiam efetivar a matrícula de estrangeiros registrados no país, ou seja, os legalizados. E a resolução n. 9 de janeiro de 1990 proibia crianças sem documentação (Registro Nacional de Estrangeiro-RNE) de frequentar escolas públicas e particulares. Diante dos impasses causados pela resolução, organizações da sociedade civil, como Comissão de Justiça e Paz e o Centro Pastoral dos Migrantes, pediram a revogação da Resolução n.9. E em 1995 a Resolução n.9 foi anulada, sendo garantido o direito ao ensino para crianças e adolescentes estrangeiros, independente de possuírem ou não documentação. No âmbito Estadual os pareceres de 1997 e 2008 reafirmam a Resolução e complementam que o aluno estrangeiro deve ter apoio pedagógico necessário e adaptação para que possa acompanhar os conteúdos escolares, em especial Língua Portuguesa. Porém, algumas escolas ainda se negam a matricular estrangeiros por falta de informação, cobrando a documentação que muitos não possuem. E por receio de deportação, os imigrantes não retornam para exigir o direito à matrícula escolar.

Estas conquistas, mesmo que ainda diante de um palco de disputas e conflitos nos revelam que assim como migrantes paulistas na década de 1950 (SADER, 2001), novos personagens estão conquistando espaços da cena paulista nos anos 2000. Os imigrantes bolivianos já compõem a maior comunidade de latino-americanos residentes no Brasil e passam a ser reconhecidos também no campo dos direitos, mas ainda travam lutas árduas na cidade. Estão cada vez mais presentes em manifestações em torno do reconhecimento de seus direitos de imigrantes, mesmo que timidamente já que muitos ainda estão em situação irregular. Estes personagens, cujos sonhos transitam na cidade paulista também estão em luta por seus direitos por ressignificar e habitar a cidade de São Paulo. Vale considerar que elas envolvem outros sonhos e são também mobilizadas por eles. As crianças imigrantes bolivianas de 2ª geração estão igualmente compondo esta comunidade, buscando espaços para expressarem os seus sonhos e propostas. Estão estabelecendo pontes entre o Brasil e a Bolívia e exercendo um jeito de ser criança na cidade de São Paulo e Ocupação Prestes Maia, permeado pela imaginação, criação que são motivadores destes sonhos.

4.Considerações Finais: Transgressões e rupturas do cotidiano, pois afinal, sonhar é possível?

Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só seu vizinho é estrangeiro. (Bauman, 2005, p.33)⁷⁶

Ainda são milhares de pessoas sem-teto e vivendo em ocupações da cidade de São Paulo, portando milhares de sonhos frustrados. Assim como o casco da tartaruga que ao cair do alto do prédio da Av. Prestes Maia se quebrou, a identidade dos sujeitos desta pesquisa está se configurando como um emaranhado de pedacinhos que se unem e passam a constituir a diversidade da infância. Este tempo de ser criança, ser imigrante boliviana de 2ª geração e moradora da Ocupação Prestes Maia são apenas algumas partes do quebra-cabeça que procuramos unir para compreender mais acerca de seus universos. Delinearam-se ao longo da pesquisa os sonhos das crianças que, conjugados ao de seus familiares, acentuaram uma intenção inicial: conhecer as crianças e suas projeções futuras, seus modos de ver o presente e estar nele como agentes constituidores do mesmo.

A experiência da imigração é uma das peças que faz parte deste quebra-cabeça, que as crianças vivenciam junto a seus familiares, desde as agruras do atravessar a fronteira até os percursos que enfrentaram na terra de destino. A inserção de seus pais no trabalho precarizado, principalmente em oficinas de costura trouxeram evidencias de confinamento das crianças nestes pequenos espaços de trabalho, brincando entre máquinas e correndo risco de acidentes. A educação nestes locais era dada junto ao silêncio, importante para não atrapalhar o trabalho dos familiares, a isso somava-se uma certa recompensa vinda através de doces e guloseimas.

As crianças filhas de imigrantes mesmo que já nascidas no Brasil são consideradas imigrantes por partilharem as experiências do grupo e por isso, denominadas imigrantes de 2ª geração. *Hablando* ou não *hablando* o espanhol, idioma que falam os familiares, elas estão brincando com o idioma e em contato com ele, que está presente em algumas falas e denominando nome de alimentos e festas que frequentam. As crianças estão participando de

⁷⁶ Citação presente em um cartaz espalhado pelas ruas de Berlim em 1994, mencionado por Bauman (2005, p. 33)

eventos na cidade de São Paulo, principalmente frequentando com seus familiares os “pedaços” bolivianos, como a Praça Kantuta, Rua Coimbra e Memorial da América Latina.

As crianças também estão ocupando e estabelecendo junto a seus familiares “pedaços” (MAGNANI, 2002) bolivianos no edifício Prestes Maia, como a relação de vizinhança e coletividade entre os moradores do 9º andar que são em grande parte conterrâneos e se denominam por “primos” como forma de estreitar estes laços. O problema de não terem familiares consanguíneos morando no Brasil se resolveu com a formação desta família.

Os conflitos entre as crianças brasileiras e “os china” – denominação criada por algumas crianças moradoras da Ocupação em relação aos bolivianos – nos evidenciou uma importante tensão entre as crianças, que em contato com o outro, com o diferente se reconhecem enquanto grupo de imigrantes, passando a se isolar das crianças que demonstraram o preconceito. Este isolamento também pode ser visto numa forma de brincar com os amigos bastante próximos de preferências em lugares não muito movimentados, sendo os preferidos a laje no 9º andar, as áreas comuns de seus próprios andares (corredores e pátios) e o espaço interno da moradia.

Olharmos para as relações entre as crianças nos proporcionou a reflexão sobre as pesquisas com crianças, em termos teóricos e metodológicos, apoiando-nos em estudos da sociologia e sociologia da infância. Deste modo, podemos afirmar que meninos e meninas são atores sociais porque sua própria existência modifica o entorno social e obriga a adotarem medidas em relação à eles e elas. As crianças modificam e são modificadas pela sociedade em que vivem, não sendo passivas durante este processo. São atores nos mundos sociais de que participam, e a potencialidade da investigação sociológica com crianças, está no fato de atentarmos para suas condições de vida, atividades, relações, conhecimentos e experiências; no fato de atentarmos para suas experiências cotidianas, especialmente nas suas relações com outras crianças e com adultos. Portanto, outra noção de desenvolvimento da infância deu ênfase nesta pesquisa, que considerou seu desenvolvimento histórico, social, político e cultural, na elaboração da reconstrução desse conceito marcado por uma visão adultocêntrica de criança.

Com a pesquisa, resgatamos o conceito de Corsaro (2011) sobre reprodução interpretativa, que considera que as crianças durante a socialização não somente internalizam os conhecimentos, mas elas reinventam e criam novas formas de conceber estes conhecimentos. Deste modo, as crianças imigrantes estão brincando com seus pares, expressando sua imaginação, experiências, conflitos e desejos, refletidas em suas falas e produções, como o desenho e fotografia.

A pesquisa com fotografias e desenhos trouxe um grande desafio metodológico, o de proporcionar um espaço de liberdade, nos ambientes da moradia, como brinquedoteca, pátios,

corredores e lajes, para que se sentissem à vontade no registro de seu cotidiano. A interpretação das fotografias e desenhos aliadas à oralidade possibilita a percepção da criança e de sua sensibilidade e capacidade estética como criadora de cultura e que interfere, interpreta e reinterpreta o espaço no qual vive, nos oferecendo importantes artefatos para refletirmos acerca de seus universos.

Com o olhar de encantamento em relação à brinquedoteca da Ocupação, revelado pelas crianças na oficina de fotografia pudemos notar o quanto elas estavam distantes daquele local e sequer conheciam o espaço. Seguindo as suas pistas, descobrimos outros espaços que eram elegidos para suas brincadeiras cotidianas e que nos demonstraram que estavam andando em grupos de bolivianos, privilegiando as brincadeiras com seus “primos”, elementos estes que mais uma vez revelaram um isolamento não somente em relação às brincadeiras e espaços frequentados, mas também em relação à luta coletiva do Movimento Social.

Apesar da participação dos familiares nas reuniões da Ocupação e nas manifestações nas ruas, as crianças pouco apareciam inseridas nas lutas. Na maioria dos lares, enquanto as mulheres ficavam em casa com as crianças, os maridos assumiam a frente da participação no Movimento Social. Podemos apontar indícios para uma infância de imigrantes, pouco inserida na luta do Movimento Social, tal como ausente dos espaços coletivos destinados à elas, como a brinquedoteca.

Esta infância, assim como seus familiares sonha com a conquista da casa, que aparece como um espaço amplo e com lazer, ao mesmo tempo em que estão dando propostas para o uso do espaço coletivo da moradia habitada. Elas estão questionando regras de convivência, desejosas de espaços para andarem de bicicleta e jogar bola.

O lazer se coloca como um importante sonho que permeia as suas falas, desejosas de parques e até de piscina na moradia. Porém, as suas vozes se fazem emudecidas já que não frequentam os espaços coletivos e não estão participando de reuniões destinadas às crianças pequenas, ou expondo suas ideias aos adultos. Além de parecerem um tanto isoladas do grupo de crianças da Ocupação, as imigrantes bolivianas se expressaram através dos espaços de escuta e liberdade que ofertamos, porém sem repercussão na coletividade.

Notamos um importante esforço das coordenadoras e liderança no sentido de propor espaços e festas em que haja a interação e participação das crianças, entretanto carecem de auxílio, de voluntários, recursos e até mesmo de uma própria organização que parta do próprio coletivo para lançar um olhar emancipatório às crianças, em que possam participar e interferir na vida coletiva. O fato das crianças terem a conquista de um espaço já é um movimento bastante importante no reconhecimento por parte do mundo adulto em relação às suas

presenças, mas existe a necessidade de também serem colocadas em movimento na coletividade, exercendo um papel mais ativo, tendo no Movimento Social um educador e não somente um local para conquistar a moradia, mas que seja um local de troca de experiências entre os diferentes grupos sociais que habitam a Ocupação. Os esforços devem ser não pelo silenciamento das crianças tidas como “bagunceiras” e “desordeiras”, mas para que elas de fato tenham espaços para dar vazão aos seus sonhos, ou pelo menos dialogar, debater, expor suas opiniões. Que tenham a possibilidade de habitar o local habitado (LEFEBVRE, 2015) participando da elaboração das regras e dos usos dos espaços, tendo e exercendo o direito à moradia habitada. Trata-se apenas de um primeiro passo para a efetivação dos sonhos das crianças.

Deste modo, recolhendo os cacos da tartaruga é que tentamos montar este quebra-cabeça que ainda faltam peças, mas estão se complementando e formando o que poderíamos chamar de infância imigrante boliviana de 2ª geração na Prestes Maia. Uma infância que vive múltiplas experiências que poderíamos chamar de híbridas, como nos sugere Canclini (2008), e na formação de suas identidades estão rompendo as fronteiras dicotômicas de ser ora brasileiro, ora boliviano. Estão estabelecendo laços e importantes intercâmbios entre as duas culturas, construindo pontes e não fronteiras, misturando as brincadeiras, brinquedos, idiomas, sem preocuparem-se em ter uma nacionalidade ou outra, elas estão experimentando ao seu modo, o ser criança.

As crianças estão sonhando, demonstrando o seu cotidiano, mas também trazendo propostas e rupturas com o mesmo. Estão exercendo seus traços criativos e provocando rupturas e transgressões que evidenciam que não estão apenas internalizando o mundo ao seu redor, num processo de socialização tradicional, mas os meninos e meninas estão tecendo relações com os seus pares e recriando a seu modo um jeito de ser criança singular, onde imaginação, brincadeira e sonhos estão presentes e provocando rupturas no cotidiano.

Finalizamos esta pesquisa apontando para a necessidade de aprofundar questões que surgem para próximos estudos, como compreender se existe e como se pauta o Movimento Social enquanto educador, aprofundar as questões relativas à infância imigrante, assim como o olhar para as demais crianças nas ocupações urbanas, o desafio das pesquisas com desenhos e fotografias e as relações das crianças com estas linguagens tecnológicas, temas ainda pouco investigados.

Podemos dizer que as duas gerações de bolivianos que residem na Ocupação Prestes Maia estão na luta por seus direitos na cidade, que envolvem as conquistas: da casa, de territórios que promovam trocas culturais e identitárias entre seus conterrâneos e no caso das

crianças, em habitar Ocupação e a cidade expressando seus desejos, imaginação e criações. Percebe-se neste estudo que potencializar a realização dos sonhos das crianças é concretizar as pretensões do próprio movimento por moradia: a utopia de uma cidade mais igualitária e não segregadora.

REFERÊNCIAS⁷⁷

- AFFONSO, Elenira Arakilian. **Teia de relações da ocupação do edifício Prestes Maia. Dissertação de Mestrado.** Área de concentração planejamento urbano e regional. São Paulo, 2010.
- ANTUNES, Ricardo. **O continente do labor.** São Paulo: Boitempo. 2011.
- BAENINGER, Rosana; e OLIVEIRA, Gabriela Camargo de. **A segunda geração de bolivianos na cidade de São Paulo.** In: BAENINGER, Rosana (Org.). *Imigração Boliviana no Brasil.* Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.
- BALTAZAR, Thiago. **Grupo de imigrantes reivindicam direito ao voto em São Paulo.** Blog da *Folha de São Paulo*, 24/02/2012. Disponível em: <http://mural.blogfolha.uol.com.br/2012/10/24/grupo-de-imigrantes-reivindicam-direito-ao-voto-em-sao-paulo/> - acessada em 23/01/2015.
- BALTAZAR, Thiago **Imigrantes pedem trabalho decente em São Paulo.** Blog da *Folha de São Paulo*, 5/12/2012b. Disponível em: <http://mural.blogfolha.uol.com.br/2012/12/05/imigrantes-pedem-trabalho-decente-em-sao-paulo/> - acessada em 23/01/2015.
- BASTIDE, Roger . **“Sociologia do Sonho”, O Sagrado Selvagem e outros ensaios.**(Ed. 1997) São Paulo. Companhia das Letras.:2006.
- BAUMAN, Z. (2005). **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única.** 5º Ed. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Brasiliense. 2000.
- BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: MOREIRA LEITE, Miriam (Org.); FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.) *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais.* Campinas: Papyrus, 1998.
- BLOCH, Ernst. **O princípio esperança.** v. 1. Rio de Janeiro: UERJ/Contraponto, 2005.
- BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da habitação social no Brasil.** *Análise Social*, vol XXIX (127), 1994 (3.º). 711-732.

⁷⁷ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

BOULOS, Guilherme. **De que lado você está? Reflexões sobre a conjuntura política e urbana no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 05 de Dezembro de 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990.

CALDEIRA, Teresa. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 3º Ed. Tradução: Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Ed. 34; Edusp 2011.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Companhia das Letras, 1990. 1ªed. Trad.: MAINARDI, Diogo.

CAMI. **Relatório de Atividades**, 2014. Disponível em: <http://camimigrantes.com.br/site/wp-content/uploads/2014/08/RELAT%C3%93RIO-S%C3%8DNTSESE-CAMI-2014-1.pdf>

CAMPOS, André. **Zara corta oficinas de imigrantes e será multada por discriminação**. 09/05/2015. Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/2015/05/zara-corta-oficinas-de-imigrantes-e-sera-multada-por-discriminacao/>. Acesso em : 15/06/2016.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Editora Iluminuras. 2008.

_____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4º Ed. Tradução: Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp. 2015.

CANETTIERI, Thiago. **O debate sobre as ocupações urbanas revisitado: entre o vício (da virtude) e a virtude (do vício), a contradição**. In: e-metropolis. n° 29. 2017.

CARVALHO, José Alberto Magno de; e SALA, Gabriela Adriana. **A presença de imigrantes de países do Cone Sul no Brasil: medidas e reflexões**. Rev. bras. estud. popul. vol.25 no.2 São Paulo July/Dec. 2008

CARVALHO, Maria do Rosário e NUNES, Ângela. **Questões Metodológicas e Epistemológicas Suscitadas pela Antropologia da Infância**. 31ª Encontro Anual ANPOCS. Caxambu: MG. 2007

CARVALHO, Francione Oliveira. **A pluralidade dos saberes e experiências no ambiente escolar: imigrantes bolivianos na rede municipal de São Paulo**. In: Anais do III Seminário políticas para a diversidade cultural. Bahia: 2014. Disponível em:

https://diversidadeculturaldotorg1.files.wordpress.com/2014/07/spdc14_francione-oliveira-carvalho.pdf

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 14^o Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

COELHO, Teixeira. **O que é utopia**. São Paulo: Círculo do livro. 1980.

CORSARO, William, A. **Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas**. In: Educação e Sociedade, vol. 26, n^o 91. 2005.

_____. **Sociologia da infância**. 2^a Ed. Tradução: Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed. 2011.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. 2^o Ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. 2003.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUNKER, Christian. **A lógica do condomínio**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 11, página 102-109, 2017.

DUSCHATZKY, S; SKLIAR, C. **O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação**. In: Larrosa, J.; Skliar, C. (orgs.) Habitantes de Babel. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

ELIAS, Norbert; e SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade**; tradução Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução: B.A Schumann. São Paulo: Boitempo. 2008.

FARIA, Ana. Lucia. G., FINCO, Daniela. **Apresentação**. In: FARIA, A. L. G., FINCO, D. (orgs.) *Sociologia da Infância no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

FERNANDES, Florestan. **As “trocinhas” do Bom Retiro**. *Pro-Posições*, v. 15, n. 1,(43), p. 229-250, 2004.

FILADELFO, Carlos. **Cotidiano e política da luta por moradia no centro de São Paulo**. In: Revista Antropolítica, n^o 36. 2014.

FINCO, Daniela. **Relações de gênero na educação nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil**. *Pro-Posições*, v. 14, n. 3,(42), 2003.

FLM. FLM na História. Disponível no site: <http://www.portalfilm.com.br/luta-historico/>. Acesso em 18/06/2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Maior cortiço vertical do mundo, Torre de David é desocupada em Caracas.** São Paulo, 24 de Julho de 2014. p. A16.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Trad.: Edmundo Cordeiro e António Bento. 1971. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/ordem.html>

FREITAS, Marcos Cezar de, e SILVA, Ana Paula. **Crianças bolivianas na educação infantil de São Paulo: adaptação, vulnerabilidades e tensões.** Cadernos de Pesquisa, v. 45, n. 157, 2015.

GALHERA, Katiúscia e SANTOS, Willians de Jesus. **Marcha contra a violência, por cidadania plena e direitos humanos – o crescimento dos movimentos sociais de migrantes e os seus desafios na cidade de São Paulo.** 2014. Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/2014/12/marcha-contr-a-violencia-por-cidadania-plena-e-direitos-humanos/>

GOBBI, Marcia. **Lápis vermelho é de mulherzinha - relações de gênero, desenho infantil e pré-escola.** Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação, Unicamp, 1997.

_____. **Desenhos de outrora, desenhos de agora: o desenho das crianças pequenas no acervo Mário de Andrade.** 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

_____. **Ver com olhos livres.** In: *O coletivo infantil.* FARIA, A.L.G. (org). São Paulo. Editora Cortez, 2007.

_____. **Desenho Infantil e oralidade: instrumento para pesquisas com crianças pequenas.** In: FARIA, Ana Lucia, DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri, PRADO, Patrícia Dias. (orgs.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças.* – Campinas, SP: Autores Associados, 2009. – (Coleção educação contemporânea).

_____. **Meninos e meninas nas cirandas infantis: alteridade e diferença em jogos de fotografar.** In: *Educação e diversidade cultural: desafios para os estudos da infância e da formação docente.* Araraquara: Capes, 2012.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Educação.** 5. Ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

GONÇALVES, Carolina Abrão. **Ser Criança no MST: Fotografias da Infância do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. 115f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) –Universidade Federal de São Paulo, 2013.

GUATARRI, Félix. **As creches e a iniciação**. S. B. Rolnik (Trad.). In: F. Guatarri. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. (2º ed.). Brasília: Brasiliense.1985.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. SILVA, Tomáz Tadeu; LOURO, Guacira Lopes (Trad.). – 11º Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. In: *Lutas Sociais*, nº29. 2012.

HELENE, Diana. **O teto e a rua**. In: *Ponto Urbe*, 3. 2008.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 8º Ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra. 2011.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 9ª. ed. São Paulo: Ática, 2007.

KISHIMOTO, T. M.; ONO. A. T. **Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca**. *Pro-Posições*, v. 19, n. 3, p. 209-223, 2008.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2009 (4ª ed.).

KOWARICK, Lúcio. *Escritos Urbanos*. 2ª Ed.. São Paulo: Editora 34, 2009.

LEAL, Murilo. **A reinvenção da classe trabalhadora (1953 – 1964)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

LEFEBVRE , Henri. **O direito à cidade**. 5º Ed. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2015.

LEMOS, M. T. T. B. **A Imigração Boliviana no Rio de Janeiro**. In: 3ª Reunião do Comitê Acadêmico - História, Regiões e Fronteiras da AUGM, 2012, Santa Maria. III Reunião do Comitê História, Regiões e Fronteiras da AUGM. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2012. v. 1. Disponível em: <http://www.labimi.com.br/artigos.php>

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 6ª reimpressão, 2003.

LOCATELLI, Piero. **Brooksfield Donna, marca da Via Veneto, é flagrada com trabalho escravo** 20/06/2016. Acesso em: 15/06/2016.

LOPES, Jader Jane Moreira; VASCONCELLOS, Tânia. **Geografia da Infância: Territorialidades Infantis**. In: Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, pp.103-127, Jan/Jun 2006.

MAGALHÃES, Giovanna Modé. **Fronteiras do Direito Humano à Educação: um estudo sobre os imigrantes bolivianos nas escolas públicas de São Paulo**. 2010. 184f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2010.

MAGALHÃES, Giovanna Modé e; SCHILLING, Flávia. **Imigrantes da Bolívia na escola em São Paulo: fronteiras do direito à educação**. In: Revista Pro-posições, vol. 23, n. 1 (67), p. 43-63. Campinas: Jan/Abr, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 17, nº 49: Junho/2002.

MANNHEIM, Karl. **El problema de las generaciones**. [tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera], *Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)*, n. 62, 1993, pp. 193-242.

MARICATO, Erminia. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARTINS, José de Souza. **A peleja da vida cotidiana em nosso imaginário onírico**. In: MARTINS, José de Souza. (org.), (Des)figurações: a vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

_____. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **O artesanato intelectual na sociologia**. In: Revista Brasileira de Sociologia, Vol. 1, nº 2. 2013.

MICHAELIS: dicionário escolar de Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

MOREIRA LEITE, Miriam. **Texto visual e texto verbal**. In: MOREIRA LEITE, Miriam (Org.); FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.) *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. **A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem**. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.), *História da infância no Brasil*. 7º Ed. São Paulo: Cortez Editora. 2009.

MTST. **O que quer o MTST? Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto**. In: *Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?*. 1º Ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2014.

MÜLLER, Fernanda. NASCIMENTO, Maria Letícia Barros Pedroso. **Estudos da infância: outra abordagem para a pesquisa em educação.** In: Linhas Críticas, vol. 20, nº 41. 2014.

NASCIMENTO, Maria Letícia B.P. Panorama das concepções e representações da infância: “invenção”, “naturalização” e complexidade. In: SAETA, Beatriz Regina P., NETO, João C. de Souza., NASCIMENTO, Maria Letícia B.P. (orgs.). *Infância: Violência, instituições e políticas públicas.* São Paulo: Expressão e Arte Editora. 2008.

_____. **Reconhecimento da sociologia da infância como área do conhecimento e campo de pesquisa: algumas considerações.** In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (orgs.). *Sociologia da Infância no Brasil.* Campinas, SP: Autores Associados, 2011 – (Coleção polêmicas do nosso tempo; 102).

NETTO, José Teixeira Coelho. **O que é utopia.** Editora Brasiliense, São Paulo, 1980.

NEUHOLD, Roberta dos Reis. **Os movimentos de moradia e sem-teto e as ocupações de imóveis ociosos: a luta por políticas públicas habitacionais na área central da cidade de São Paulo.** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Pós-Graduação em Sociologia, São Paulo, 2009.

NUNES, Angel.; CARVALHO, Maria Rosário de. **Questões metodológicas e epistemológicas suscitadas pela Antropologia da Infância.** In: 31º Encontro Anual da ANPOCS, 2007.

OJEDA, Igor. **Fiscalização flagra exploração de trabalho escravo na confecção de roupas da Renner** 28/11/2014. Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/2014/11/fiscalizacao-flagra-exploracao-de-trabalho-escravo-na-confeccao-de-roupas-da-renner/>. Acesso em: 15/06/2016.

OSTETTO, Luciana E. **Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco.** In: OSTETTO, Luciana E. (org.). *Encontros e Encantamentos na Educação Infantil.* Campinas, SP: Papyrus, 2000.

O TEMPO. **Estrangeiros se unem a atos por moradia em São Paulo.** Publicado em 07/06/14. Disponível em: < <http://www.otempo.com.br/capa/brasil/estrangeiros-se-unem-a-atos-por-moradia-em-s%C3%A3o-paulo-1.860549>> Acesso em 25/03/2016.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações.** São Paulo: Cortez Editora. 2003.

PAIVA, Odair da Cruz. **Histórias da (I)migração: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XXI.** São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013.

PEREIRA, Elvis. **Bolivianos se tornam a segunda maior colônia de estrangeiros em São Paulo.** *Folha de São Paulo*, 16, de junho de 2013.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Informes Urbanos.** In: São Paulo 2040: a cidade que queremos. Nº15, dezembro 2012. Disponível: <http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/informes_urbanos >

Acesso em: 15/03/2016.

PYL, Bianca. **Trabalho escravo é flagrado na cadeia da Pernambucana.** In: Repórter Brasil, 02/04/2011. Disponível: < <http://reporterbrasil.org.br/2011/04/trabalho-escravo-e-flagrado-na-cadeia-da-pernambucanas/> > Acesso em: 20/03/2016.

QUINTEIRO, Jucirema. **Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate.** In: *Perspectiva*, vol. 20, n. especial. 2002.

QVORTRUP, Jens. **Bem-estar infantil em uma era de globalização.** In: SAETA, Beatriz Regina P., NETO, João C. de Souza., NASCIMENTO, Maria Letícia B.P. (orgs.). *Infância: Violência, instituições e políticas públicas.* São Paulo: Expressão e Arte Editora. 2008.

_____. **Visibilidade das crianças e da infância.** In: *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 23-42, jan./abr. 2014

_____. **A dialética entre a proteção e a participação.** In: *Currículo sem Fronteiras*, v. 15, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2015

REPÓRTER BRASIL. **As marcas da moda flagradas com trabalho escravo.** 12/07/2012. Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/2012/07/especial-flagrantes-de-trabalho-escravo-na-industria-textil-no-brasil/>. Acesso em: 04/04/2016.

REPÓRTER BRASIL. **Moda Livre passa a monitorar 77 grifes e varejistas.** 18/04/2016. Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/2016/04/moda-livre-passa-a-monitorar-73-grifes-e-varejistas>. Acesso: 15/06/2016.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender.** Tradução: Vania Cury. São Paulo: Paz e Terra. 2012.

Resolução N° 4871, de 22 de Outubro de 2001

ROLNIK, Raquel. **Moinho Resiste: Criminalização é usada para eliminar território popular.** In: Blog da Raquel Rolnik, 07/07/17. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2017/07/07/moinho-resiste-criminalizacao-e-usada-para-eliminar-territorio-popular/>. Acesso em 21/10/2017.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação para quem?** *Ciência e Cultura* (SBPC), v. 28, n.12, p. 66-71, 1976.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena: experiência e luta dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980.** 4º Ed. São Paulo: Paz e Terra. 2001

SAKAMOTO, **Fiscalização flagra trabalho análogo ao escravo na produção para a Renner.** In: Blog do Sakamoto, 2014a. Disponível em: <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2014/11/28/fiscalizacao-flagra-trabalho-analogo-ao-escravo-na-producao-para-a-renner/?cmpid=copiaecola>.

SAKAMOTO, Leonardo. **Pais de menino boliviano morto em SP contam como é difícil retomar a vida.** In: Uol Notícias, 2014b. Acesso em: 13/02/2017.

SALA, Gabriela Adriana. **Características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos nos países do Cone Sul residentes no Brasil.** Tese (Doutorado) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo.** In: PINTO, M.; SARMENTO, M.J., (coords.) *As crianças: contextos e identidades.* Braga: Universidade do Minho, 1997.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade.** Trad.: Murachco, Cristina. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SIEIRO, Renata Fernandes. **Entre nós, o sol: Relação entre infância, cultura, imaginário e o lúdico na educação não-formal.** Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2001.

SILVA, Ana Paula. **¡No hablamos español! Crianças bolivianas na educação infantil paulistana.** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência, 2014.

SILVA, Carlos Freire da. **Caminhos cruzados: migrantes bolivianos e o trabalho informal na indústria de confecções em São Paulo.** In: CABANES, Robert... [et al.] (orgs.); [tradução FERRONE, Fernando, RIZEK, Cibele Saliba]. *Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo.* São Paulo: Boitempo, 2011.

SILVA, Karen de Cássia. **A [De]Formação da Infância da Sociedade de Consumo: Merchandising da Telenovela Carrossel do SBT**. Dissertação de Mestrado UFSCAR, São Carlos, 2016.

SILVA, Sidney A **Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade**. In: Estudos Avançados. São Paulo: v. 20, n. 57, 2006.

SILVA, Sidney A. da. **Bolivianos em São Paulo. Dinâmica cultural e processos identitários**. In: BAENINGER, Rosana (Org.). *Imigração Boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

SIMMEL, Georg. 1973 [1903]. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

SOARES, Natália Fernandes. **Os direitos das crianças: nas encruzilhadas da proteção e da participação**. In: Anais do I Encontro Nacional sobre Maus-tratos, negligência e risco, na infância e na adolescência, Fórum da Maia, 14-16/11/2002.

_____. **A investigação participativa no grupo social da infância**. In: Currículo sem Fronteiras, vol. 6, n.1.2006.

SONTAG, S. **Sobre a fotografia**. São Paulo. Companhia das Letras. 2008.

SOTO, Iskra Pavez. **Los significados de “ser niña y niño migrante”: conceptualizaciones desde la infancia peruana en Chile**. In: Polis, 35, 2013.

SOCHACZEWSKI, Suzanna. **O proletariado, a esperança e o sonho de uma vida boa**. In: Estudos Avançados, 26 (75). 2012

Torre de David. Disponível no link: <https://youtu.be/K57g5we97ng>. Acesso em: 08/08/2017.

ZYLBERKAN, Mariana. **Ações na cracolândia criam dispersão de usuários pela região central de SP** 20/06/2017, Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1894258-acoes-na-cracolandia-criam-dispersao-de-usuarios-pela-regiao-central-de-sp.shtml>

ANEXO A

Proposta de pesquisa para Frente de Luta por Moradia (FLM)

Pesquisadora: Carolina Abrão Gonçalves, mestranda da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp). Orientadora: Prof^a Dr^a Márcia Gobbi

A pesquisa em andamento “Os Sonhos das Crianças Imigrantes nas Ocupações de Luta por Moradia na Cidade de São Paulo” (mestrado) busca como parceria as ocupações da FLM, devido a grande quantidade de crianças que possam nos apresentar, à sua maneira, o como é vivenciar a infância na ocupação de luta por moradia, revelando quais são seus sonhos, brincadeiras e cotidiano. Trata-se de uma pesquisa acadêmica, realizada na Universidade de São Paulo e, como tal, pretende conhecer as crianças pertencentes ao movimento social de luta por moradia. Para tanto, busca-se entrar em contato com elas, observar práticas cotidianas, dialogar, entrevistar. Como caminho metodológico para se alcançar tal objetivo, propomos inicialmente:

1. Encontros em que privilegiaremos a elaboração de desenhos junto às crianças favorecendo a interação de diferentes grupos infantis. Tais encontros deverão acontecer de acordo com a disponibilidade e desejo de todos os envolvidos, de modo a não interferir na rotina e organização da ocupação.
2. Realizar fotografias com câmeras digitais de modo a registrar aspectos do cotidiano de luta e modos de morar e viver na ocupação.

Frisamos que para alcance da realização de tais encontros e visando o respeito e a ética na pesquisa com crianças, procuraremos combinar e explicar o desenvolvimento desses encontros para pais ou responsáveis, sendo que participarão das oficinas somente aqueles ou aquelas que possuem o termo de autorização devidamente preenchido e assinado. Visa-se, desse modo, manter os encontros de modo a garantir a participação democrática de todos.

Encontros

Deriva Fotográfica: Entregar máquinas fotográficas para que as crianças possam nos apresentar seus lugares preferidos da ocupação, de forma que possamos melhor conhecê-las.

Desenhos: como forma de expressarem seus sentimentos, imaginação, refletindo aspectos de suas infâncias.

Biblioteca: E como fora conversado com a liderança também auxiliaremos na montagem e organização do espaço destinado a biblioteca.

Termos de Consentimento Livre esclarecido

Eu compreendo os direitos dos participantes destas pesquisas, intituladas “Os Sonhos das Crianças Imigrantes nas Ocupações de Luta por Moradia na Cidade de São Paulo” e “Modos de morar e viver em moradias ocupadas: desenhos e fotografias de meninas e meninos moradores no centro da cidade de São Paulo e suas representações”, orientadas por Profª Drª. Márcia Gobbi, e-mail mgobbi@usp.br, e que tem como pesquisadoras responsáveis Carolina Abrão Gonçalves, que pode ser contatada pelo e-mail abrao.carolina@usp.br ou telefone (11)98506-1167. E autorizo a participação da _____ na qualidade de responsável por esta instituição. Compreendo como e porquê este estudo está sendo feito. Os responsáveis pela pesquisa garantem o sigilo que assegure a privacidade dos sujeitos quanto aos dados envolvidos na pesquisa. Receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

Nome: _____

Cargo: _____

São Paulo, ____ de _____ de 201__.

Assinatura: _____

ANEXO B**Termos de responsabilidade pais/responsáveis**

Eu, _____, RG _____ declaro saber da participação de meu (minha) filho(a) _____ na pesquisa “Os Sonhos das Crianças Imigrantes nas Ocupações de Luta por Moradia na Cidade de São Paulo” desenvolvida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo pelo(a) pesquisador(a) Carolina Abrão Gonçalves orientada por Márcia Aparecida Gobbi, que podem ser contatados pelo e-mail abrao.carolina@usp.br ou telefone (11)98506-1167. O presente trabalho tem por objetivos compreender quais são as formas das crianças imigrantes vivenciarem suas infâncias na ocupação de luta por moradia e os instrumentos utilizados serão a oferta de oficinas de arte. Compreendo que tenho a liberdade de retirar o meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. A qualquer momento posso buscar maiores esclarecimentos, inclusive relativos à metodologia do trabalho. Os responsáveis pela pesquisa garantem o sigilo que assegure a privacidade dos sujeitos quanto aos dados envolvidos na pesquisa. Declaro compreender que as informações obtidas só podem ser usadas para fins científicos, de acordo com a ética na pesquisa e que esta participação não comporta qualquer remuneração.

Nome e Assinatura do responsável: _____

São Paulo, ____ de _____ de 201__.

ANEXO C

Roteiro para entrevista semi-estruturada – Liderança Ocupação

- 1) Nome e idade – breve apresentação.
- 2) Qual a sua história na ocupação? Como chegou e há quanto tempo?
- 3) Há quanto tempo exerce a função? Explique brevemente o que faz e qual a importância desta função para organização do movimento?
- 4) Existem muitas famílias de imigrantes na ocupação? Qual é o grupo mais numeroso (bolivianos, paraguaios, haitianos...)?
- 5) Quando começou a notar a presença dos imigrantes na ocupação?
- 6) Como você vê a presença das famílias de imigrantes na ocupação? Conversam, interagem com brasileiros? A comunicação é fácil (em relação ao idioma)?
- 7) E as crianças, filhos de imigrantes, qual a sua percepção delas? Elas interagem com as crianças brasileiras? Sabe se existe preconceito, um apelido?
- 8) Percebe alguma diferença entre imigrantes e não imigrantes? Qual(is) ?
- 9) Você já recebeu alguma queixa dos imigrantes em relação aos brasileiros?
- 10) E por parte dos brasileiros em relação aos imigrantes? Existe algum conflito?
- 11) Existe alguma contribuição mensal das famílias com a ocupação?
- 12) As famílias de imigrantes participam dos espaços da ocupação, como a brinquedoteca? E das festas, reuniões e atividades da FLM?
- 13) Qual o tempo médio de permanência de uma família de imigrantes na ocupação? Os imigrantes ficam mais tempo que os brasileiros?
- 14) O que você acha que faz estas famílias saírem da ocupação?
- 15) Quais as suas expectativas em relação à esta pesquisa?
- 16) Qual é o seu sonho?

ANEXO D

Roteiro para entrevista semi-estruturada– Famílias Imigrantes

- 1) Nome, idade, escolaridade e local de nascimento (fale brevemente dos costumes de onde nasceu) – breve apresentação.
- 2) Qual o seu percurso de migração até chegar ao Brasil?
- 3) Qual seu trabalho?
- 4) Como foi sua chegada na ocupação? Esta a quanto tempo? Quais suas impressões?
- 5) Como vê os problemas de moradia em São Paulo? É diferente da Bolívia?
- 6) Você e sua família participam dos espaços na ocupação, como a brinquedoteca? E as festas e reuniões?
- 7) Você contribui mensalmente com a ocupação?
- 8) Quantos filhos(as) têm? Nasceram no Brasil ou na Bolívia?
- 9) Você acha que as crianças já têm que trabalhar? O que você acha do trabalho infantil?
- 10) Você acha a tratamento igual entre meninos e meninas? Explorar questão de gênero.
- 11) Como era a escola na Bolívia? Percebe alguma diferença das brasileiras? Quais?
- 12) Quais as suas impressões das crianças brasileiras?
- 13) Você espera retornar para a Bolívia? Ou deseja continuar no Brasil?
- 14) Quais os seus sonhos em relação a moradia?
- 15) Quais os seus sonhos em relação aos seus filhos?
- 16) Quais os seus sonhos em relação a você?
- 17) Quais as suas expectativas sobre esta pesquisa?